# REVISTA DA SEMANA

N.º 52 ★ 29-12-51

CR$ 4,00 EM TODO O BRASIL



SOC. HERMES LTDA.

A MAIS IMPORTANTE E PERFEITA ORGANISAÇÃO DE REEMBOLSO POSTAL

RUA MEXICO, 31 - 12.º And. TEL.: 42-5831

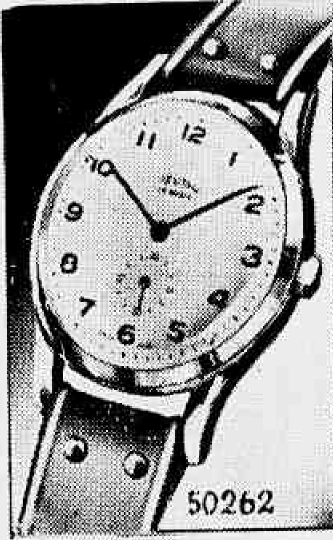
AS VITORIOSAS OFERTAS CONTINÚAM

IMPORTAÇÃO PROPRIA DA SUIÇA - CENTRO RELOJOEIRO DO MUNDO

CAIXA POSTAL 3411 - TELEGRAMAS: "GLADIO"

VENCENDO EM TODO BRASIL




48.562 Bonito relógio suiço, bela apresentação, fundo fosco, máquina suiça, sistema Roskopf c/ 4 Rubis, ponteiro de segundos, artigo de propaganda **168,00**

50.262 - Bonita caixa, fortemente dourada, c/ fundo de aço inoxidável, boa máquina suiça com 15 Rubis, Oportunidade única! **248,00**

46.062 - Bonito relógio suiço; caixa de bôa apresentação, cromada, fundo fôsco, bôa máquina c/ 4 Rubis, ponteiro central. Oferta de propaganda. Cr$ **158,00**

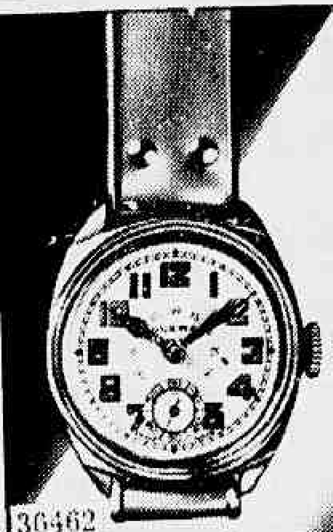
50.562 - Bonita caixa cromada, fundo de aço inox, bôa maquina suiça com 15 Rubis, elegante mostrador claro, numeração dourada. Oferta especial Cr$ **255,00**

36.462 - Modêlo esportivo! Inteiramente cromado, bôa maquina suiça, sistema Roskopf, numeros e ponteiros luminosos. Oferta de propaganda. Cr$ **118,00**

36.762 - Bonita caixa, cromada, fundo fôsco, bôa máquina suiça c/ 4 Rubis, ponteiro de segundos. Resistente pulseira regulável, de aço inoxidavel. Oferta especial. Cr$ **195,00**

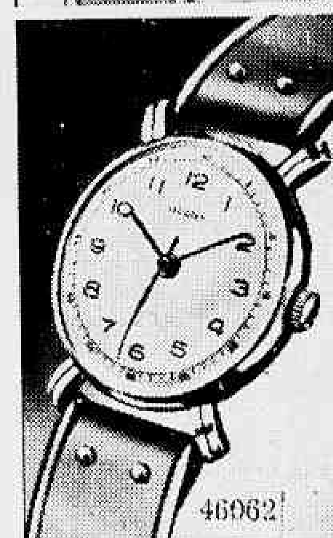
36.662 - Modêlo Gigante! Caixa inteiramente cromada, bôa máquina suiça, mostradores variados, luminosos ou não, ponteiro de segundos, com bonita pulseira cromada. Preço todo especial. Cr$ **138,00**

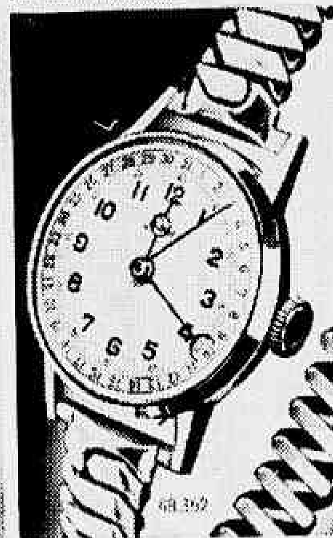
55.162 - Oferta sensacional! Elegante caixa folheada a ouro, espessura fina, máquina de Ancora de precisão, com 15 Rubis, fundo de aço inox, ANTIMAGNÉTICO, ponteiro de segundos. Certificado de Garantia. Preço vantajosissimo. Cr$ **398,00**









82.362 - Bonito relógio, caixa folheada a ouro, fundo de aço inoxidável, bôa maquina suiça, c/ 15 Rubis, elegante mostrador claro, cordonet de seda. Certificado de Garantia. Cr$ **378,00**

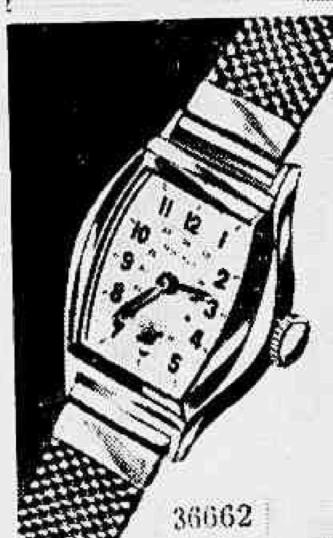
83.862 - Moderno relógio suiço, caixa e pulseira folheadas a ouro, fina máquina de Ancora com 15 Rubis, amplamente garantida. Vidro lente. Belo adôrno por preço todo especial. Certificado de Garantia Cr$ **595,00**

55.462 - Modernissimo DATOGRAF! Elegante caixa folheada a ouro, de espessura extra fina, fundo de aço inoxidavel, superior máquina de Ancora, de precisão, com 17 Rubis, ANTIMAGNÉTICO, rico mostrador claro c/ 2 janelas marcando dia e mês. Ponteiro central, ponteiro indicando dia do mês. Certificado de Garantia. Um belissimo adôrno de grande utilidade! Cr$ **985,00**

83.362 - Bonito relógio folheado a ouro, fundo de aço inox, bôa maquina suiça, c/ 15 Rubis. Mostrador claro, numeração dourada, vidro lente. Dispõe de pulseira inteiramente folheada. Bela apresentação. Certificado de Garantia. Oferta de propaganda. Cr$ **498,00**

65.662 - Modêlo bonito! Caixa folheada a ouro, fundo cromado, fosco, bôa máquina suiça, sistema Roskopf, mostradores variados. Cordonet de seda. Cr$ **238,00**

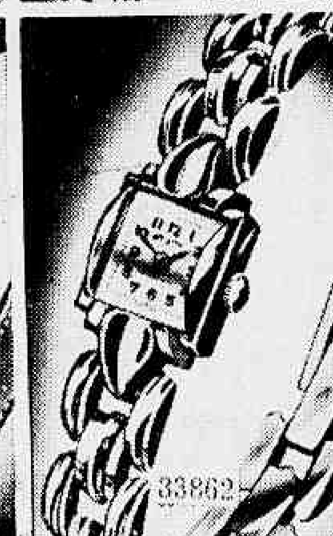
46.462 - Modêlo de rica apresentação! Caixa gigante, esportiva, folheada a ouro, fundo de aço inox, bôa maquina suiça c/ 15 Rubis, IMPERMEAVEL, ANTIMAGNÉTICO, mostrador claro, numeração dourada, ponteiro central, com moderna pulseira esportiva, folheada a ouro, tipo corrente, c/ mola no centro. Certificado de Garantia. Oferta vantajosissima Cr$ **438,00**

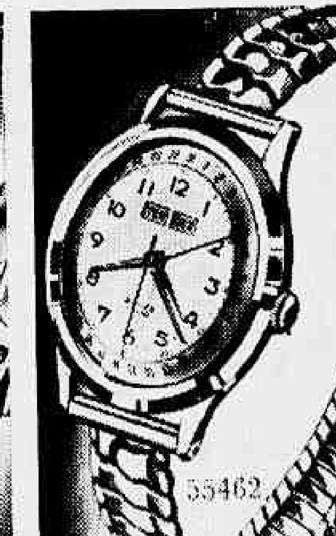


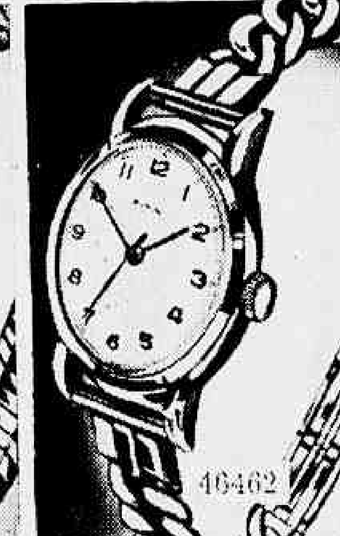


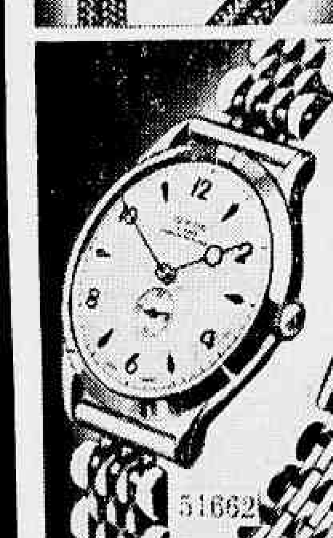


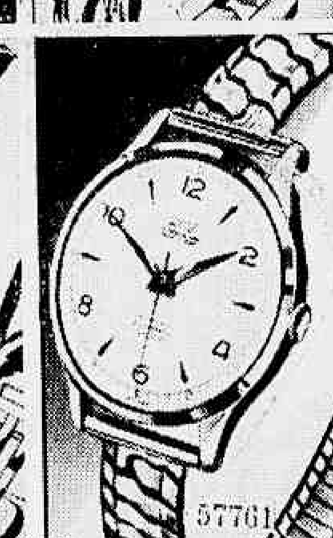



51.662 - Apresentação belissima! Caixa tamanho "gigante", folheada a ouro, fundo de aço inoxidável, bôa maquina suiça c/ 15 rubis, ANTIMAGNÉTICO, com elegante pulseira folheada a ouro, de superior qualidade. Certificado de Garantia. Uma bela joia por preço especial Cr$ **438,00**

57.761 - Relógio AUTOMÁTICO! Caixa tamanho "gigante", folheada a ouro, fundo de aço inoxidavel, maquina finissima de Ancora, de precisão, com 15 Rubis, AUTOMATICO (da corda a si mesmo), ANTIMAGNÉTICO, INCABLOCK, mostrador claro, numeração dourada em alto relêvo, ponteiro central. Moderna pulseira estensivel, tipo Royal, folheada a ouro, de qualidade superior. Certificado de Garantia Cr$ **890,00**

47.162 - Modêlo "Gigante"! Grande caixa, inteiramente dourada, reforçada, com maquina suiça, sistema Roskopf, com dispositivo para medir TEMPO e DISTANCIA. Preço de propaganda Cr$ **218,00**

10.662 - Relógio de bolso, inteiramente cromado, boa máquina suiça, sistema Roskopf, oferta especial **98,00**

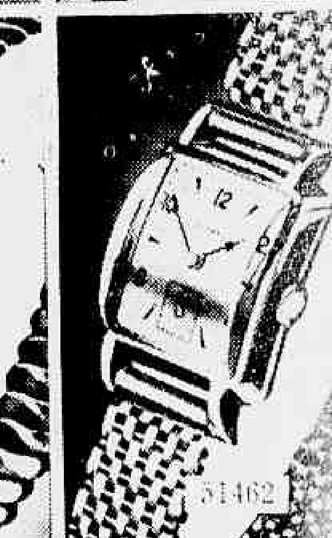
51.262 - Calendario! Indica hora e dia. Caixa folheada a ouro, de fina espessura, fundo de aço inox, superior máquina de Ancora de precisão, com 15 Rubis, ANTIMAGNÉTICO, mostradores claros, variados, c/ excelente pulseira estensivel, folheada a ouro, tipo Royal, fundo de aço inoxidável. Certificado de Garantia Cr$ **628,00**

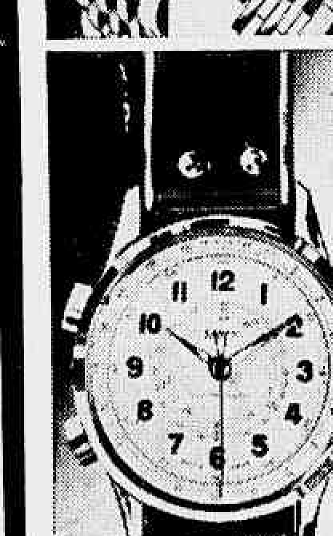
51.462 - Elegante modêlo, caixa folheada a ouro, fina maquina suiça com 15 Rubis, ANTIMAGNÉTICO, mostrador claro, com numeração dourada, ponteiro de segundos, bonita pulseira folheada. Fornecido com Certificado de Garantia. Cr$ **375,00**

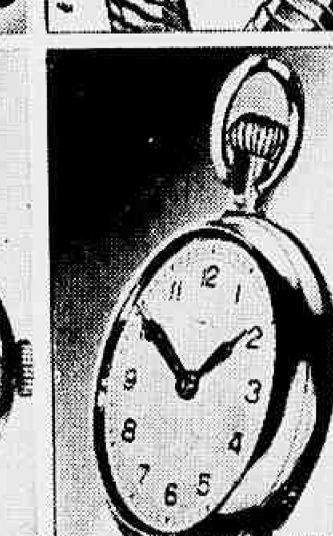
12.962 - Relógio c/ corda de 8 DIAS! Caixa fortemente cromada, superior maquina de precisão, com 15 Rubis, corda de 8 dias, mostrador esmaltado, 2 tampas protetoras. Certificado de Garantia Cr$ **475,00**

11.562 - Despertador de bôlso! Forte caixa inteiramente cromada, bôa maquina suiça, sistema Roskopf, c/ 7 Rubis, numeração luminosa, toque agradável. Dispositivo para colocar na mesa. De grande utilidade. Preço vantajoso Cr$ **250,00**




ATENDE-SE COM PRAZER AO BALCÃO

SOC. HERMES LTDA.

RIO DE JANEIRO

R. MEXICO, 31 - C. P. 3411 - TELEGR. "GLADIO"

CUPOM RS

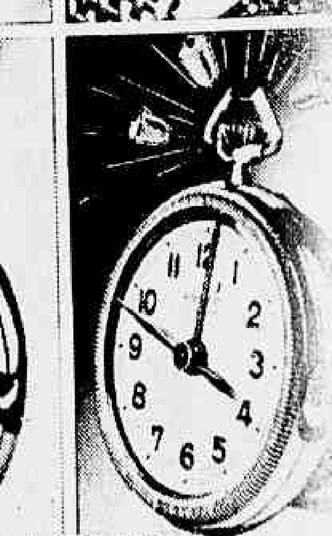
NOME ______

RUA ______

CIDADE ______ ESTADO ______

ENVIE NOS ESTE CUPOM JUNTO COM SEU PEDIDO DE RELOGIOS E RECEBERA GRATIS ESTA AGENDA DE 1951




PEÇA OS NOSSOS CATALOGOS COLORIDOS DE RE... BI JOUTERIAS JOIAS-ARTEFATOS DE COURO E OBJETOS PARA ...ENTES

A ONU EM PARIS

# PARA DECIDIR A SORTE DO MUNDO



MME. ROOSEVELT, um dos mais importantes elementos da delegação norte-americana, ouve um discurso.

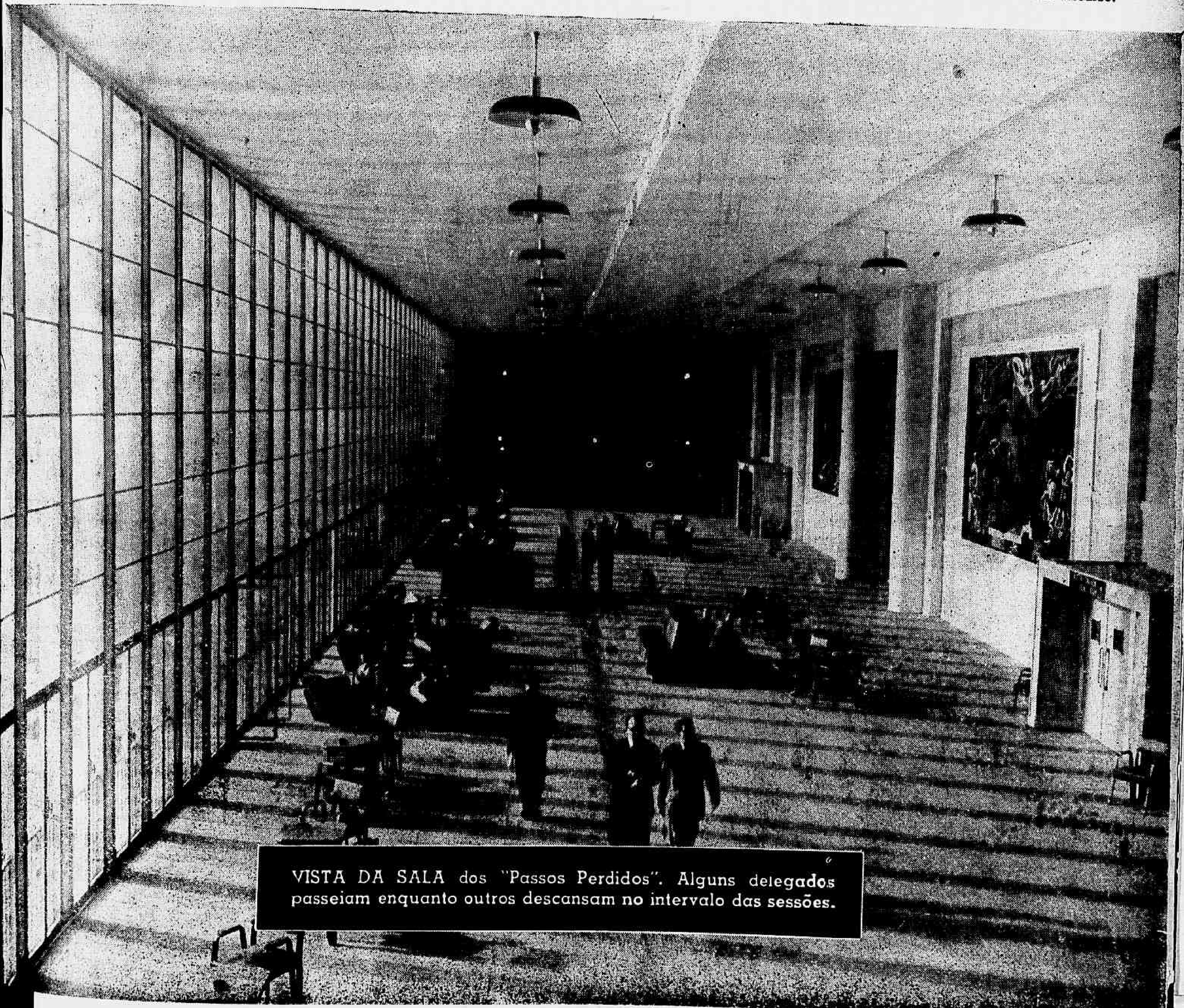
## SESSENTA NAÇÕES REUNEM-SE NO TEATRO DO PALAIS DE CHAILLOT ★ QUINHENTOS JORNALISTAS E 250 AGENTES DE POLÍCIA ★ 16.000 DISCOS GRAVAM AS BATALHAS VERBAIS ★ 1.500 PARES DE FONES TRANSMITEM OS DISCURSOS EM TODOS OS IDIOMAS

O mais importante acontecimento do ano que finda, foi, indiscutìvelmente, a última reunião das Nações Unidas na capital da França, que se estendeu por uma série ativíssima de sessões. Todos os 60 países irmanados pelos laços da Organização das Nações Unidas, sociedade internacional que substituiu a antiga Liga das Nações, compareceram a Paris, que se esforçou para acomodar aquela multidão de forasteiros vindos de todos os recantos do globo.

O govêrno francês, em tempo recorde, construiu edifícios, que terão a vida de pavilhões de exposições, para nos mesmos hospedar os delegados do mundo. Para isso teve que mobilizar dois mil e duzentos operários, os quais adaptaram o antigo e famoso Palais Chaillot às finalidades da nova Assembléia da ONU, erguendo vários outros edifícios, como num acampamento gigantesco, para acomodar o mundo em visita à França.

Tudo ali não era mais francês, e sim território internacional, onde tumultuavam povos de todos os quadrantes da terra dividida por línguas, raças, ideologias políticas e complicações de tôda espécie. Na nova Babel do século XX foram instalados quinhentos escritórios, doze salas de comissões, três restaurantes, grande sala dos "Passos Perdidos", enfim, tôdas as comodidades que possam tornar agradável a vida dos delegados de sessenta nações na luta pela paz mundial.

O mundo foi informado de tudo através das agências telegráficas e de 500 jornalistas presentes ao magnífico encontro de povos. Além disso, são públicas as Assembléias, e às mesmas compare-



VISTA DA SALA dos "Passos Perdidos". Alguns delegados passeiam enquanto outros descansam no intervalo das sessões.




MLLE. MARTINA Laignelet, batizada como "Pin-up da ONU", é parisiense e está encarregada da venda de todos os jornais estrangeiros da Assembléia.



DURANTE UM dos intervalos de sessões, Mr. Warren Austin, da delegação norte-americana, toma uma xícara de chá com um dos seus numerosos amigos.

ceram mais de mil espectadores, notando-se grande número de representantes do sexo frágil.

Para ter-se uma idéia do que é a atual reunião internacional, explique-se o serviço telefônico. Sua mesa de ligações é comparável à de uma cidade de 80 mil habitantes, com a particularidade de não se falar uma lingua e sim várias. Para examinar os 1.500 pares de fones, sendo 600 dêles destinados a delegados e seus assistentes, uma jovem fica a postos durante todo o tempo das sessões. Para obter-se a tradução simultânea do discurso que estiver sendo proferido por um delegado, basta dar volta a um botão especial fixado sôbre cada uma das cadeiras. O ouvinte escolhe uma das cinco linguas admitidas à Assembléia, e poderá ouvir o que o discursador estiver pronunciando.

Para registrar as torrentes de palavras que seriam pronunciadas no Palais Chaillot, foram enviados dos Estados Unidos 16 mil discos e registradores sonoros de modelos aperfeiçoadíssimos. A Assembléia das Nações de 1951, tem por cenário o próprio centro da Cidade-Luz, destacando-se ao fundo, como um símbolo, a Tôrre Eiffel, gigantesco ponto de admiração diante dos problemas da humanidade inquieta.

Cada manhã, os agentes de polícia se entregam a uma cerimônia que bem diz da magnitude de-



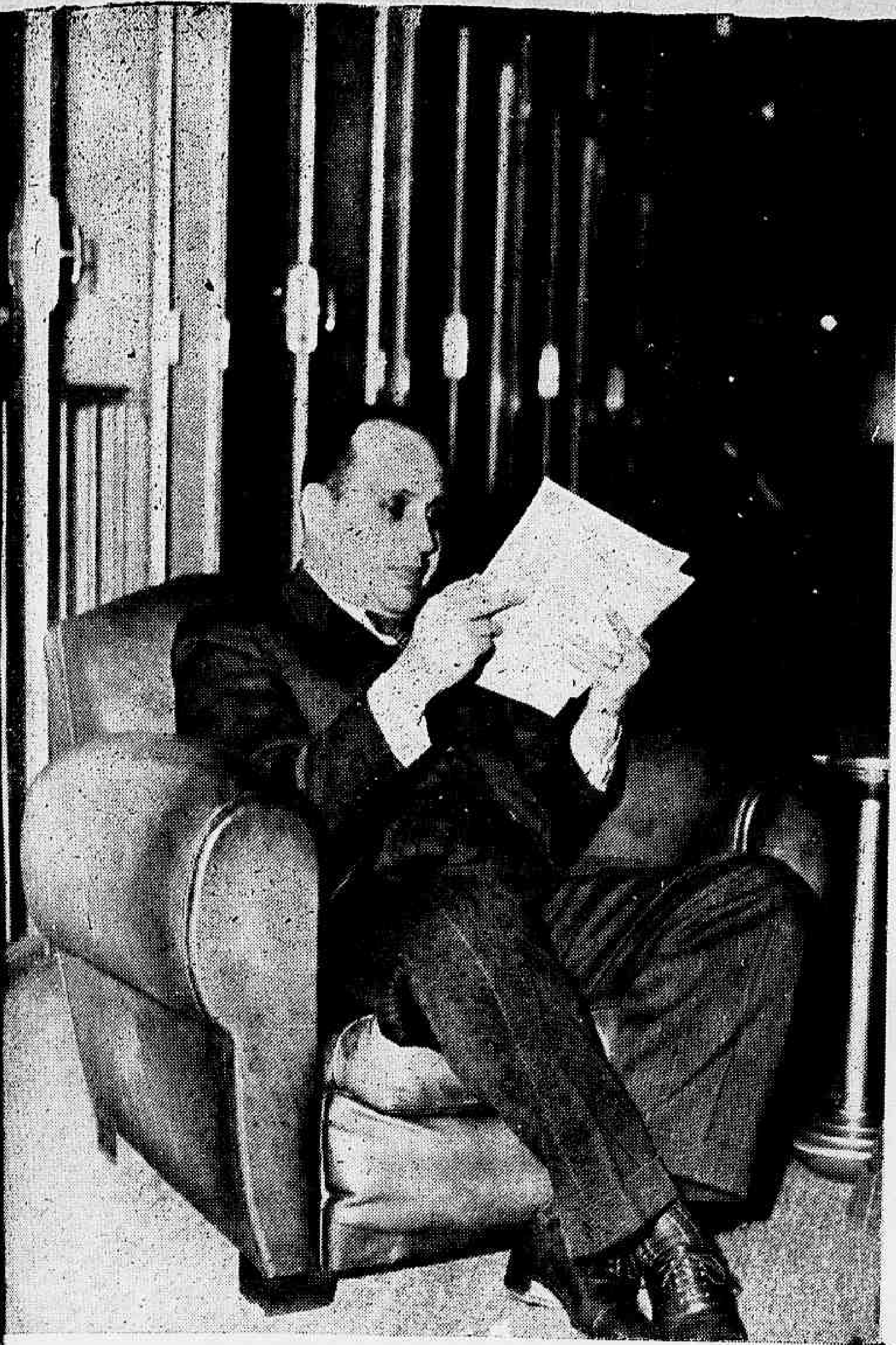

SR. MONIZ DE ARAGÃO, embaixador do Brasil na França e chefe da Delegação Brasileira na ONU.



O CAP. AMERICANO Sam Dubois, dirige a segurança da ONU e dá instrução a 250 policiais franceses.



PARA OS SERVIÇOS da ONU foram construídos vários andares sôbre o terraço do palácio Chaillot



SALAH EL DIN Pasha, Ministro dos Negócios Exteriores do Egito e chefe da delegação de seu país, lê os últimos relatos oficiais das ocorrências no Cairo.



GRAÇAS A UM FICHÁRIO especial, esta jovem pode dizer em alguns segundos onde se acha instalado o bureau de qualquer delegado ou empregado da ONU.

quele encontro internacional: içam aos mastros as bandeiras das sessenta nações em conferência, como uma esperança de que tudo se acomode nas convulsões da hora presente.

O choque oratório tem sido vivaz e impressionante. A delegação soviética está sempre disposta a rebater as argumentações da dos Estados Unidos, enquanto esta não perde ocasião de contestar os argumentos russos. O duelo dessas duas grandes potências, cada uma interpretando os sentimentos de suas ideologias politico-sociais, tem sido o centro de interêsse dos espectadores e a nutrição principal dos repórteres da imprensa internacional.

A 18 de dezembro, porém, uma novidade aumentou a curiosidade pública e a dos próprios delegados: a presença de dois representantes alemães, um da banda oriental e outro da ocidental. Quando êles estrearam foi um sucesso. Ambos dotados de grande fôrça de expressão, loquazes e eloquentes, examinaram a situação da Alemanha, estudando-lhe os problemas sob o ponto de vista de seus interêsses politicos. Certa ocasião, um dêles falava com voz tão forte, como se estivesse a discursar em praça pública sem microfone, que a mesa de irradiações chamou a atenção, pedindo que diminuisse o timbre de voz, do contrário estouraria os aparelhos e os ouvidos dos que o escutavam.



500 JORNALISTAS de todo o mundo acompanham os trabalhos da ONU. Vemos aqui alguns dêles.



A DELEGAÇÃO da URSS chega à ONU: Malik, Vichisky e Pavlov (o barbado) embaixador na França.



VICHINSKY, (o de óculos) segredando algo muito importante ao ouvido de seu assistente, Sr. Jacob Malik.



A ESTA JOVEM é confiada a ingente tarefa de verificar os 1.500 pares de fones, sendo 600 dêles reservados aos membros das delegações e o restante ao público.

VISTA PARCIAL da grande e solene Assembléia da ONU realizada em Paris, para decidir dos destinos dos povos diante dos perigos de nova guerra mundial.




Depois dos encontros e das batalhas da palavra inflamada, os delegados deixam a imensa e belíssima sala do teatro Palais Chaillot e vão para o ambiente dos Passos Perdidos, onde se instalam em cômodas poltronas estofadas, para ler jornais e revistas, dar um dedo de prosa com os amigos, trocar idéias sem as exigências protocolares da sala das sessões. E muitos, vencidos pelo cansaço, ferram no sono e sonham com um mundo mais cordial e compreensivo.

A delegação norte-americana se fêz acompanhar de um serviço de proteção próprio, sob a chefia de um capitão, Sam Dubois, que é também encarregado do serviço de segurança geral da ONU em Paris. Mr. Dubois, pelo sobrenome, está-se vendo que descende de franceses. E' um oficial elegante, educado e ciente de seus deveres, procurando manter tudo na maior ordem, como sempre o fêz em Lake Success, onde tem as mesmas funções. Sob sua direção tem oito guardas norte-americanos, e aos mesmos dá ordens de rotina e superintende todo o policiamento dos 250 agentes policiais de França, em serviço no recinto da Assembléia.

Todos os dias, antes da abertura das sessões, os jornalistas vão ler, em grandes quadros de madeira, o programa da sessão a realizar-se, os próximos discursos e os seus oradores. Como não poderia deixar de ser, a faceirice parisiense ditou sua moda na Assembléia, amenizando os momentos de inquietação e de rispidez entre os choques políticos de delegados adversos. E' que foi "eleita" a linda parisiense Martine Laignelet, uma jovem de 17 primaveras, a mais bonita garôta daquela Babel. A "pin-up da ONU", de 1951, se encarrega da venda de todos os jornais estrangeiros na As-

sembléia, encantando a quantos se aproximam de seu reino poliglótico.

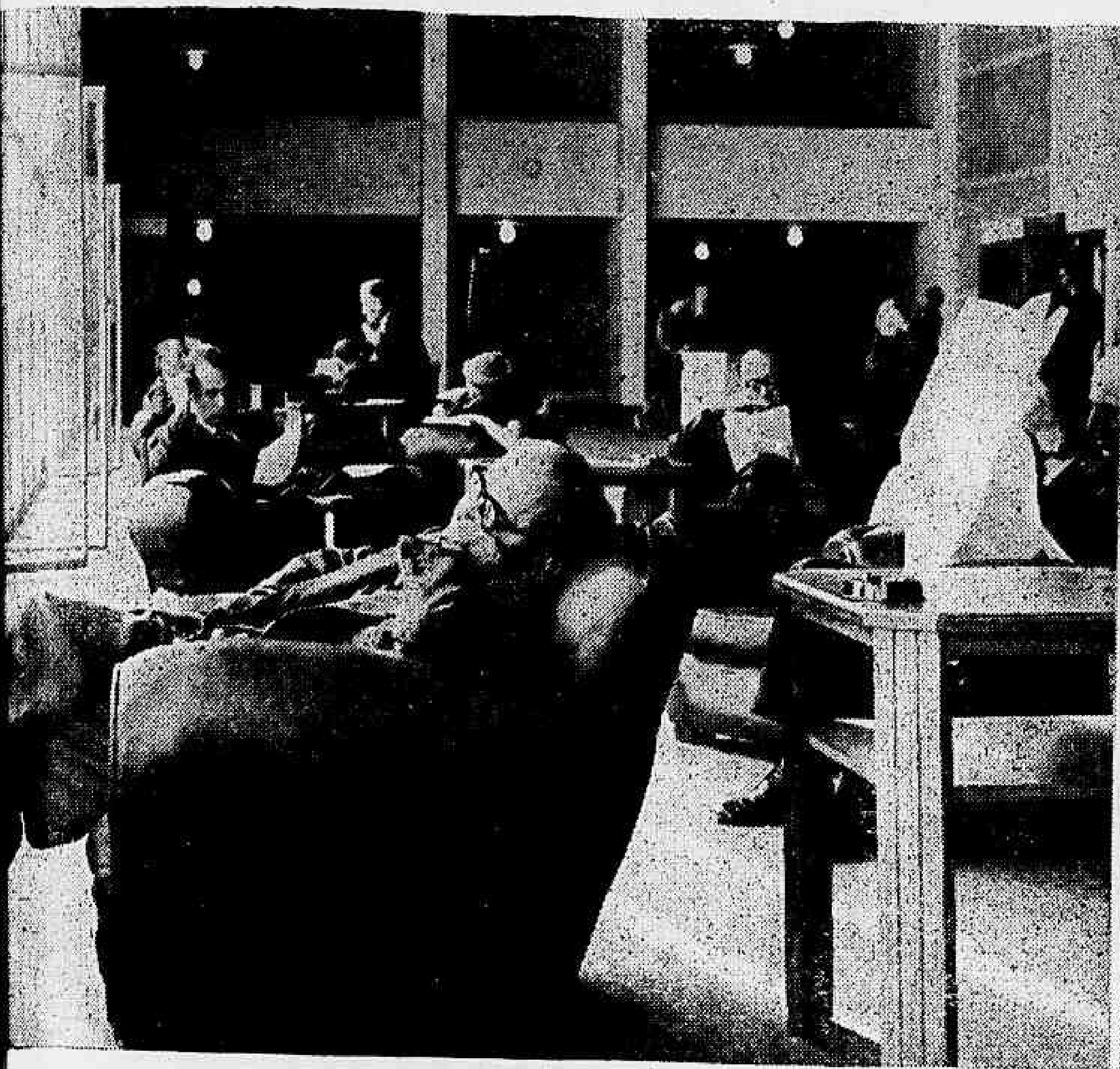
Para os que não estão habituados ao pitoresco de indumentos que há por êsse mundo, é curioso ver-se como traja, por exemplo, o Sr. Salah El Din Pasha, Ministro dos Negócios Estrangeiros do Egito e chefe da delegação de seu país na Assembléia. Cada representante de uma nação se apresenta com as características próprias de seu país, atraindo a curiosidade dos que vão apreciar o que se passa naquele comício internacional.

Que resultará de tudo isso? O mundo inteiro está de olhos pregados nas notícias dos jornais e acompanha com o mais vivo interêsse o desenrolar dos acontecimentos na palavra dos maiores responsáveis pela Paz e pela guerra. A humanidade, que ainda não se curou das feridas que a segunda grande conflagração lhe abriu em tôdas as partes do corpo, seria lançada na maior das desgraças se uma terceira guerra mundial estourasse, envolvendo os cinco continentes na fúria da destruição generalizada. O Direito das Gentes tem evolucionado muito, e as nações mais civilizadas sabem que é preciso viver em paz. O que falta para êsse acôrdo é a compreensão mútua, a renúncia de parte a parte de pontos de vista perfeitamente arredáveis. A atual Assembléia das Nações Unidas tem sido profícua e muitas das divergências anteriores estão sendo aplainadas e desaparecerão, por fim, para a felicidade e vitória do bom-senso. O homem não deve ser o lôbo do seu semelhante, e sim, elemento de que se serve a natureza para a construção da paz e da harmonia geral. E foi para isso que a ONU convocou tôdas as nações para o Palais Chaillot, em Paris.

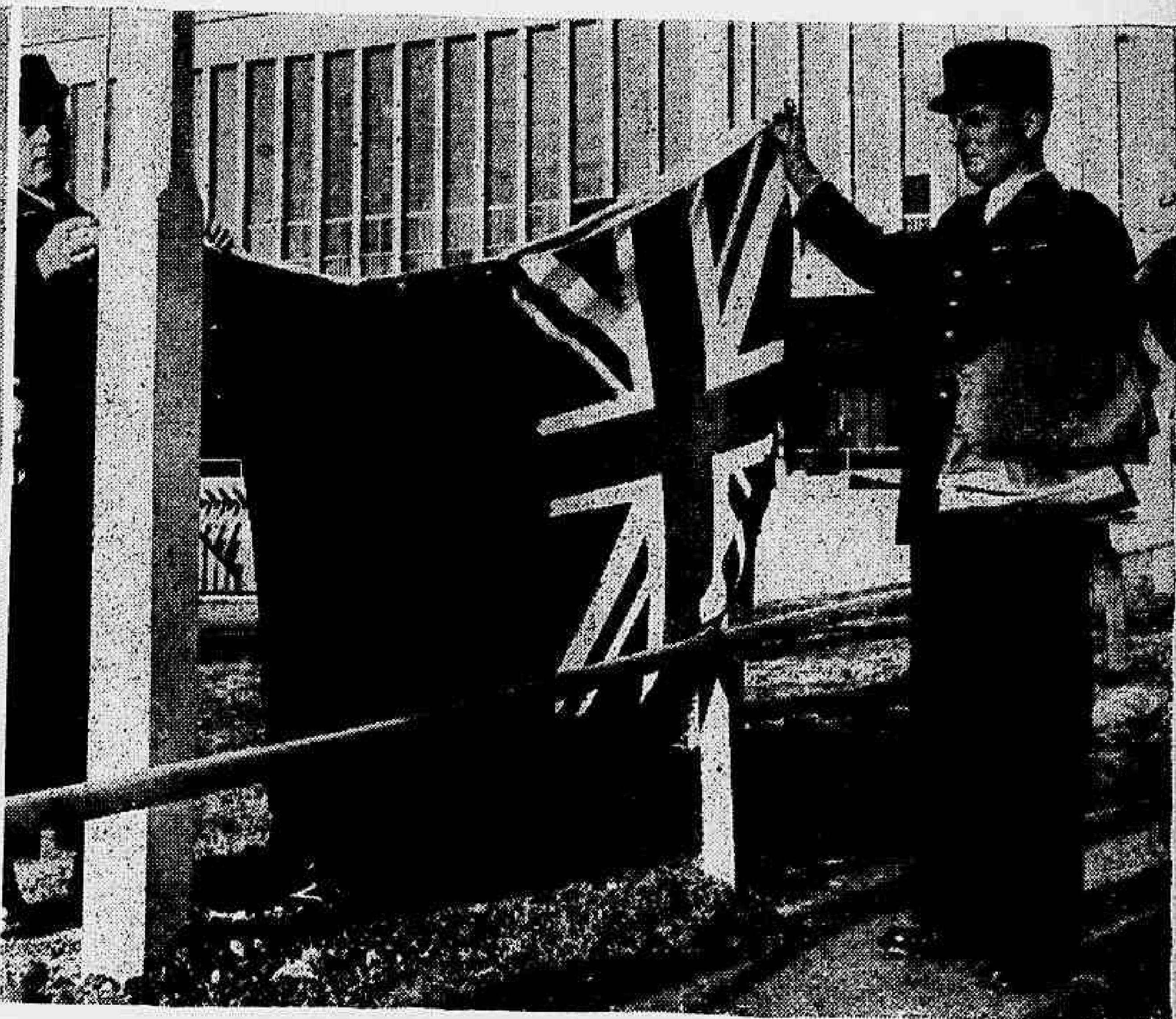


**ÊSTE PITORESCO cidadão que está à espera de seu carro, é Khizan Hayat Khan Tiwana, do Paquistão.**

★



**DURANTE A SUSPENSÃO das sessões, delegados e assistentes procuram distrair-se um pouco, a ler, conversar, ou mesmo em dar um reparador cochilo...**



**CADA MANHÃ, antes da abertura da sessão, os agentes de polícia do serviço, içam nada menos que sessenta bandeiras das nações ali representadas.**



**ALGUMAS DAS MULHERES a quem estão entregues os serviços de limpeza das salas das sessões, se aprestam para deixar tudo limpo antes da reunião.**

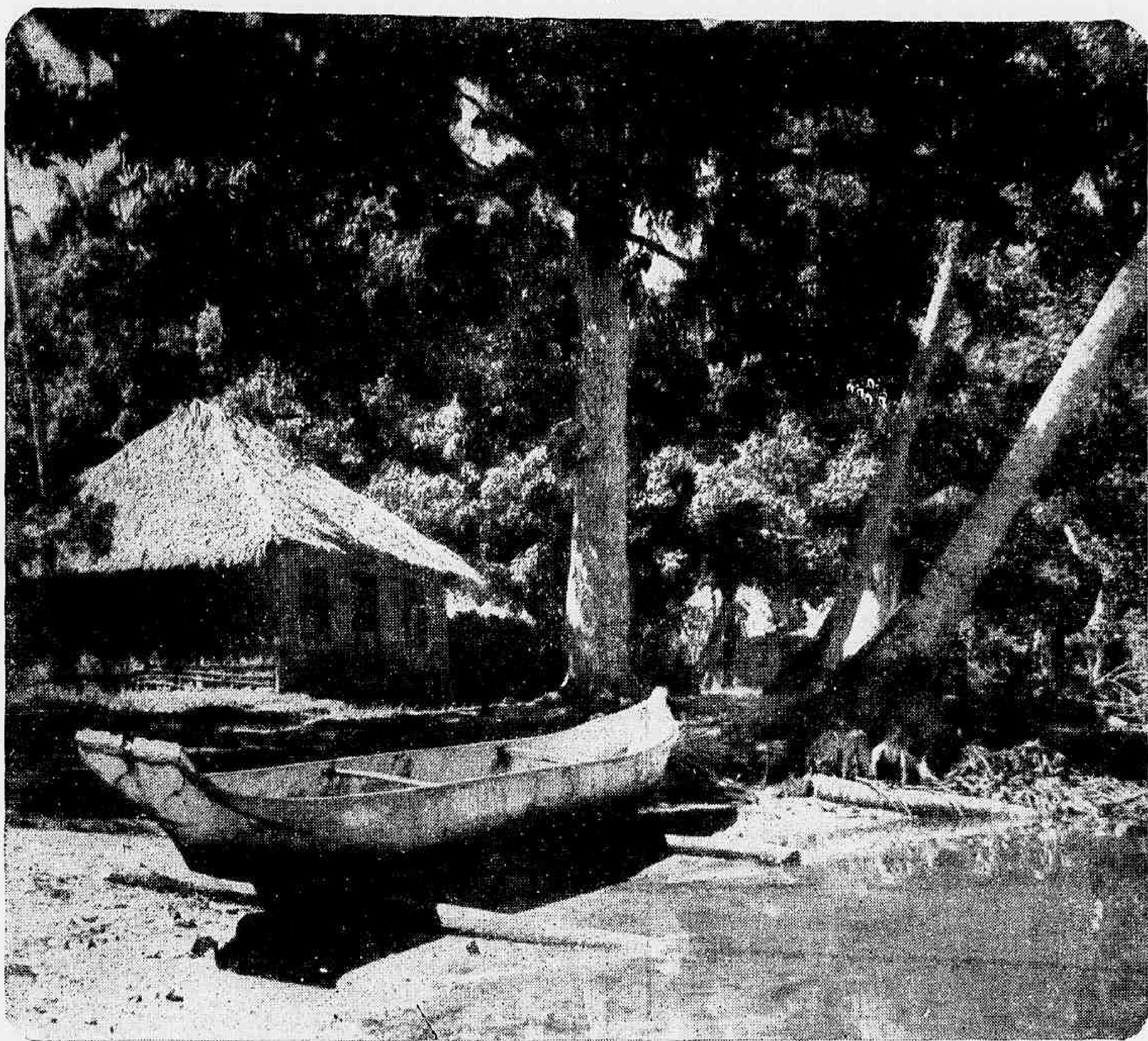


**OS QUATRO CIDADÃOS que estão aqui discutindo animadamente, pode ser que não combinem politicamente falando; mas quanto ao "menu", estão em paz!**

# CIVILIZAÇÃO




1951 — TOMA, TOMA! VEJA SE ELA NÃO EXPLODE NA SUA MÃO!...



# Saudade da terra

CHOVE. Uma chuva mansa, de inverno, demorada e cinzenta, envolvendo a vila num chale de silêncio nevoento. A janela faz moldura a uma paisagem diferente. Meus olhos se recusam a olhar por trás das janelas e as casas de madeira, já tão familiares, me parecem demasiado estranhas para estarem, agora, ao meu redor. Nunca morei nessas casas. Nunca ouvi essas vozes misturadas com línguas da Europa. Tenho saudade dos meus ranchos, onde o castelhano e o brasileiro se misturam fazendo uma linguagem única e pitoresca, feito música para os ouvidos da gente, onde os homens falam em chinas e cavalos e as mulheres trançam os cabelos para os olhos dos homens. Tenho saudade dos ranchos de chão batido, barreados com barro sovado à pata de cavalo, de teto de palha, por cima do qual o minuano assobia como quem procura briga, sentindo-se mais forte e, por isso mesmo, provocando.

O frio da minha terra é diferente. Lá, o minuano é dono do campo, ronda os ranchos, espia nas frestas e ri, e sopra sôbre o lombo dos animais arrepiando o pêlo alto de inverno. Tenho saudade dos meus ranchos. A estas horas, sob uma chuva assim, as mulheres estão enchendo mate e os homens estão em roda do fogo, chupando na bomba e contando histórias com os olhos perdidos no tempo, relembrando coisas. Aqui, há pinhão cozido e pipoca nos serões de inverno. Lá, só há chimarrão e conversa. Mas, que saudade daquele chimarrão e daquelas conversas quase dolorosas, evocativas, lentas, como se os homens, levantando aos poucos o véu das coisas que se foram, temessem falar mais alto com mêdo de assustar as coisas mortas com a voz dos vivos.

Aqui, a vila mergulha na escuridão ao cair da noite. Lá, a noite vem devagarinho, como as vacas quando entram na mangueira, gemendo baixinho como quem se despede do sol. E os homens, que recolhem os terneiros, assobiam, de leve, as rancheiras de que meus ouvidos estão cheios e que, seguidamente, me acodem aos lábios, com o doce sabor da comida de casa. E há sempre uma fogueira luzindo em cada galpão. Há dias em que tudo é estrangeiro e a saudade me angustia. Quanto não daria eu, Senhor, para estar no campo e ouvir a cantilena dos bichos ao anoitecer e sentir o cheiro bom dos pastos úmidos depois da chuva, e correr, descalça, pelas sanguinhas razas que a chuva empoçou na frente do galpão?

THEREZA DE ALMEIDA

# Sumário


REPORTAGENS

A ONU em Paris ........................ 3/7
S. Alteza das Noites Alegres (José Asmar) . 12/15
Mário Viana "ladrão" e "maluco" (Levy Kleiman) ........................ 27/31
Morre a última rainha de Portugal ........ 55/57

LITERATURA

Saudade da Terra (Theresa de Almeida) .. 9
O Natal em 1653 (Américo Palha) ........ 34
O Encontro (Osmar G. Pereira) .......... 38
Ano Novo ........................ 50

ROMANCE

A Insatisfeita (Irene Templey Bailey) .... 22/23

SEÇÕES PERMANENTES

A Semana em Revista .................. 10/11
Personagem da Semana ................ 11
Palavras Cruzadas .................. 44
Puxe pelo cérebro .................. 45
Tudo isto aconteceu .................. 52/53
A Revista há 50 anos .................. 58

FOLHETINS

Capitão Rob ........................ 24/25
Sonhos de Moça ........................ 35

FEMININAS

Dias de Verão (Ramon) ................ 36/37
Sugestões para a praia ................ 40/41
De Paris ........................ 42/43

CINEMA

Fora da Tela ........................ 16/17
A Lâmpada Azul (Cine-Novela) .......... 46/47

TEATRO

A Dama das Camélias .................. 18/21

HUMORISMO

Civilização (Théo) .................. 8
Êste mundo e o outro (Darcy) .......... 26


ILUSTRAÇÕES

Jerônymo Ribeiro — Oswaldo da Cunha — Rafael

FOTOS

José Santos — Fredy — Keystone — Arquivo — Avulsas.

## NA CAPA:



*Janet Leigh*
(Foto M. G. M.)



# A Semana

## Marechal Mascarenhas de Morais



NA tarde do dia 12 de dezembro, todo o centro da cidade foi despertado com as evoluções de uma esquadrilha de aviões de guerra da FAB, em número de oito. Eram caças velozes, que cortavam os céus cariocas em tôdas as direções, voando baixo e, em seguida, subindo quase verticalmente a elevadas alturas, para novamente reunir-se em formações impecáveis. Iam e vinham, sobrevoando a cidade. A população se interrogava: "Que será?". E muitos pensaram imediatamente: "A greve do pessoal da aviação comercial, terminou, com certeza, e a "FAB" vem congratular-se com todos". Era uma hipótese aceitável, dadas as noticias de que, se não cessasse o movimento, o govêrno federal convocaria os grevistas para o serviço da Aeronáutica e incorporaria todo o material de vôo e de manutenção ao serviço militar. Logo depois, entretanto, se sabia que a greve não terminara, continuando a interrogação: "Por que faziam evoluções os aparelhos da FAB?" Com os jornais da tarde se soube do motivo: Homenagem ao Marechal Mascarenhas de Morais. Naquela mesma tarde, em sessão solenissima no recinto da Câmara dos Deputados, eram entregues ao comandante da FEB na frente italiana as insignias do alto pôsto de Marechal do Exército Brasileiro com que foi distingüido Mascarenhas de Morais ao reverter à ativa no Exército. A solenidade foi inédita. Como todos sabem, êsse brilhante militar fôra reformado; mas volta agora às fileiras no pôsto de Marechal, em virtude de uma lei recentemente votada pelo Congresso Nacional. Diante do Palácio Tiradentes, fôrças de tôdas as armas formaram em sua homenagem, enquanto uma bateria o saudava com 21 tiros. E nos ares os aviões "sentavam a pua" da solidariedade.

## Prêmios aos fotografos




*ESTIVERAM, recentemente, na Câmara Municipal, membros da diretoria da Associação de Repórteres Fotográficos do Rio de Janeiro, para, em nome daquela entidade de classe, agradecer ao vereador R. Magalhães Jr. a apresentação de um projeto instituindo cinco prêmios anuais para as melhores fotografias publicadas na imprensa desta capital. Os visitantes, Srs. Raul Machado, Sabino Canalini e Arnaldo Vieira, respectivamente, presidente, 2º secretário e presidente do Conselho Fiscal da A.R.F.R.J., ouviram de viva voz as justificativas do vereador, e sentiram que o assunto fôra ventilado naquele legislativo com a maior simpatia por parte de todos os representantes do povo. Não resta dúvida: o projeto merece apoio total pelo sentido civilizador de que se reveste. Nossa imprensa, especialmente a vespertina, pela sua própria natureza, tornou-se campeã de sensacionalismos na área do crime, e, quando os repórteres fotográficos tiverem a oportunidade de focalizar com suas objetivas outros aspectos de nossa vida, não mais se interessarão pela vulgaridade contida em gente morta ou atropelada estendida aí pelas ruas, e sim, escolherão outros ângulos na intensidade profissional da imprensa. Os prêmios do projeto Magalhães Júnior não podem ser destinados a estimular cenas de horror. A fotografia é uma arte e das mais difíceis, e, quando tais exemplares se destinam à imprensa, têm uma direção: a educação do povo na sensibilidade humana. Boas fotografias que objetivem outros lados de nossa vida social, sem o sensacionalismo macabro, eis ao que deve visar o projeto em aprêço.*

## Trem subterrâneo




OS nossos velhos hábitos de imitar tudo o que vinha de França, levaram engenheiros e turista a dar ao trem subterrâneo o nome de "Metrô". Alguns acham que isso é esnobismo e pronunciam mesmo à portuguêsa: Metro, com acentuação tônica no e, como quem diz: um metro de fita, um metro de fazenda. Mas, seja *metrô*, seja *metro*, o que não pode ser permitido é que chamemos assim a uma coisa que nada tem de parentesco com o "Metropolitano" lá de Paris. Se os franceses deram êsse nome ao seu trem subterrâneo, foi porque a emprêsa que o executou e o explora se chama Metropolitana. Ora, nosso trem subterrâneo não está sendo levado a efeito por nenhuma sociedade privada com êsse nome. E' a Prefeitura que o vai executar e explorar. Para que, então, o batismo afrancesado sem nenhuma razão de ser? Os norte-americanos chamam ao seu trem sob a superficie da terra de "Subway", isto é, caminho subterrâneo. Nós devemos encontrar uma denominação para o nosso antes de êle nascer. Não há qualquer eiva de chovinismo nisso; mas sempre é bom batizarmos com designações nossas aquilo que é nosso e feito pelos nossos. O patriotismo não se limita, apenas, a defender a pátria nos campos de batalha. E' também dever de patriotismo zelar pelo patrimônio nacional em todos os sentidos, especialmente no que se refere à lingua materna. Não querendo formar proselitismos, poderiamos ir-nos habituando a chamar ao nosso transporte por debaixo da terra de *sub*, excelente resumo de subterrâneo, ou de trem subterrâneo. Digamos, pois, o nosso "sub" vai ser construido agora, pois o Prefeito já entregou à Câmara Municipal o anteprojeto autorizando a construção. Um viva ao nosso *sub!*

# Em Revista

## A população do Rio

SEGUNDO os dados estatísticos do último recenseamento, estava o Rio de Janeiro, àquela época, com cêrca de dois milhões e quatrocentas mil pessoas. Uma das curiosidades é a seguinte: dessa massa de gente, quantos indivíduos teriam nascido no Distrito Federal? Eis a soma exata: 1.223.460, cabendo ao sexo feminino, 627.327 e ao masculino, 596.133. Quanto aos estrangeiros? Eis a conta: 195.881. Do total de habitantes, eram brasileiros vindos de outros Estados nada menos de 942.812, que, somando-se aos estrangeiros, perfazem um total de quase 1.140.000 pessoas não nascidas no Rio. Vemos, pelos dados oficiais, que a população do Distrito Federal se divide em: metade nascida aqui mesmo, e a outra vinda de fora, entre estrangeiros e nacionais de outras plagas brasileiras. Mas, segundo os mesmos dados oficiais, o que mais surpreende é a percentagem de brasileiros de outros Estados que aqui vivem. Para muita gente o Rio está cheio de cearenses; para outros, o Estado do nordeste que mais gente nos manda é o da Paraíba; há muitos que acham serem os baianos os elementos brasileiros de maior vulto em terras cariocas. Mas tudo isso é falso. A colônia estadual de maior contingente no Rio é a fluminense, com 360.324 pessoas. Em seguida vem Minas Gerais, com 191.917 montanheses, que, sòzinhos têm mais gente do que todos os Estados do Nordeste brasileiro reunidos! Quantos nordestinos havia no Rio àquele tempo? 139.221. Outra curiosidade: em 1872, a população estrangeira do Rio era de 31%, descendo hoje à modesta casa de 8,24%! Portanto, cariocas, fluminense e mineiros é que dominam a Cidade Maravilhosa.




## Curiosidades imigratórias




MANTÉM o govêrno brasileiro lá pela Europa, em várias capitais, escritórios destinados a selecionar elementos de trabalho para a agricultura, pecuária, ou serviços técnicos que desejem vir para o Brasil. Muita gente tem vindo sob as condições legais, e imediatamente encaminhada aos seus destinos, depois do estágio regulamentar na Ilha das Flores. Mas, segundo relatam jornais do Rio, há casos de evidente fraude no encaminhamento de emigrantes europeus para o nosso país. Dentre muitos divulgados pela imprensa, um se destacou como quase escandaloso: um casal de velhos italianos, sendo êle de profissão não incluída na lista dos que devem emigrar para cá: barbeiro. O velhinho cortava cabelos e raspava a cara dos patrícios lá na Itália, e agora queria fazer o mesmo aqui no Brasil. Mas, — por Deus! — de barbeiros está repleto êste país! Outros que emigraram em direção à Guanabara eram de profissões absolutamente dispensáveis para nossa economia. Ninguém quer mais ir para a lavoura aí pelo interior. Todo mundo quer ficar em casas comerciais na zona sul. E muita gente está chegando de fora e aqui desembarcando indesejàvelmente. Em muitas casas do Leme, por exemplo, há empregados que não falam uma palavra de português, e que não sabem o que é farinha, quiabo, charque... Enquanto isso se dá, vemos um agrônomo Aram Manvelin, armênio naturalizado persa, que veio trabalhar na agricultura no Brasil e pede que as autoridades públicas o mandem de volta para Milão, pois não veio fazer turismo aqui e sim trabalhar; mas num país essencialmente agrícola, um agrônomo morre de fome.

## Carlitos volta a produzir

COM a reprise de "Luzes da Cidade", em alguns cinemas de bairro e um no centro, lançador, tôda a população do Rio se empolgou com a arte inimitável de Charlie Chaplin. Há milhares de pessoas ainda na juventude que não conhecem Carlitos, cinematogràficamente falando. E, ao vê-lo desempenhar-se na tela, numa pantomima dramática da intensidade humana de "Luzes da Cidade", êsses jovens não podem ocultar sua surprêsa em face do maior cômico de todos os tempos. Não seria o caso de as emprêsas exibidoras trazerem, novamente às telas, outras obras imortais de Carlitos, como "Tempos Modernos", "Golden rush" (cuja denominação em português foi "Fome de Ouro", ou "Corrida para o Ouro"), além de outras películas de grande beleza artística do famoso comediante? Um filme de Chaplin é sempre novo, tal a intensidade humana de que se reveste. Daqui a um século, suas películas serão exibidas com o mesmo sucesso com que foram festejadas nas estréias e atualmente. Mas uma notícia alviçareira acaba de ser divulgada pela imprensa: Carlitos está rodando um novo filme, a que deu o nome provisório de "Limelight". E' uma produção em que êle não aparece com as velhas características de "vagabundo", mas representando um tipo social em decadência comercial. Seja como fôr, um filme de Carlitos é sempre bem recebido e admirado; mas não se pode negar que sua Arte está tôda compreendida nos tipos proletários, nos desgraçados da sargeta, nos esquecidos da sorte. Sem aquela indumentária típica, êle não poderá realizar os temas sociais que lhe deram fama, dinheiro e inspiração. A figura do "vagabundo" é inseparável de Chaplin.



## A PERSONAGEM DA SEMANA



Presidente Getúlio Vargas

O assunto da semana foi petróleo. Assunto que vem apaixonando as diversas correntes de opinião do país. Mas não podia ser de outra maneira. Neste mundo mecanizado, dir-se-ia que o petróleo já não é mais apenas sangue da terra, e sim, também, sangue dos homens, e, conseqüentemente, sangue das nações. O Sr. Getúlio Vargas, ao voltar ao Govêrno da República, de certo tinha idéias a respeito do problema. Mas teve que reajustar o seu pensamento nos limites da realidade. E assim, após quase um ano de estudos, chegou a uma conclusão, de que resultou agora a mensagem enviada ao Legislativo. S. Excia. se inclinou no sentido de afastar do Estado a responsabilidade completa e direta na exploração do petróleo. E é fora de dúvida que o fêz dentro do ponto de vista, entre nós, infelizmente, muito aceitável, e que o govêrno, em geral, não é bom industrial. A exploração do petróleo é negócio rendosíssimo, mas a prospecção é um ônus bem pesado. O projeto do Govêrno, dest'arte, procurou assegurar ao Estado o contrôle do assunto, sugerindo a maior inversão possível de recursos brasileiros. E para os que podem ver o problema sem paixão, a exposição presidencial é um documento sério, embora possa sofrer restrições em certos pontos. Achamos, pois, que o fato é da maior importância e constitui um grande passo à procura da solução da questão. Não há dúvida que o Legislativo deverá reajustar certos aspectos da legislação projetada, rever melhor as fontes de recursos aventadas, de modo a completar o trabalho do Executivo. Mas esta mensagem de repercussão internacional, pelo seu conteúdo, e, em face do problema que aborda, foi o grande acontecimento da semana, e, sem favor, o maior ato praticado, até agora, pelo atual Govêrno.


CICLISTAS!

Êste é o novo




O MAIS PERFEITO FREIO CONTRA PEDAL DO MUNDO

FABRICADO E GARANTIDO PELA




PERRY CHAIN COMPANY LIMITED
BIRMINGHAM - - - INGLATERRA



OS TRÊS CAVALHEIROS numa de suas freqüentes reuniões noturnas, em lugares onde a sociedade se diverte ou pensa que o faz: Ali Khan, pensativo, entre os sorrisos do príncipe de Orleans (à direita) e Jorge Guinle, seus amigos brasileiros. Ao fundo, um painel do Pão de Açúcar emprestando uma nota bucólica ao ambiente...

# SUA ALTEZA DAS NOITES ALEGRES

**ALI KHAN DEPOIS DE GILDA ★ UM SUSTO NA MADRUGADA ★ A GUERRA DE NERVOS DOS ROMANCES FRIOS NO CLIMA TROPICAL... ★ O FILHO DE AGA KHAN PREFERE O AMBIENTE DO OCIDENTE MODERNO E SABE VERSOS DE COR!**

Texto de JOSE' ASMAR

NESTA outra visita ao Brasil. Ali Khan deu mais o que falar do que disse aos repórteres que o buscaram, desde o seu desembarque no aeroporto internacional do Galeão na manhã de sexta-feira, dia 23 de novembro. Como era de esperar-se, as primeiras perguntas foram sôbre a situação com Rita Hayworth, isto é, sôbre a sua separação. O príncipe, turista quase profissional, externou qualquer coisa sôbre reconciliação. Foi o bastante para as agências telegráficas transmitirem o assunto ao exterior e, logo, vir a réplica de Hollywood: Rita se mantinha irredutível no divórcio. E Ali foi, no seu terno cinza "bem talhado" (como classificaram os cronistas sociais), comer no "Bife de Ouro", em companhia do seu amigo Jorge Guinle, da Sra. Dolores Guinle (num vestido de corpete prêto e saia de gaze branca), mais a Srta. Dora Junqueira (vestido de sêda estampada e fumando por uma piteira de âmbar).

AMIGOS E CAVALOS

Ali Khan manifestou-se, desde os primeiros minutos no Rio, sôbre o objetivo da sua vinda:



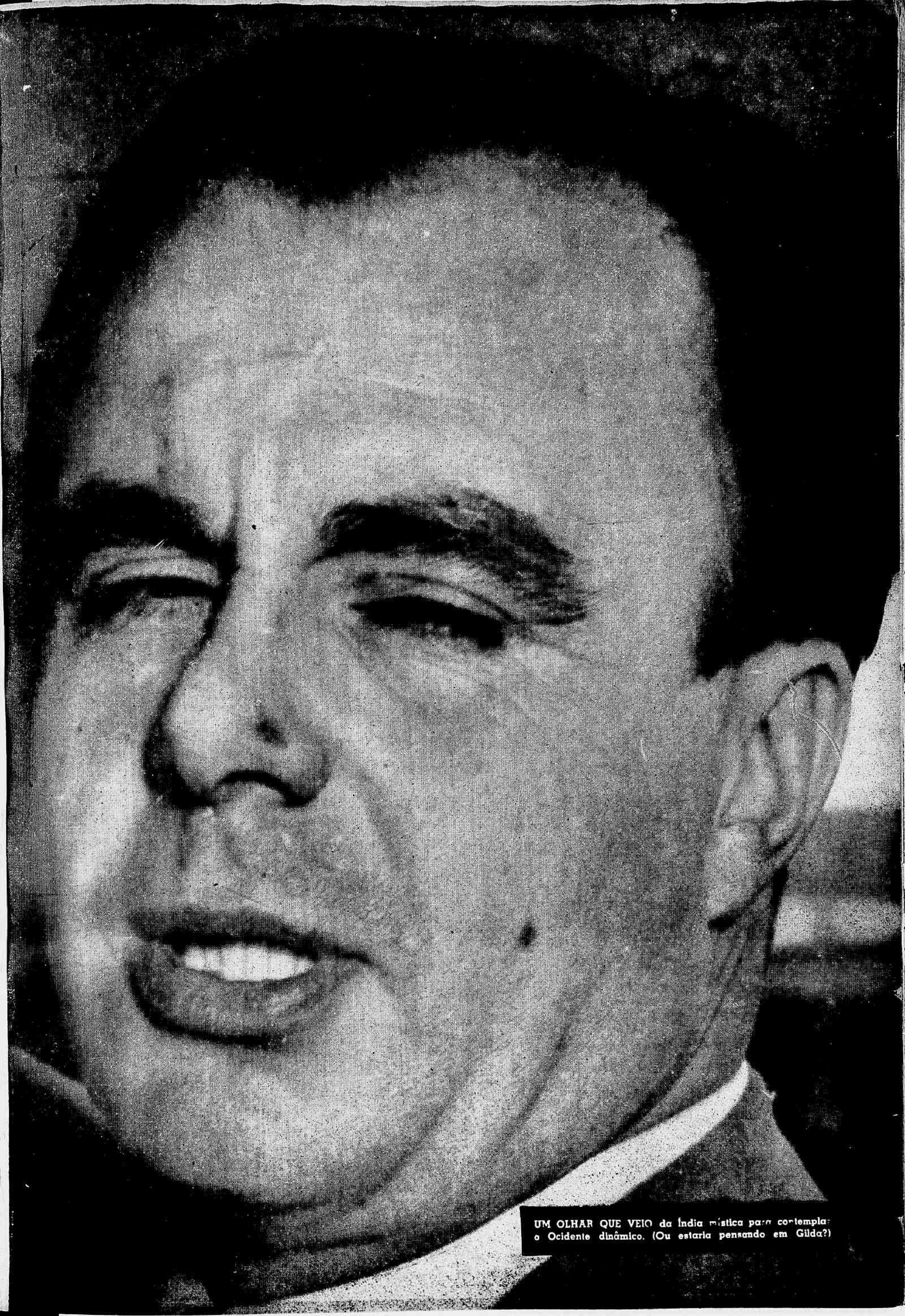
"SIM, O BRASIL é um grande país. Gosto das suas coisas e da sua gente. Tenho-me divertido bastante."



Mas Ali Khan não apreciou o susto que lhe pregaram numa "boite" de Copacabana, pois desde essa noite



mostrou-se arredio aos repórteres. Não é para menos: um tiroteio por sôbre a sua cabeça, é perigoso!



UM OLHAR QUE VEIO da Índia mística para contemplar o Ocidente dinâmico. (Ou estaria pensando em Gilda?)



**O "FLASH" ESTOUROU** dentro da noite. E eis o que estava à frente da objetiva: a srta. Dora Junqueira entrando no Copacabana, enquanto a sra. Dolores Guinle aguarda o príncipe que atrasou. Nem tempo lhe deram para consertar o nó da gravata. As roupas já foram feitas aqui no Rio de Janeiro, e Ali Khan gostou do corte.

— Vim rever amigos e conhecer alguns cavalos.

Acrescentou, ao repórter, que visitava outra vez o Brasil porque o movia uma satisfação íntima. Gostava de cavalos e a fama de seu pai, o Aga Khan, nos principais hipódromos do mundo, bastava como um atestado dessa predileção, que êle sustentou indo, logo, passar uma domingueira no Jockey Club Brasileiro.

### OU QUER DEIXAR DE SER "GILDO"?

Mas não é tão fácil o nome dêsse nobre moderno do Oriente desligar-se da fama cinematográfica de Rita Hayworth, a "Gilda". Pode-se mesmo dizer que o enlace forçou o eclipse de Glen Ford, o galã da fita, cujo título restou como um vulgo pomposo à "estrêla". Eclipsou-se Glen Ford para ficar, no seu papel, o dileto filho de Aga Khan, senhor de uma fortuna imensa e de um poder espiritual ainda maior.

Assim, há quem admita que Ali Khan está, agora, exibindo-se como um homem desimpedido e de fama, por conta própria. Ou, para dizer com franqueza, quer deixar de ser o "Gildo" da maledicência gostosa dos fãs desagravados de Rita.

Entretanto, do que menos se falou, no decorrer dessas conversas, foi da filha Yasmin, que se junta sem muita celeuma à Rebecca, vinda do consórcio Rita-Orson Welles.

### O SUSTO

Tinha de ser mesmo a "boîte" Vogue que deveria dar o susto de estilo ao valioso turista. Ali Khan entrou no recinto de danças nas últimas horas da segunda-feira, dia 26. Quando já se iniciava a madrugada



**ONDE IREMOS HOJE?** Ali Khan decidiu subir a Petrópolis e o príncipe de Orleans promete que a excursão será divertida. Petrópolis é um sonho, "seu"!



**ISTO ACONTECEU** no dia do casamento com Rita. Houve sol e muita música — mas um ano depois o romance foi se desmanchando. E a música silenciou...



COM A MÃO apoiando o rosto, o príncipe se desinteressou de olhar o cardápio. Qualquer prato serve. Depois dêsse jantar com o sr. e sra. Jorge Guinle, mais a srta. Dora Junqueira, foram ao "Bife de Ouro". Isso ocorreu na primeira noite desta nova viagem ao Brasil. (Reparem que Ali Khan, às vêzes, parece cair em transe...)

da têrça-feira, houve uma alteração. Um freqüentador conhecido, Zózimo Barroso do Amaral Filho (e o caso foi avaramente revelado), desfechou no rumo da mesa do príncipe alguns tiros inconvenientes, que quase alcançam o modesto charuteiro Adolfo Azevedo, quando subia a escada fronteira. O barulho foi acabar em sussurro no 2º Distrito — enquanto a "boite", à cuja porta já mataram um jornalista e onde a crônica policial foi encontrar Grande Otelo brigando com o coronel Benjamin Vargas, registrava mais um sururu de gala.

"VOU BEM"

Não ficou impressionado Ali Khan. Pouco mais tarde o abordamos num instante ocasional. Só que não dizia nem comentava muita coisa. Respondia ao cumprimento:

— Vou bem, obrigado.

(Cont. na pág. 49)



YASMIN É, AINDA, o traço de união entre o príncipe e a "estrêla". Acabou-se o amor! Porém, de tudo, restou a criança como um sinal vivo. Quem diria, amigo?



GILDA QUANDO CORTAVA o bôlo nupcial. Depois veio outro bôlo e hoje ela volta a filmar em Hollywood, enquanto êle veio matar saudades (?) no Rio...




DEPOIS DE CONCLUIR "The Big Tree's", na Warner, Kirk Douglas resolveu iniciar uma longa viagem pelas nações unidas, incluindo o Brasil no roteiro. Aqui o vemos interessado na leitura da REVISTA DA SEMANA, "para aprender alguma coisa de português", segundo declarou. Mas deseja que o deixem aproveitar o passeio.



MARION DAVIES, a colaboradora do falecido W. R. Hearst, vem de contrair núpcias com Horace Brown. Ao fundo, o desaparecido Charles Farrel e a espôsa.

# FORA DA TELA

HOLLYWOO, dezembro. (Por Eve Starr) — Ninguém esperava pelo casamento de Marion Davies, hoje afastada do cinema, com o capitão de marinha mercante Horace Brown. Mas a cerimônia teve lugar semanas depois do falecimento de William Randolph Hearst, o famoso "magnata" da imprensa norte-americana, de quem Marion Davies foi assidua colaboradora por muitos anos. As testemunhas do ato foram Charles Farrel (lembram-se de "Sétimo Céu", com Janet Gaynor?) e sua espôsa, hoje também arredados da tela. ★ O reaparecimento oficial de Anne Baxter, depois de receber a visita da cegonha, deu-se num flagrante fotográfico em que ela posou ao lado de Katrina, sua filinha, agora com quatro meses de idade. John Hodiak foi quem bateu a chapa. ★ E a biografia de George Gershwin, o saudoso autor de "Rapsódia in blue", "Um americano em Paris" e outros sucessos, dará motivo a um filme musical feito pela Warner. Mas ainda não apareceu o intérprete do protagonista... ★ E Betty Hutton, como sempre, não admitiu "double" para as cenas de acrobacia em seu filme "The Greatest Show on Earth", dirigida por de Mile, cuja ação transcorre num circo. Ela mesma fêz a trapezista e seus companheiros de estúdio muito se divertiram, porque Betty é a comicidade em pessoa.



ANNE BAXTER tira o primeiro retrato depois do nascimento de Katrina. Seu marido é John Hodiak.



ANN BLYTH recebe, de David Farrar, "a primeira lição de "arco-e-flecha", nos estúdios da Universal."



GEORGE GERSHWIN, autor de "Rapsódia in Blue", recentemente falecido, cuja biografia será filmada.



BETTY HUTTON é "pau para tôda obra". Não admite "double" para fazer a trapezista, em "The Greatest Show on Earth", de Cecil B. de Mille, cuja história se desenrola num circo.



AS OPINIÕES FORAM UNANIMES: Cacilda estêve irrepreensível em Margarida Gauthier. Em alguns momentos, mesmo notável.

**UM ESPETÁCULO DISCUTIDO MAS QUE POR ISSO MESMO NÃO SE ESQUECERÁ ★ A VOLTA DE CACILDA BECKER AO RIO DE JANEIRO E SUA GRANDE CRIAÇÃO: MARGARIDA GAUTHIER ★ OS OUTROS INTÉRPRETES ★ ALTOS E BAIXOS**

QUANDO o Teatro Brasileiro de Comédia anunciou uma curta série de espetáculos no Municipal, com "A Dama das Camélias", houve sensação na cidade: faz dois anos, o carioca vem sabendo que em São Paulo existe uma nobre iniciativa de teatro dramático, onde várias figuras se têm consagrado, entre elas Cacilda Becker, muito nossa conhecida de outras temporadas. E' que a hoje notável intérprete de Margarida Gauthier, longe de ser um estreante, contando com dez anos ou mais de experiências e lutas a serviço da sua arte, só agora encontrou a "chance" ambicionada por todos os verdadeiros artistas. E o Rio ficou alvoroçado porque lhe dariam o ensejo de conhecer a transição de Cacilda. Ao mesmo tempo, surgiram manifestações de pesar, ao saber-se que o T.B.C. não permitiria ao público da capital da República, oportunidade para rever Sérgio Cardoso, que daqui partiu, faz três anos, desiludido com a experiência do Teatro dos Doze, de sua iniciativa, para ingressar naquele já famoso conjunto bandeirante. Quando se esperava que o ator-revelação de 1948 em "Hamlet" fôsse o companheiro de Cacilda nessa rápida temporada do Municipal, isso não aconteceu. A parte de Armand Duval fôra confiada a Maurício Barroso, outro novo, mas inteiramente desconhecido para as nossas platéias.

**Cacilda Becker, em Margarida Gauthier, recebe os aplausos da platéia do teatro Municipal**

De qualquer modo, os dez dias de "A Dama das Camélias" no Municipal carioca, foram de sensação. E a peça quase centenária de Alexandre Dumas Filho teve a seguinte interpretação: Cacilda Becker, Margarida Gauthier; Maurício Barroso, Armand Duval; Paulo Autran, Jorge Duval; Maria Lúcia, Nanine; Rui Afonso Varville; Elizabeth Henreid, Nichette; Cleyde Yaconis, Olímpia; José Scatena, Saint-Gaudens; Labiby Madi, Prudência; Carlos Vergueiro, Gastão; Fredi Klemann, Gustavo; Walda Primo, Annais; Isidoro Lopes, Conde de Giray.

A peça foi dirigida por Luciano Salce, em cenários de Aldo Calvo e guarda-roupa de Leo Vilar.

**A CRÍTICA** dividiu-se ao apreciar o trabalho de Maurício Barroso em Armand Duval: para uns êle estava glacial; para outros, magnífico. A composição do tipo valeu-lhe boas referências. A barba era autêntica.

# A DAMA DAS CAMÉLIAS



**CENA DO primeiro ato: Margarida se apresenta no maravilhoso vestido branco, em que foram aplicados cem metros de tule. (Não era publicidade! Era verdade!)**



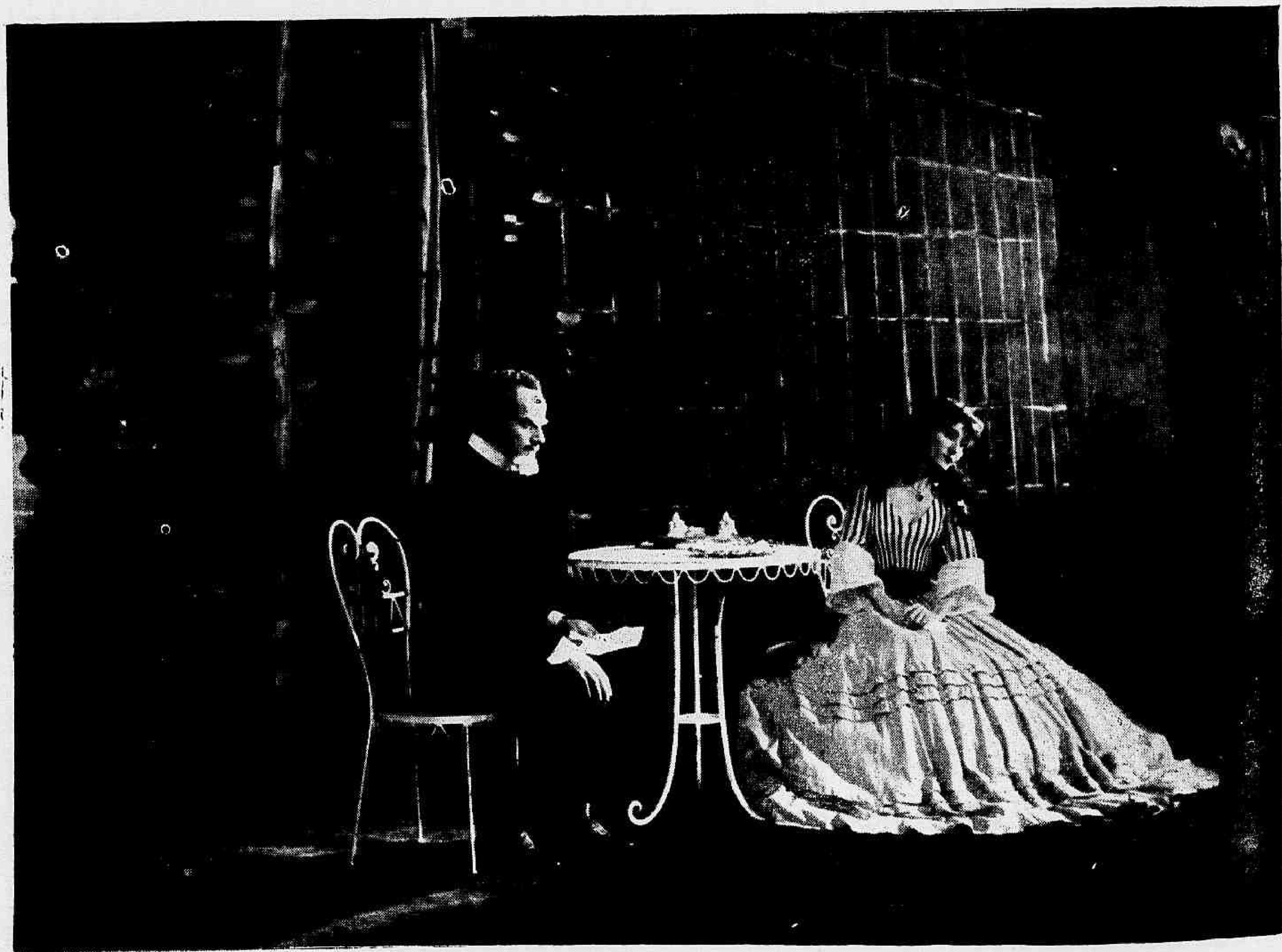
**OS ARTISTAS do TBC habituados a representar no palco diminuto da rua Major Diogo, nem por isso estranharam as dimensões maiores do Municipal carioca.**



OS TIPOS imaginados por Alexandre Dumas Filho encontraram quem os reproduzisse com grande fidelidade na versão que o Rio aplaudiu. Guarda-roupa valioso.



CENÁRIOS ESPECIAIS para o Municipal, desenhados por Aldo Calvo. Antes foram apresentados no Municipal de S. Paulo, nas suas primeiras representações.



A GRANDE CENA do terceiro ato, quando Margarida recebe a visita de Jorge Duval, pai de Armando, para solicitar-lhe o sacrifício de abandonar o filho. Cacilda e Paulo Autran viveram um dos instantes mais dramáticos da peça; ambos mereceram aplausos calorosos da platéia, que se repetiram nas demais récitas.



TÔDA a indumentária foi confeccionada no guarda-roupa especial do T.B.C., em São Paulo, obedecendo rigorosamente a figurinos da época. E foi magnífico.



PAULO AUTRAN (Jorge Duval) fizera no Rio uma série de aparições, no Teatro Copacabana. Em poucos meses sua arte ganhou maior relêvo, a serviço do TBC.



CACILDA (Margarida Gauthier) e Elizabeth Henreid (Nichette), foram as grandes figuras femininas de "A Dama das Camélias". A primeira, em papel que imortalizou uma galeria de atrizes dramáticas mundiais; a segunda, muito doce e meiga na boa amiga da heroina de Dumas Filho. Trabalhos que se completavam.



# A Insatisfeita

Novela de IRENE TEMPLE-BAILEY

— Muitas vêzes uma loucura dessas faz parte da própria sabedoria. Talvez que, por ela, êle se venha a tornar um homem forte.

— Então, que resposta me dá?

— Apenas isto: que o homem deverá, por si mesmo, submeter-se a provas. Êle deverá esperar até que esteja perfeitamente certo de que será digno dela.

Mary não pôde evitar pequenino gesto de desespêro, deixando cair as mãos ao longo do corpo. Depois, movida por grande inspiração sentimental, fala:

— Sr. Poole, trata-se de **Barry e Leila**. Devo permitir que êles se casem?

O inquilino sorri pela confiança que ela lhe depositava, ao fazê-lo mentor dos destinos alheios.

— Penso que a senhorita nada tem que fazer em tal caso! Barry já é maior de idade, e a senhorita não é sua irmã. Não poderá criar obstáculos a êsse casamento, não é verdade?

— Mas... e se eu pudesse convencê-lo? Ora! De que vai convencê-lo? De que êle não é mais que uma criança? Talvez que isso lhe tire até tôda a confiança que poderá ter em si mesmo.

— Então, deverei cruzar os braços?

— Exatament. No ponto em que estão as coisas, ou **esperar.**

Êle não expl... mais e ela também não lhe pergunta o que era conveniente esperar. Dir-se-ia que ambos esperavam que a prova se apresentasse, por si mesma, no devido tempo.

E ela se apresenta realmente. Verificou-se durante uma viagem de Leila e seu pai às praias de Maine. Julho já estava a declinar, e o calor sufocante de agôsto prenunciava muito forte. Apenas as pessoas forçadas, por suas ocupações, ficavam na cidade. Todos os que podiam sair, já haviam partido. Mary, com os permanentes cuidados com a casa, havia declinado do convite de tia Frances para ir passar com ela um mês em balnearinos à beira-mar, e tia Isabelle se recusara a deixar sua sobrinha no casarão.

Barry escrevia a Leila cartas longas e recebia de volta as queridas garatujas infantis da amada. Mas a ausência da moça começava a causar-lhe melancolia. E Barry voltou a experimentar os desgostos e os prazeres de antigamente. Um belo dia Jerry Tuckerman entra em cena. Na noite do dia seguinte, partiu de carro, com Barry e os outros costumados "mosqueteiros", em direção de Baltimore. Barry não deu as caras no dia seguinte, nem nos ulteriores.

Mary começava a inquietar-se, tornando-se pálida e triste, embora as desculpas de tia Isabelle para explicar a ausência de Barry. E tia Isabelle não se enganava. Mas, nem uma nem outra, esgotadas ela angústia, conseguiam, dormir. Passavam noites de insônia pensando no rapaz. Cada qual guardava para si mesma a ansiedade que a devorava. Um dia chega uma comunicação do escritório onde trabalhava Barry, pedindo explicação de tão prolongada ausência. Mary telefona ao Country Club, a Jerry Tuckerman, de quem não recebe mais que uma resposta evasiva. Esgotados todos os recursos para descobrir o paradeiro do desaparecido, Mary sobe as escadas da "Câmara da Tôrre". Chega, senta-se, garganta sêca e os pulsos a bater descompassadamente como se se quisessem romper, ela expõe o caso a Roger:

— Não há aqui uma pessoa a quem eu possa falar. Falar sôbre a estranha atitude de Barry, que, há uma semana não aparece em sua casa nem no escritório onde trabalha. E não há ninguém que informe onde está. Não é a primeira vez que faz isto. Isto começou antes da morte de meu pai, que ficou com o coração despedaçado. E' que tinha êle um irmão cuja vida se destroçara da mesma maneira. E Connie e eu tudo fizemos para consertar o mal feito. Êle se submeteu, finalmente, durante meses. E agora, de súbito, some por oito dias... Além de tudo, êle está terrìvelmente deprimido. Estou temendo alguma desgraça.

Mary estava trêmula embora a noite estivesse muito quente. Roger não ousava exprimir sua solidariedade. Não era momento para isso. Assim, disse êle simplesmente:

— Eu o acharei, quando o houver encontrado, talvez não seja bom trazê-lo imediatamente. Já tive sob minha resonsabilidade casos semelhantes. Iremos para o campo durante alguns dias e regressaremos quando êle já estiver completamente senhor de si mesmo.

— Oh! Mas pode o senhor ausentar-se assim?

— Eu não tenho gozado nenhumas férias. Tenho hoje trinta dias a meu crédito. E tenho necessidade de trocar de ares.

Roger se preparou imediatamente para partir. Logo que terminou o arranjo de sua maleta de viagem, desceu ao jardim. A lua brilhava, as rosas embalsamavam os ares e a água cascateava docemente lá na fonte. Roger estava contente com a idéia de sua expedição. Parecia que havia formulado uma espécie de voto, em honra do qual êle partia a serviço de sua encantadora Dama. E, quando Mary se aproximou dêle, Roger teve vontade de pedir-lhe a rosa que ela trazia, como recompensa. Mas êle nada devia pedir-lhe. Basta-lhe a amizade e a confiança depositada nêle, e isto já lhe pareceia uma coisa preciosa. Não deveria pedir-lhe mais nada. Por isso não lhe pediu a rosa.

Roger estava ronto ara a viagem, diante de Mary, a fitá-la, o coração nos olhos.

— Não tenha cuidado. Eu o encontrarei.

A moça lhe estendeu a mão e lhe bateu suavemente na espádua, com a outra, como se quisesse abraçá-lo.

— Como o senhor é bom, disse ela com tôda a sua alma. Como é bondoso ao solidarizar-se com as nossas aflições. Chego a pensar que não deveria permitir tanto incômodo; mas infelizmente, vivemos tão desamparadas! Eu e tia Isabel...

Naquele instante não havia naquela jovem nada de infantil. Era tôda feminina, apetecível e submissa. E o gesto de sua mão tocando o ombro de Roger, era o mesmo de uma rainha elevando o favorito a cavaleiro. Que significaria uma rosa, então? E assim, Roger renuncia à mesma e parte sob o luar. Ao chegar lá em baixo, ao sopé da colina, êle se volta para olhar numa despedida singela, discreta, e vê que Mary ainda estava lá, a acenar-lhe com a mão ao vê-lo voltar-se.

Antigamente os cavaleiros lutavam contra os dragões e lhes cortavam as cabeças ameaçadoras e as iam separando dos corpos à medida que os destruíam. Assim deveriam ser os dragões de dúvida e desespêro contra os quais Roger deveria bater-se até encontrar Barry. Roger tinha que vencer a batalha e salvar o irmão de Mary, batalhando contra todos os dragões.

O rapaz desaparecido estava hospedado num pequenino hotel de Baltimore. Indagando daqui e dalí, seguindo pistas que se lhe deparavam, Roger acabou por descobrir o seu "esconderijo". E não foi preciso explicar nada. Barry achou até muito natural que alguém viesse à sua procura. E muito gostou mesmo de ter com quem desabafar o peito, narrando suas litanias e o seu desespêro.

— Nada mais há que fazer, Poole. Lutei, lutei. Papai me ajudou. E eu prometi a Connie. Creio que meu amor a Leila me dá fôrças; mas, não quero tentar. A batalha é dura. Serei derrotado. Está no sangue. Tive um tio que era beberrão. E, por detrás dêle, um avô.

Roger e Barry já estavam juntos havia dois dias. O rapaz aceitou a sugestão de Roger para excursionarem pelo campo. Conversavam sob as árvores, à margem de um dos pequenos riachos que desaguam no Shesapeake. Tinham pescado um pouco naquela manhã. Remaram algum tempo e, depois, Roger amarrou o bote por ver que Barry estava fatigado com aquêle esporte. O moço queria falar a seu próprio respeito.

— Nada mais que fazer, Poole, está no sangue. — Repetiu a frase.

Roger estava apoiado a uma árvore, sem chapéu, a cabeleira negra jogada para trás de seu belo rosto delicado.

— Nossas vidas nos pertencem, diz. Não são os nossos antepassados que no-las ditam, ou que nos fazem ser dessa ou daquela forma.

— Não creio nisso, replica Barry secamente. Travei uma grande luta, e ninguém o poderá negar. E perdi a batalha. Após tudo isso, acha ainda o senhor que Mary vai permitir-me desposar Leila? Acha que o general m'a dá em casamento?

— Acha você, Barry, que, se reconhece a si mesmo com o direito de a desposar?

O rapaz enrubesce.

— Pensa o senhor que eu não sou digno dela?

— O que importa é o que você pensar, e não o que eu esteja ou não achando.

Barry apanha um punhado de erva, enfeixa na mão e a joga longe. Novamente arranca outras ervas e as lança mais longe ainda. Em seguida diz com obstinação:

— Eu me casarei com ela, Poole. Ninguém a tomará de mim.

— E você chama a isso de amor?

— Perfeitamente. Não posso viver sem ela.

Roger, os olhos fixados na água escura que deslizava entre as margens cheias de sombra sob os ramos espessos das árvores que se debruçavam sôbre a corrente, diz, então com calma:

— O amor me tem feito sentir qualquer cousa muito maior do que isso. Um bem muito mais sensível, de efeitos mais puros. Sempre vi que o amor — o grande amor

**(RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA)**

**MARY BALLARD, órfã de pai e mãe, vivia em grande casa acastelada em companhia de suas tias Frances e Isabelle. Para fazer face às despesas, ela resolvera, à revelia das tias, alugar um dos cômodos a um senhor funcionário público, que vivia só. No dia do casamento de sua irmã Constance, Mary foi mostrar o apartamento na «Câmara das Tôrres», sendo fechado o negócio. O casamento de sua irmã mais velha deixou Mary desalentada, ficando apenas com seu irmão Barry, mais jovem que ela. Dentre os que pretendiam a mão de Mary havia um moço rico, de nome Porter Bigelow, mas que não era correspondido por ela. Porter tudo fazia para atraí-la; mas Mary não cedia, razão por que lhe pôs o apelido de Mary Rebelde. O inquilino da casa, Roger Poole, começou a apaixonar-se por Mary, em silêncio. Numa festa do «Dia de Graças», êle apareceu na reunião íntima, integrando a festa como um dos convidados, além das pessoas da família. Nessa ocasião declamou um poema e se tornou o centro de tôdas as atenções. Mary ficou encantada; mas não dava nenhuma demonstração de estar apaixonada por êle. Uma das tias de Mary, Isabelle, solteirona e muito surda, tinha confidências com a sobrinha, e se mostrou interessada no casamento da moça, com Porter. Na noite do Natal novamente foi convidado Roger, mas êste não aceitou. Mary o convidou para a Missa do Galo, e novamente êle declinou, agradecido, do convite. Houve uma árvore de Natal e um mundo de presentes. Roger sentia aumentar sua paixão para com Mary, mas não se achava com coragem para declarar-se. A diferença de idade era um entrave. Depois do Natal, estava Roger sòzinho em seu apartamento com a gatinha Pittiwitz ao colo, enquanto lia um livro, quando Mary pediu licença e entrou. Roger ouviu dela, então, uma novidade sensacional: Mary desejava ser estenógrafa, trabalhar num dos Ministérios. E fôra ouvir a opinião de Roger. Mas o inquilino era de opinião que ela devia casar-se, dedicar-se ao lar e não ficar arquivada numa repartição pública. Mary estava sèriamente preocupada com a ausência de Barry, e quando soube que um dos seus companheiros de farra era Jerry Tuckerman, ainda mais preocupada ficou. Roger se ofereceu para telefonar para o Country Club, procurando comunicar-se com o irmão de Mary. Esta aceitou; mas, quando Roger ia telefonar, chegou Barry, descendo Mary para recebê-lo. Levou-o ao seu dormitório e ficou a meditar do lado de fora sôbre certas atitudes de seu irmão. Roger a viu assim, lá em cima, e adivinhou o quanto aquela moça estimava o irmão mais moço. Leila e Delilah foram com Porter, Mary, Barry e o general Dick assistir a um exercício de cavalaria e evoluções de artilharia. Quando Barry se encontra a sós com Leila, declara seu amor. Entretanto, a moça, que havia descoberto em casa de Delilah uma fotografia dêle com dedicatória amorosa, mostra-se decepcionada e confessa sua desilusão. Mas Barry lhe explica que a fotografia fôra enviada a ela e não à outra. Por engano de uma empregada nova é que se deu a confusão. Leila se enche de alegria. Mas o amor entre ambos é coisa secreta. Barry, porém, revela-o à irmã Mary, e esta procura Roger Poole para ouvir sua opinião, mas sem esclarecer de quem se trata.**

— costuma tomar interêsse, antes de tudo, pela proteção da pessoa amada. O amor deve, primeiramente, considerar o interêsse da pessoa a quem se ama.

Houve longo silêncio entre êles. Depois Barry estoura como numa tempestade:

— Ela ficará com o coração despedaçado se alguém intervier para separar-nos. E não digo isto porque seja um estúpido peru vaidoso; mas porque é ela uma criaturinha constante e que muito me ama.

Roger fêz um gesto de desânimo com a cabeça.

— Mais uma razão para que você procure reagir sôbre si mesmo, Barry, imediatamente, tornando-se um homem enérgico.

— Mas eu bem que já tentei !

— Também já conheci um homem que vivia assim e que tentou reerguer-se e, por fim o conseguiu.

— Como? — Diz ardentemente o rapaz.

— Eu o encontrei nas florestas de pinheiros do sul. Fui parar por aquêles confins, a fim de curar-me de uma catástrofe que me desgovernou a vida. Aquêle homem tinha uma cabana próximo da minha. Nenhum de nós tinha dinheiro. Nem eu, nem êle. Viviamos literalmente ao acaso da sorte. Cozinhava-mos no terreiro diante de nossas cabanas. Viviamos da pesca e da caça. De tempos a tempos iamos à cidade para renovar as previsões; mas, a maioria das coisas nos eram fornecidas por condutores de carros que desciam das colinas. Meu vizinho era casado. Tinha três filhos; mas estava alí só, sem a familia. Dizia que jamais voltaria para a companhia dos seus enquanto não se considerasse um homem.

— E conseguiu regenerar-se?

— Sim. Venceu a batalha. Êle considerou sua fraqueza, não sòmente como um defeito moral, mas como uma enfermidade física, que devia ser curada como sucede com qualquer outra doença, apenas suprimindo a causa. O primeiro passo a dar era o de ausentar-se de suas velhas companhias, deixando de frequentar os lugares de sempre. Não lhe seria possível resistir à tentação; por isso, foi lá para as florestas, onde, de maneira alguma havia ambiente para nutrir sua doença. Suas ocupações na cidade eram de ordem intelectual; lá, eram de ordem física, ao máximo. Êle derrubava árvores, excursionava pela floresta, percorria rios. Assim, gradualmente, conseguiu construir uma nova personalidade capaz de resistências. E ao partir para o seio da família, era outro homem, como se nascesse de uma vida inteiramente nova. Conseguiu vencer o demônio de sua antiga tentação.

Barry estava vivamente impressionado.

— Você não está obrigado, absolutamente, de seguir êsse exemplo, concluiu Roger; mas, o fato de aquêle homem ter ganho a batalha, devia dar a você alguma esperança.

No dia seguinte ambos voltaram ao castelo. Mary os acolheu como se nada de mais houvesse acontecido. O cêsto de peixe que êles trouxeram e entregaram a Susan Jenks para levá-los à panela, serviu de motivo de conversa que salvou a situação de Barry. Em seguida o rapaz subiu ao seu quarto enquanto Roger ficava a sós com Mary. Ela havia recebido do seu "cavaleiro andante" uma carta e um recado telefônico, de forma que sua ansiedade e estado d'alma estavam mais atenuados. A moça estava muito reconhecida ao inquilino. Ao lhe estender as duas mãos num cumprimento cordial e afetuoso, estava trêmula de emoção.

— Como poderei agradecer-lhe o que acaba de fazer por mim? — Indaga.

Roger aperta-lhe as mãos nas suas, fita-lhe o rosto simpático, mas nada diz. Mas, embora aquêle silêncio, Mary experimenta naqueles instantes fugidios, o sentimento estranho que uma pergunta de seu coração parecia formular e que ela poderia encontrar resposta. Era como se êle pedisse qualquer coisa e que ela não estivesse preparada para conceder. Roger parecia que obtivera da jovem um consentimento de seu subconsciente atuando nela por influência que a forçava a revelar-se a êle.

E como se êle mesmo estivesse a sonhar também, viu Roger, nos olhos de Mary, um novo olhar, enquanto sua respiração se tornava mais rápida. E êle deixou cair a mão da jovem.

— Não agradeça nada, diz êle. Dê-me outra vez o prazer de falar alguma coisa pela senhorita, e isto será a minha melhor recompensa.

## *Capítulo X*

No mês de setembro todo mundo voltou à cidade, inclusive Porter Bigelow. Mal chegava, telefonava a Mary. A moça estava radiante.

— Constante e Gordon estão aqui desde segunda-feira. Venha jantar conosco. O general e Leila também estarão presente. Tia France e Grace chegam também de Nova York a tempo do jantar.

Ela então ouve a resposta intencionada:

— Quer isto dizer então que não poderei estar a sós com você, nem mesmo por um minuto!

— Oh! Porter! Por favor! Há tanta moça bonita aí pelo mundo, e você passou todo êste verão sem encontrar uma só!

— O meu verão não foi mais que um deserto aborrecido. Minha mãe me fiscalizou durante todo o tempo. Pôs-me à prova. Mas, foi apenas pelo desejo de ensinar a você, que eu consenti em que me ensinasse uma dúzia de danças novas, Mary.

— Você pode ensiná-las a Grace.

Êle se queixa:

— Você bem sabe o que penso de Grace Clendenning.

— Porter, ela é magnífica! Ela se veste com lindos vestidos negros com golas brancas e punhos. E' adorável. Esta noite, ao jantar, ela virá com um vestido de tule negra, com um curioso penteado de tule esvoaçando sôbre os seus cabelos vermelhos. Você não poderá deixar de fitá-la sempre.

— Já estou cheio de cabelos vermelhos. Bastam os meus, lhe diz Porter, e não posso absorver-me contemplando outros, mesmo os de Grace.

— Eu vou colocar você bem em frente dela ao jantar. Venha, veja e será conquistado.

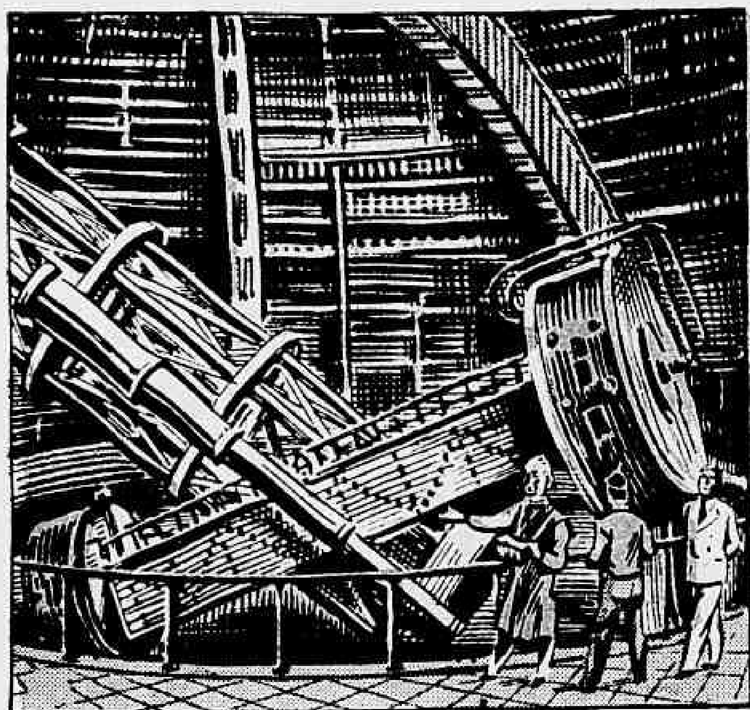
Roger Poole também fôra convidado para o jantar. Desta vez Mary não consultou ninguém. Nos últimos tempos, Roger e Barry tinham estado muitas vêzes juntos, e foi a amizade dêles que Mary invocara quando Constante, um pouco preocupada, lhe havia perguntado se não era razoável fazer figurar o solitário do "Apartamento do Tôrre", entre os convidados para o jantar.

*(Continua no próximo número)*

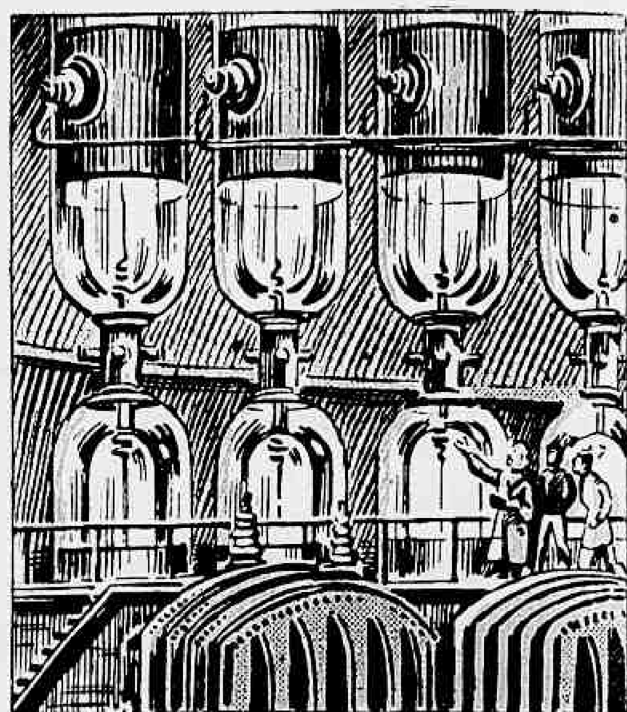
Tradução de RENATO DE ALENCAR
Ilustração de JERÔNYMO RIBEIRO



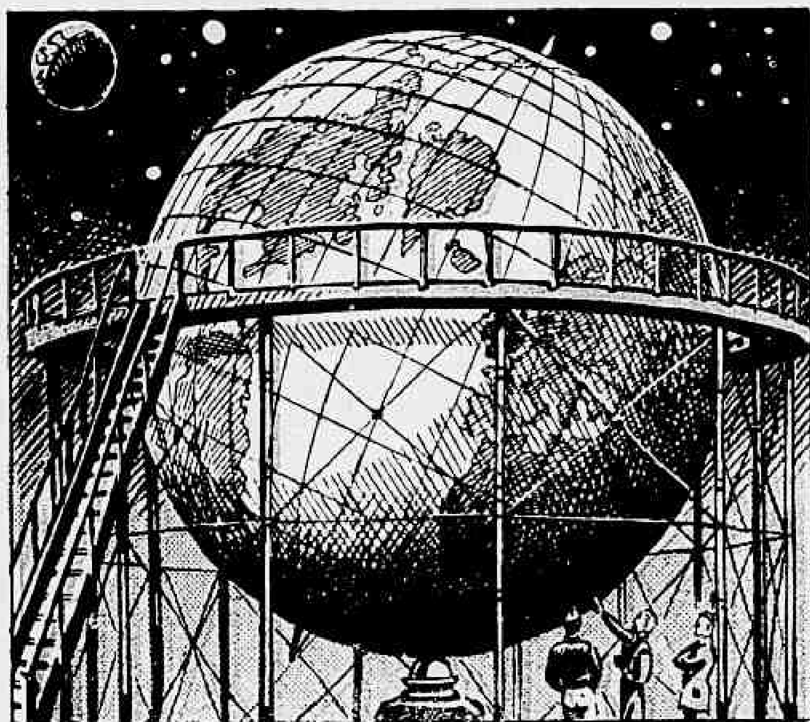
# AVENTURAS DO CAPITÃO ROB





**25** Lupardi os leva a enorme sala na qual estava instalado um telescópio descomunal. "Podem olhar por êle, senhores, e se convencerão de nosso progresso técnico. Não tenho receio nenhum de que os senhores venham a divulgar os meus segredos, pois que jamais sairão desta ilha com vida. Vejam nesta tela os registros de erupções energéticas do sol. Eu já consegui converter a energia cósmica em fôrça mecânica. Aqui está o meu molecular." Observa o Dr. Ree que as regiões antárticas não são muito apropriadas para tais experiências. O sol é muito baixo e as noites são sempre demasiadamente longas.








**26** "O senhor tem razão, em parte. Mas... ainda não viram tudo" — replica o Prof. Lupardi. "Os senhores sabem que o eixo da Terra não é perpendicular ao equador. Conseqüentemente a energia solar não é igualmente difundida sôbre a superfície terrestre. Supondo-se que fôssemos capazes de alterar a posição do eixo..." "Ah! ah! ah! Eis a idéia-mãe, a grande idéia!", diz o Dr. Ree com um riso de mofa. "E' coisa apenas para alguns dias", retorna Lupardi com um sorriso de compaixão. Estão vendo êste grande globo? E' como gira a Terra hoje." Rob quis interromper, mas Lupardi fê-lo gemer de dor com um choque.







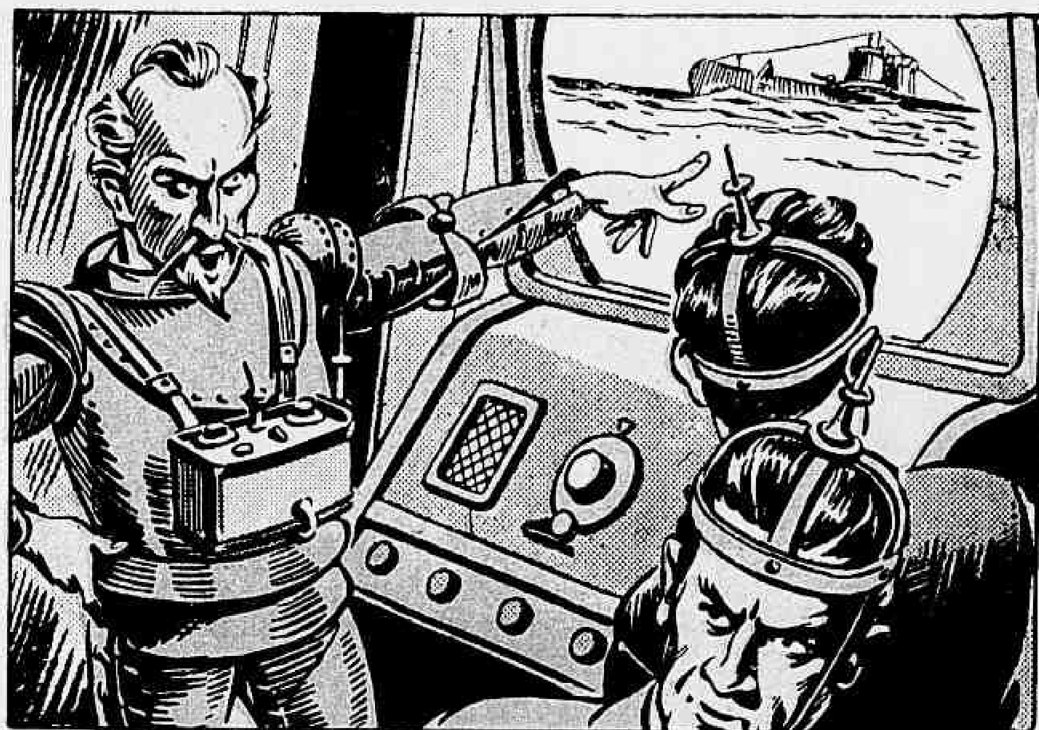


**27** "Ninguém tem o direito de interromper-me quando estou dando minhas preleções!" — O pobre Rob apenas tentou passar ao Dr. Ree, um bilhete mal garatujado. Entraram todos numa vasta oficina onde muitos pinguins trabalhavam. Era incrível. As aves estavam trabalhando em tornos, como velhos operários. "Os meus fiéis amigos estão fabricando peças para o meu aparelho atômico estratosférico." O professor se diverte com o espanto dos visitantes. Mas fica sério novamente. E mostra um pinguim empalhado. "Foi o meu melhor amigo. Salvou-me a vida quando eu fazia perigosa experiência atômica, na costa."

**RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA** — Rob, depois de ser arrastado a regiões geladas, descobre um veleiro perdido no gêlo. A tripulação está morta. Êle apanha o "Diário de Bordo". Regressa ao seu hiate e é acolhido por um submarino que emerge perto. Todos são amigos e o Dr. Ree, que está em excursão científica, o convida para irem no hiate, explorar uma região onde está instalado o sábio e louco Prof. Lupardi. Após conseguirem desembarcar na Ilha dos Pinguins, do seu laboratório, Lupardi e o assistente Yoto vêem quando os invasores chegam, sendo atacados por estranhas plantas. A ilha tem como sentinelas uns pinguins gigantescos, com antenas à cabeça. Lupardi e Yoto munidos de máscaras contra gases emanados das plantas, vão encontrá-los. Depois de imobilizá-los, o louco coloca em suas cabeças um capacete e os vai guiando para mostrar-lhes as instalações da Cidade Atômica. Os prisioneiros, depois de inconscientes, recuperam os sentidos, mas andam como ébrios..





**28** Num outro compartimento, Lupardi mostra seu forno elétrico. Abre uma janela circular e uma luz irradiante invade o ambiente. Abre um armário e tira uma armadura, vestindo-a. Rob, desejando examinar o forno, afasta-se; mas surge a correr Yoto e brada: "Cuidado! Só se entra aqui protegido por uma couraça de ouro! Perigo, chefe!" grita para Lupardi. O sábio liga o aparelho de televisão e aparece no mostrador o submarino. O Dr. Ree estava indignado. "Por que aquêles idiotas não se conservam debaixo d'água?" "Muito bem, diz o Professor Lupardi. Seus amigos terão também uma excelente e amável recepção."








**29** Os prisioneiros foram mandados para sua cela. A porta se abre. Um pinguim quase do tamanho de um homem, os serviu como um perfeito garçon, uma coisa parecida com cerveja e pasteis. Ligeiro jantar, na verdade, mas que os deixou tão satisfeitos como se houvessem comido um leitão. Rob causou surprêsa a seus camaradas, quando lhes mostrou o que apanhara lá na oficina dos pinguins: uma lima. Com ela passaram a limar os capacetes. Lupardi não devia notar a falta da ferramenta antes que êles houvessem escapado da prisão. Rob foi o primeiro que retirou seu capacete para iniciar a fuga.





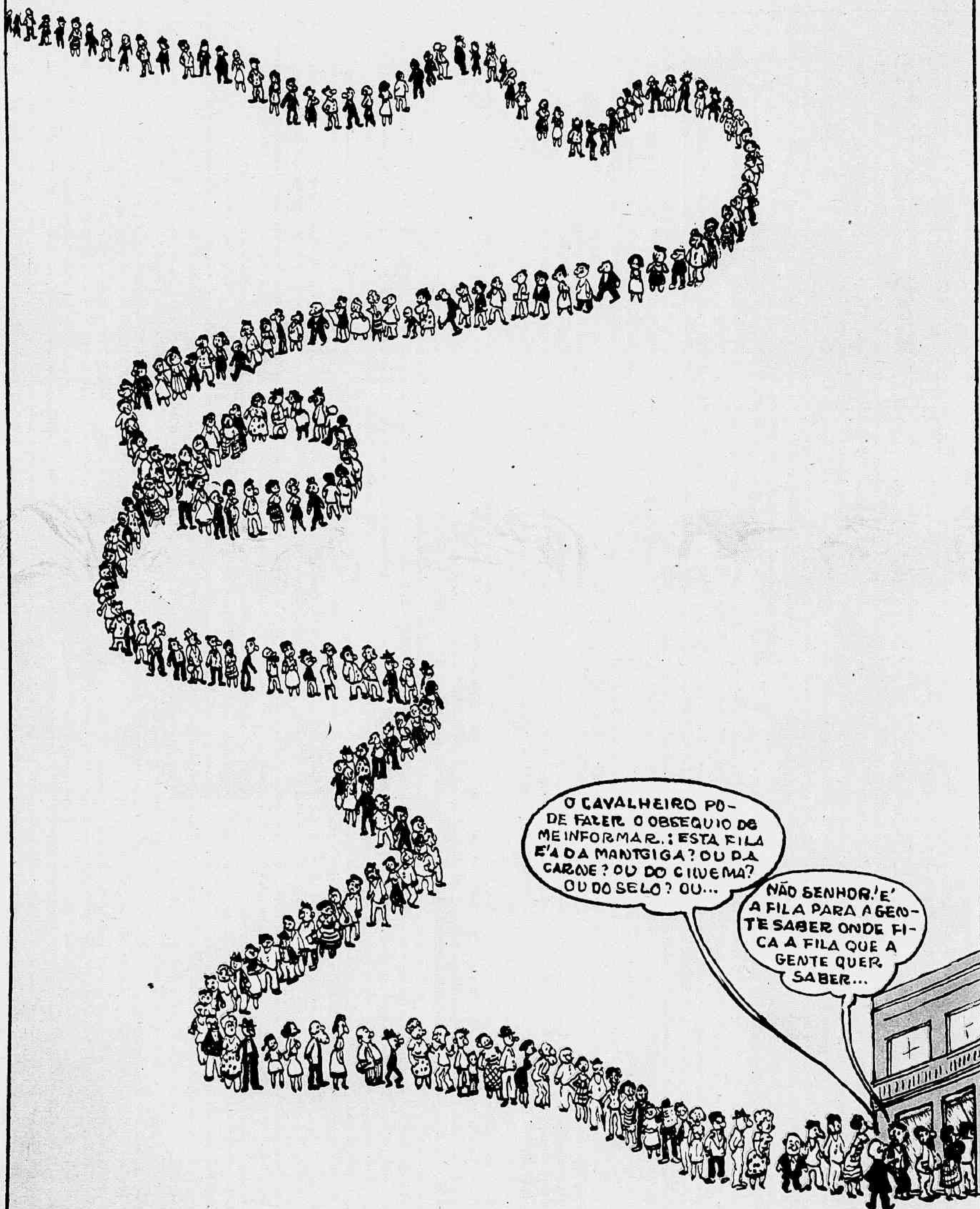



**30** Rob monta aos ombros dos companheiros, e, com a lima, começa a quebrar o vidro da cúpula da prisão. Mas, como iriam sair? A tripulação do submarino deveria estar prevenida, antes de tudo. Com tôda cautela êle se arrasta pelo teto, e procura retirar algum fio de alarma. Afortunadamente nada de mal ocorre. Ainda não pressentido, Rob vai sair na oficina. Os pinguins estavam trabalhando. Rob procura avançar sem fazer o menor ruído. Está agora justamente amparado pelo pinguim empalhado, de proporções descomunais. O destino de todos êles dependerá, agora, da sorte. Os pinguins darão alarma?

# ESTE MUNDO E O OUTRO

Querem mudar o nome do Rio de Janeiro para FILA... DELFIA

CREAÇÃO de DARCY



MAIS UM DRAMA DO FUTEBOL

**AS NOITES DE DOMINGO, nos últimos treze anos, têm feito Mário Viana viver dramas cheios de emoções. Quando a paixão clubística atinge ao máximo, chamam-no de ladrão e maluco. Apesar de tudo, mesmo lamentando-se de não terem mais o que inventar contra sua pessoa, o homem é ainda o apito n.º 1.**

# MÁRIO VIANA "LADRÃO E MALUCO"!

**13 ANOS DE ARBITRAGEM E MUITOS INCIDENTES ★ UM ANÚNCIO FAZ UM JUIZ ★ MÁRIO VIANA COM O CORPO NA SEPULTURA E A CABEÇA DE FORA ★ O FLAMENGO IMPÔS: O CLUBE OU MÁRIO VIANA ★ TESTE DE MALUQUICE ★ EXPULSOU BOYÉ, ÍDOLO DA ARGENTINA E RECEBEU UM VOTO DE LOUVOR DA A.F.A. ★ O BOTAFOGO NA SÉRIE DE INCIDENTES DO JUIZ ★ UM APITO DE OURO E DEPOIS: "LADRÃO!" ★ O ESPIRITISMO E MÁRIO VIANA ★ O CLUBE DO DISCUTIDO JUIZ**

Reportagem de LEVY KLEIMAN

Fotos de JOSÉ SANTOS

NOS últimos treze anos, um nome vem constando assiduamente na crônica dos incidentes de futebol, no setor das arbitragens, a mais perigosa das profissões do esporte inglês em nosso país. Trata-se de um árbitro considerado por uns como muito autoritário, por outros como inflexível em suas atitudes, e por certos paredros como verdadeiro demente, sôlto entre as feras do gramado, a realizar desmandos como se estivesse no campo exercendo a função de um policial atrabiliário. Apesar dos defeitos apontados por muitos, mantém-se há anos na função de dirigir jogos de futebol, mesmo sofrendo as mais acerbas críticas, ouvindo os piores insultos e enfrentando campanhas tremenda por parte dos clubes, inclusive aquela de um presidente de clube que, para justificar a derrota do seu time, pediu um exame de sanidade mental do apitador, e mais recentemente o caso que o colocou de novo na cruz, num incidente com adeptos do mesmo clube que há dois anos lhe oferecera um apito de ouro.

### 30 ANOS DE POLÍCIA !

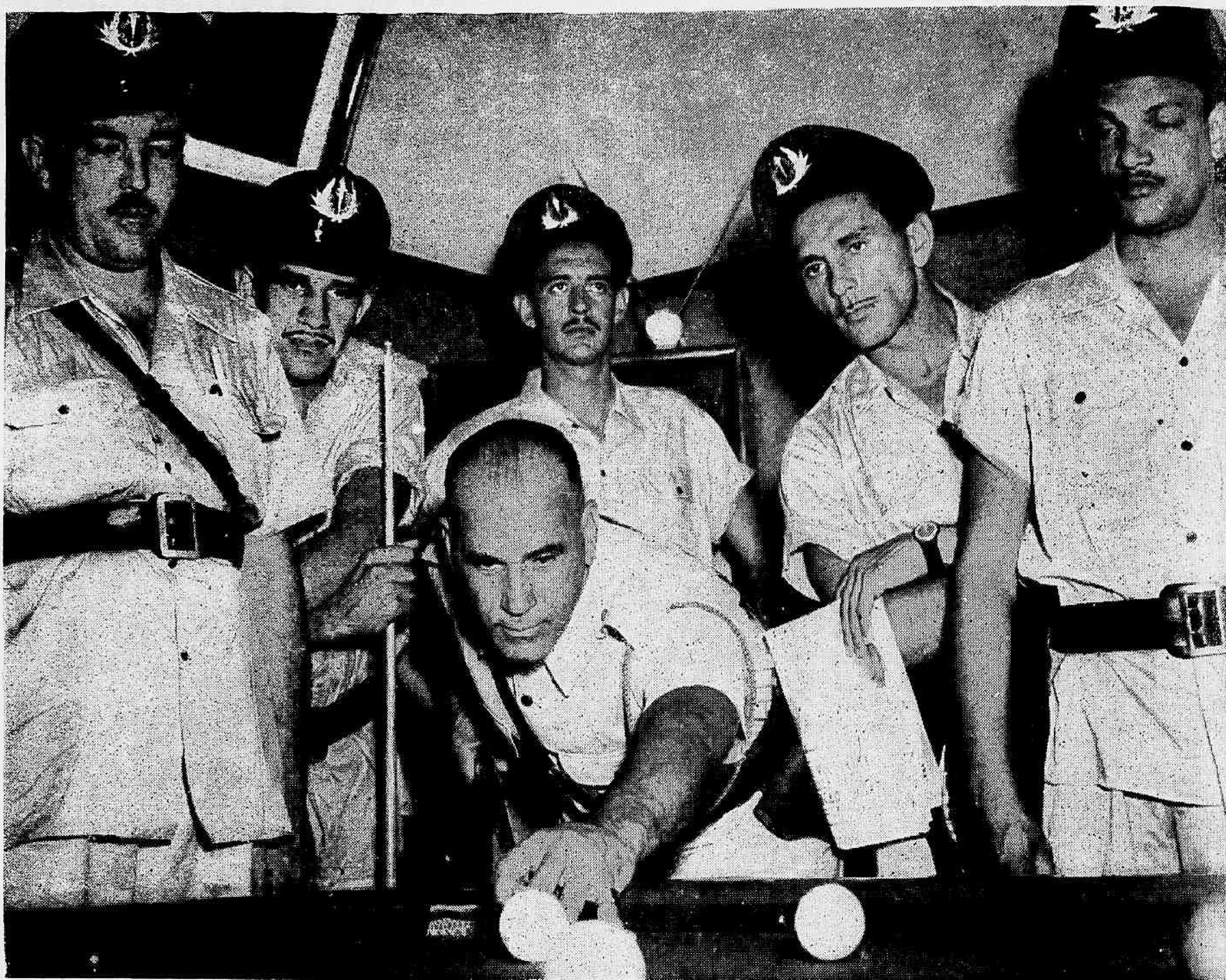
Não será preciso dizer as iniciais do cidadão que na vida pública exerce a função de chefe de turma da Polícia Especial, que dentro de pouco tempo vai completar 30 anos de função policial, e que na vida esportiva é o mais temível dos apitadores cariocas, o juiz Mário Viana.

### JAMAIS BOTOU O PE' NA BOLA !

Mário Gonçalves Viana nasceu em São Cristóvão a 6 de setembro de 1905. Tem, portanto 46 anos, mas só aparenta 40. Nunca jogou futebol em tôda a sua vida. O seu esporte predileto era aquático: natação e remo. Remou pelo Clube de Regatas São Cristóvão, cuja garage fica na Praia do Caju. Quando a Polícia Especial distribuiu pelos clubes as suas equipes de remadores, coube-lhe defender as côres do Flamengo, no famoso barco chamado de "oito gigantes". O curioso é que, sendo juiz de



**ÊSTE FOI um dos incidentes em que se viu envolvido. Aconteceu no campo do Botafogo. A foto diz tudo.**



**MÁRIO VIANA** vai completar trinta anos de função policial. Ei-lo dando a sua ta cada de sinuca no cassino da Polícia Especial. O homem sempre acaba saindo bem das sinucas em que, às vêzes, suas arbitragem o colccam. A estatística afirma m que a maioria de seus "casos" foram verificados em jogos do Botafogo.

futebol, nunca pôs o pé na bola, nem mesmo em sua infância. Durante a realização da "Copa do Mundo", Mário Viana andou indagando dos seus colegas extrangeires, que aqui vieram apitar os choques do campeonato universal, se entre êles havia algum que nunca tivesse praticado o esporte que arbitravam, e a resposta foi negativa — todos jogaram. Convenceu-se então de que era um caso inédito na história do futebol.

JUIZ DE ANÚNCIO !

— Mas se você nunca jogou futebol, como pôde chegar mesmo para os que já o praticaram? — Perguntou o repórter. a juiz de um esporte tão cheio de manhas e segredos,

— Por causa de um anúncio! — Respondeu o veterano apitador.

— Um anúncio?

— Sim, foi na época da dissidência do esporte; apareceu num jornal êste anúncio: "Precisa-se de juizes de futebol". Havia a briga entre a Amea e a Liga Carioca. O anúncio era da AMEA, liderada pelo Botafogo e Vasco. Inscrevi-me na entidade, sem conhecer patavina do assunto. O meu professor de regras foi o juiz José Pereira Peixoto, ora afastado das arbitragens. O que aprendia passei a por em pratica, dirigindo as "peladas" da Polícia Especial.

**Com o apito de ouro que lhe ofereceu o Bonsucesso e pensando num lance da peleja Flamengo-Vasco da Gama. . .**

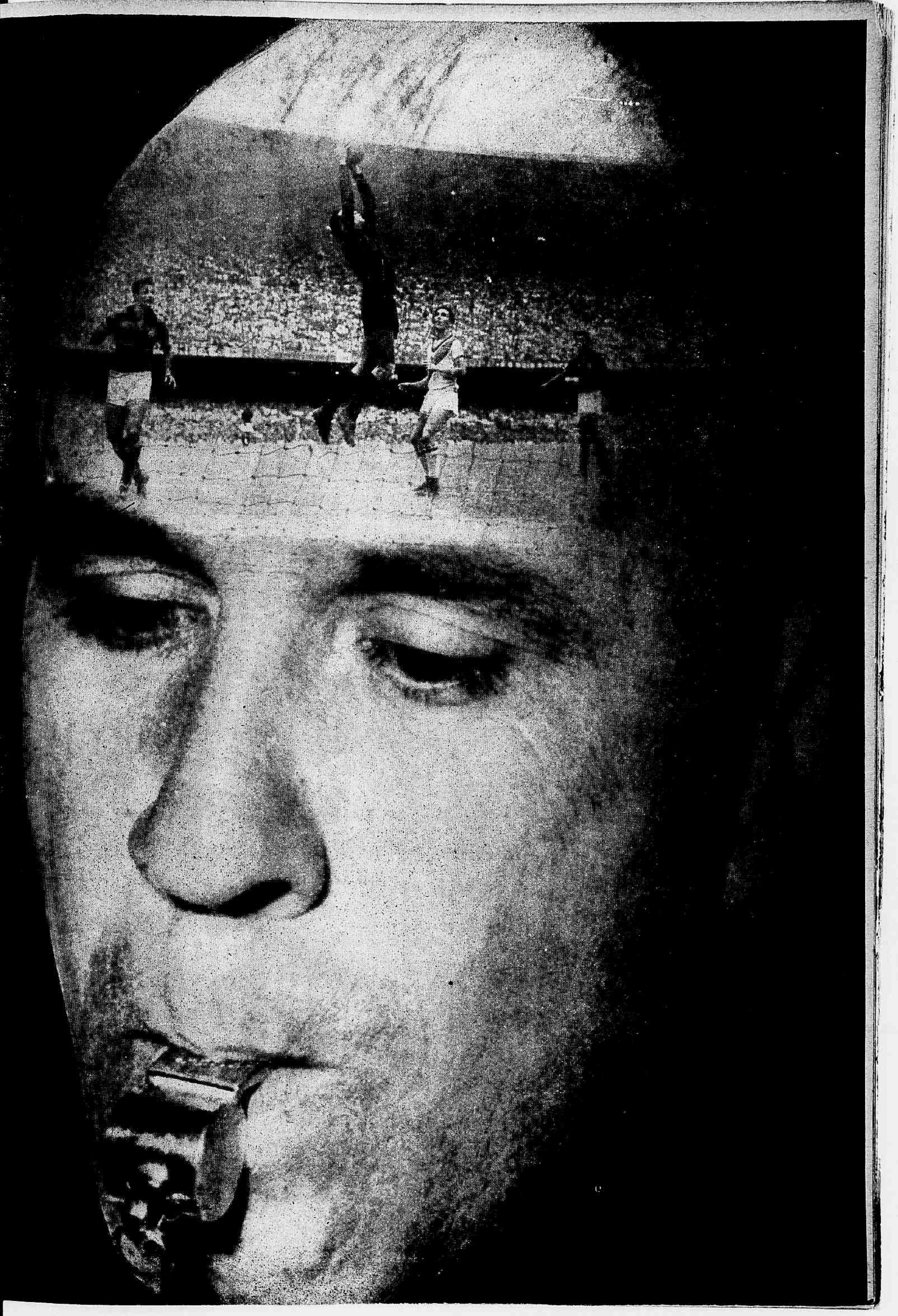


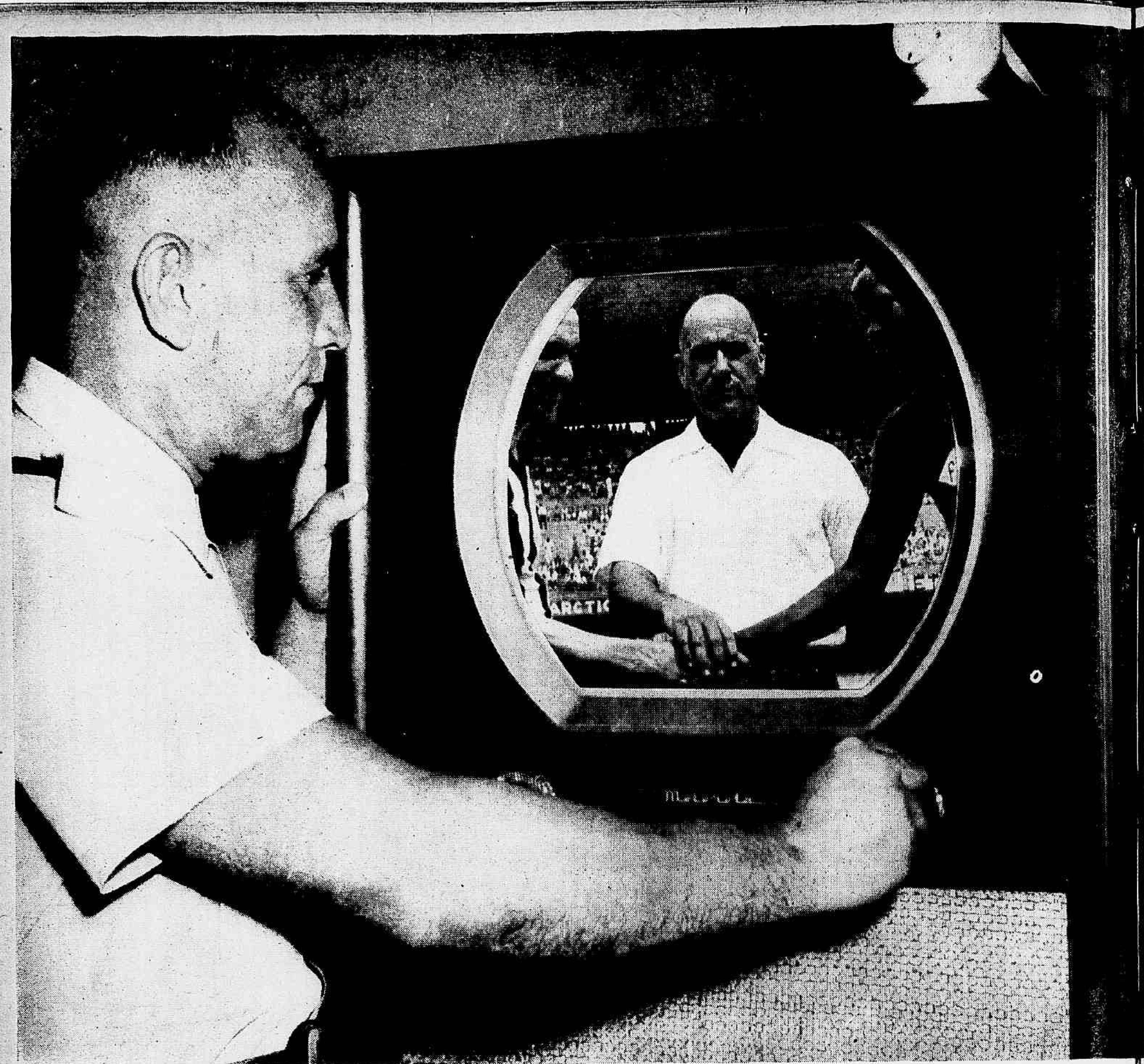


**EI-LO AQUI JOGANDO** xadrez. Porta-se exatamente como um cavalheiro Entretanto, no campo de futebol, vira fera. Arranhou a disciplina? Fora de campo!



**MUITOS RAPAZES** da Polícia Especial são profissionais do futebol. Mas em campo cessam as amizades com o colega Mário Viana. Ei-lo com Miguel e Weber.





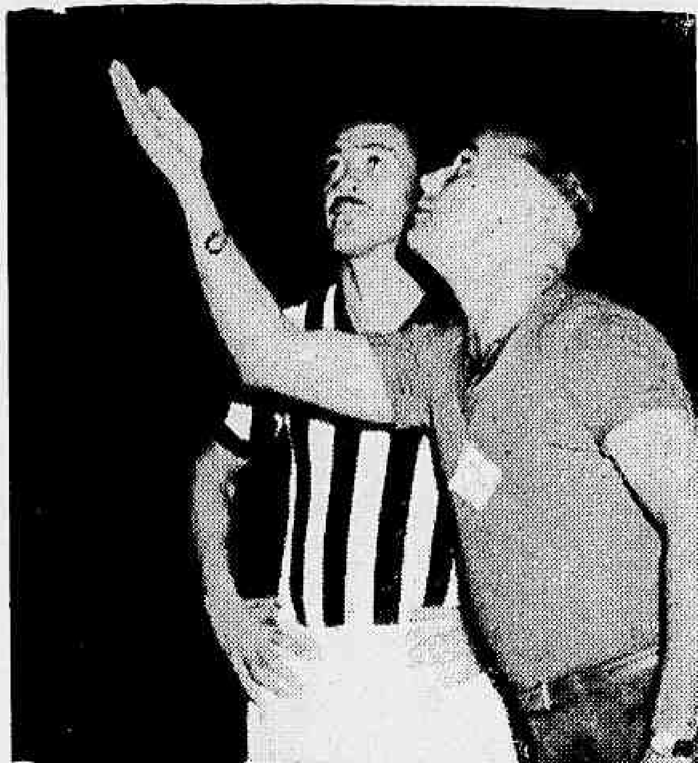

MILAGRES DOS TEMPOS modernos... Mário Viana encara o juiz Mário Viana na televisão, através de um filme tirado por ocasião do jôgo B tafogo x Bangu.

LEMBRANDO AO repórter como se tornou juiz de futebol. Fôra atraído por um anúncio de j rnal, no tempo da dissidência no esporte. O anúncio era da AMEA.





# MÁRIO VIANA . . .



**MÁRIO VIANA** atira ao ar a clássica moedinha para a escolha do campo. Ao seu lado vemos Geninho.

"PINTA" DE JUIZ !

— A minha estréia, prosseguiu Mário Viana, foi apitando um jôgo de juvenis entre os quadros do Girão, de Niterói, e do São Cristóvão. Isto em 1936. No ano seguinte fiz a minha estréia interestadual apitando o jôgo Palmeiras x Vasco. Silvio Lagrega, então diretor de árbitros em São Paulo, disse a meu respeito: — "Êle tem "pinta" de juiz de futebol". Neste mesmo ano estreei como juiz da primeira divisão, apitando o jôgo São Cristóvão x Botafogo.

COMEÇA O ROSARIO

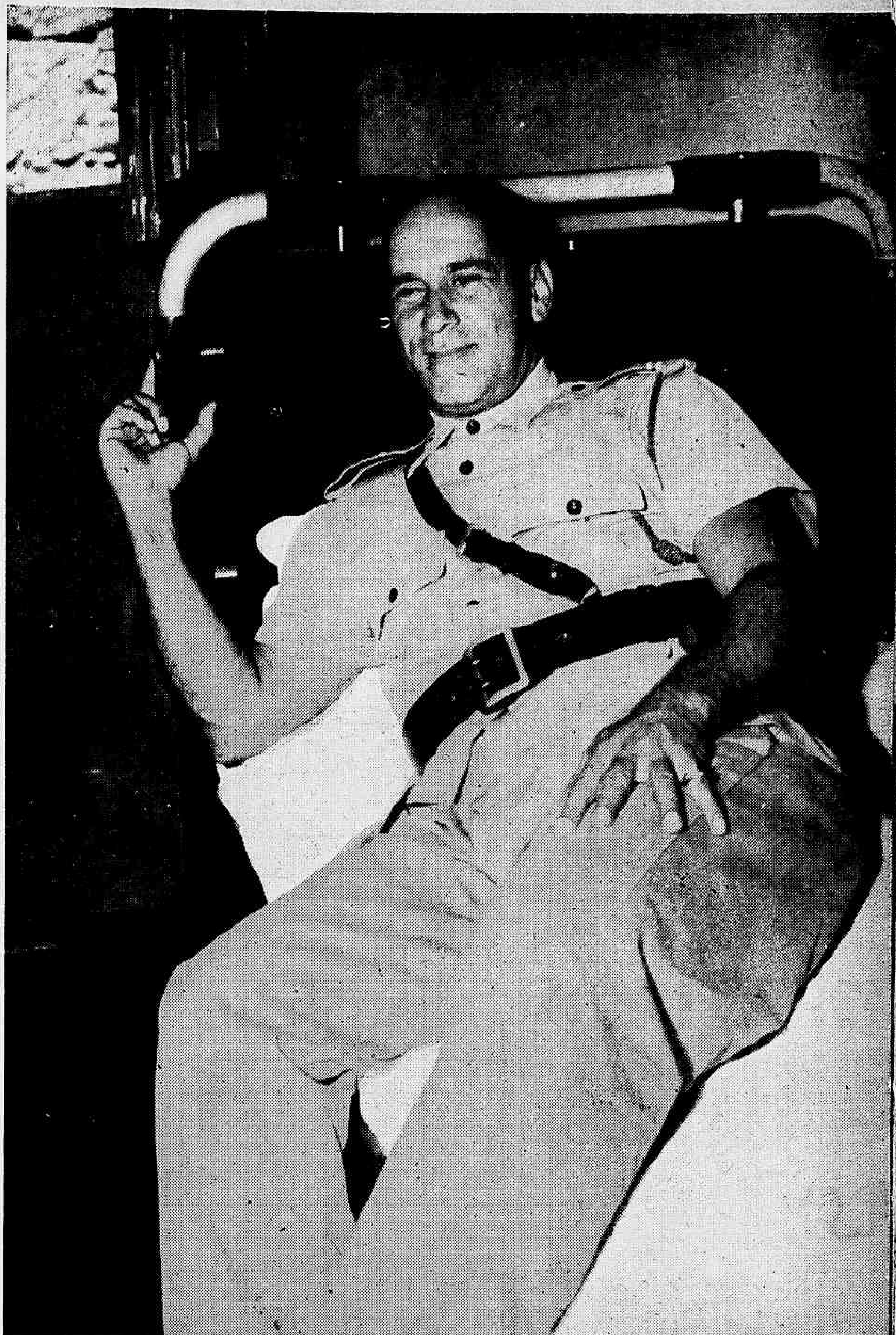
— O meu 2º jôgo foi Vasco x Botafogo, e aí surgiu o primeiro incidente. O Vasco estava invicto. Expulsei sete jogadores de campo. Ganhou o Botafogo. Sabe quem era o diretor de esportes do Vasco? Russinho, chefe do almoxarifado da P. E., e o Comandante Euzébio de Queiroz, chefe da minha corporação, era alto paredro do Vasco. Eu, simples soldado da P. E. O que houve foi provocado pelo próprio desfecho do jôgo. A propósito da arbitragem, o veterano cronista Oscar Wright da Silva escreveu uma frase que não me sai da memória: "MÁRIO VIANA ESTÁ COM O CORPO NA SEPULTURA E COM A CABEÇA DE FORA. COMO SE SAIRÁ?" — Sai-me bem.

OU O FLAMENGO OU MÁRIO VIANA

— E depois, o que aconteceu na sua carreira?

— Em 1939, num jôgo Botafogo x Flamengo, expulsei de campo Domingos, Sá, Zizinho, Biguá e Zarcy, sendo que Domingos foi pela primeira vez retirado do gramado

(Cont. na pág. 48)



**OLHANDO O MOVIMENTO** da cidade, da sede da P. E. e dando ordens aos seus comandados no Quartel d. Morro de Santo Antônio. Futebol? Só domingo.

**ENQUANTO REPOUSA**, o juiz mais discutido prepara-se espiritualmente para a batalha dos noventa minutos do domingo seguinte. E que batalha, amigos!...







DUAS ASILADAS servidas por um irmã da Ordem de Nossa S:nhora das Mercês, sempre solícita ao serviço do bem, cumprem o desejo do seu benfeitor.

O EDIFÍCIO do "Recreio dos Anciãos", à esquerda da rua Conde de Bonfim, ao sopé de contrafortes da serra da Tijuca, e que foi a maior obra de Cavanelas.



# AS OBRAS DE CAVANELAS

MANUEL BARREIRO CAVANELAS, espanhol de nascimento e brasileiro pelo coração, veio para o Rio, ainda muito jovem, aqui se radicando, lutando, progredindo, até firmar-se com uma casa, na rua do Ouvidor, que é uma tradição da cidade: a Luvaria Cavanelas. Seu fundador e proprietário, porém, ao invés de cuidar exclusivamente de si mesmo, sempre teve gestos humanitários, e ninguém se aproximou dêle solicitando amparo, auxílio a necessitados, que não saisse contente com a grandeza moral do velho Cavanelas. Mas, sua grande obra de benfeitor está ali na subida para a Tijuca, na rua Conde de Bonfim: o edifício do "Recreio dos Anciãos", um Asilo dedicado à velhice desamparada.

Cavanelas, antes de morrer, no ano passado, viu realizada sua grande e meritoria obra. Entregue a humanitaria instituição a devotadas irmãs religiosas, e a uma diretoria capaz de honrar as finalidades da Casa dos Velhinhos, Cavanelas se sentia confortado pelos benefícios que deixaria para todo o sempre, no amparo aos que chegam ao final da vida, e da longa existência só conservam corôas de cabe-



ÊSTE VELHINHO metido em seu pijama de listras, gorro sob o braço, não oculta sua felicidade naquela Casa que a piedade de um homem lhe deixou.



TÔDAS AS instalações do "Recreio dos Anciãos" apresentam-se aos olhos dos visitantes com o maior asseio e impecável conservação. Aqui é o dormitório.



**A IRMÃ SUPERIORA** a quem está entregue a direção espiritual da instituição, atendeu à solicitação de nossa reportagem e pousou com as asiladas.

**TUDO FOI** previsto pelo espírito benfazejo de Cavanelas. A cozinha do "Recreio dos Anciãos" é moderna, eletrificada, e suficiente para as suas necessidades.

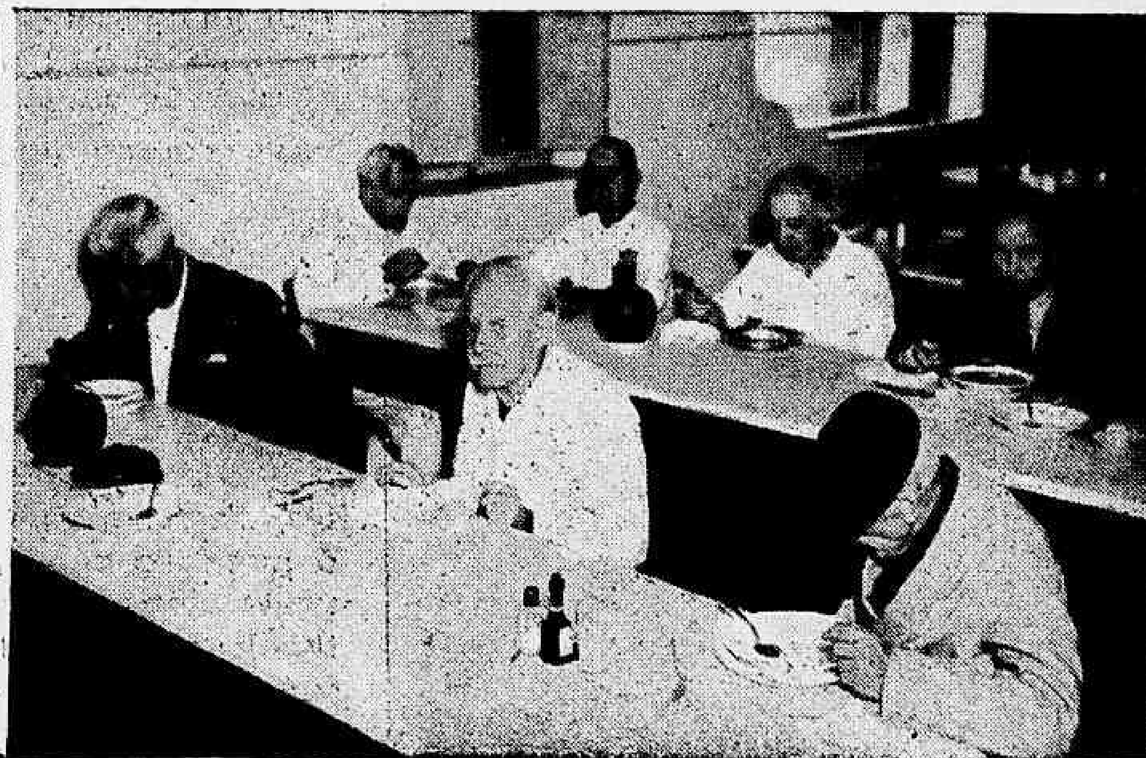
SANGUE ESPANHOL E CORAÇÃO BRASILEIRO ★ DOAÇÃO LEGAL PARA FINS HUMANITÁRIOS ★ OS VELHINHOS NÃO PODEM FICAR SEM O ABRIGO ★ A JUSTIÇA, QUANDO CHAMADA A DECIDIR, NÃO DESTRUIRÁ A BENEMÉRITA OBRA DE UM BENFEITOR.



los brancos. Cavanelas morreu abençoado pelos anciãos do seu Asilo.. Mas, segundo divulga a imprensa, herdeiros do benfeitor estão promovendo meios para anular a doação, inclusive as respectivas fontes de renda para a manutenção da grande obra. Não nos compete opinar sôbre as razões de ordem jurídica em que estejam estribados os autores; mas, o direito de doar não pode ser anulado sem que, contra êle, haja motivos de ordem moral e de perturbação do patrimônio alheio, como sucede nos casos de dissipação e perdularismo. No caso atual, a doação de Cavanelas, além de revestir-se de todos os requisitos legais, não beneficia intrusos, e sim a pobres velhos que, sem o seu Abrigo, ficariam sem a paz gasalhosa de um tecto, jogados à via pública como trapos humanos. Do azul do firmamento, o espírito de Cavanelas experimentará a maior dor se, um dia, a mais bela obra que um coração humano pode deixar na terra — o amparo à velhice sem lar, — fôr destruida pelo egoísmo desumano.



**A HORA DA** bóia, cêrca de trezentos velhinhos curvados para a última hora da vida, sentam-se às mesas, alimentam-se e bendizem a memória do benfeitor.



**O RECREIO DOS ANCIÃOS**, em seus cinco pavimentos, recebe velhinhos de ambos os sexos. Aqui, o refeitório dos que estão vendo a aproximação do fim.

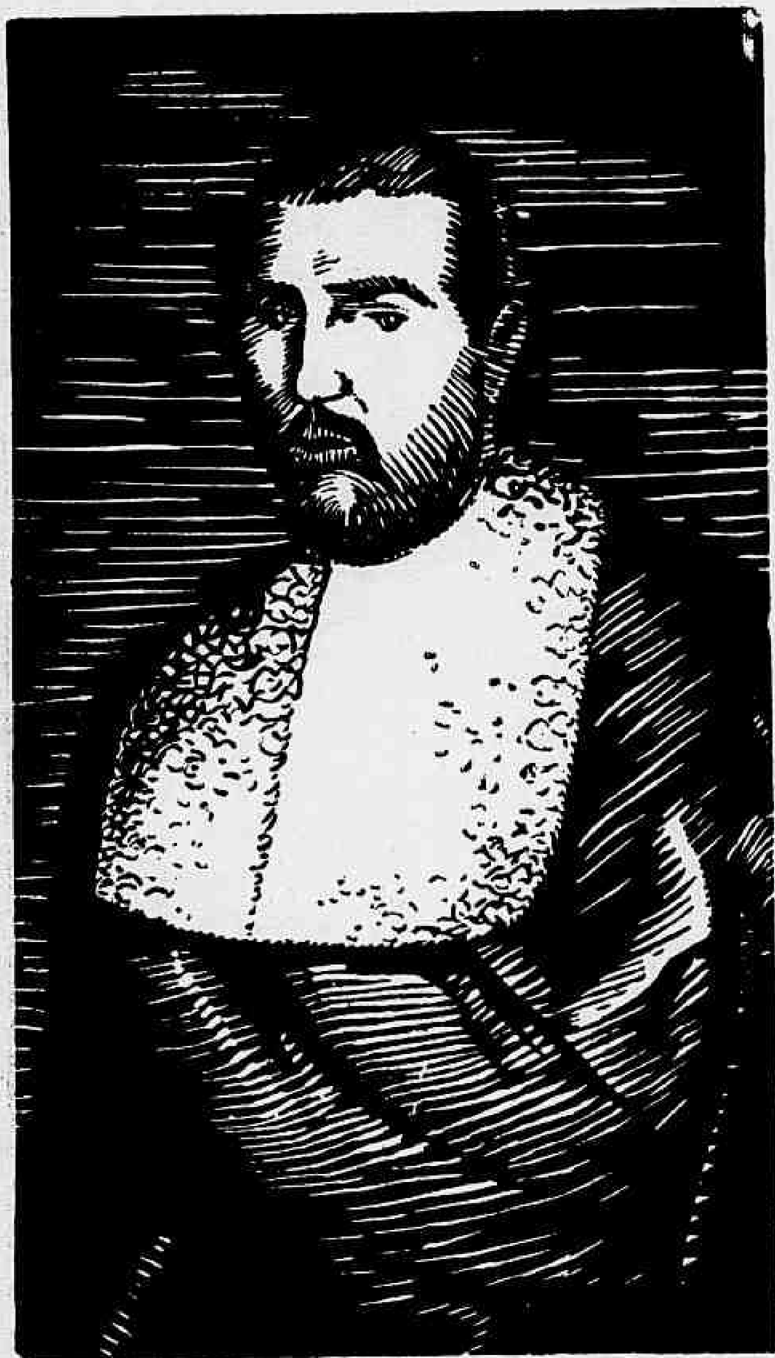
# O NATAL DE 1653

De AMÉRICO PALHA

O Natal de 1653 tem uma grande significação moral na história do Brasil. Êle representa um marco na luta dos nossos contra o dominador holandês, essa luta memorável e heróica, da qual resultou a unidade da grande nação que se formava, forte e consciente, e "que foi o primeiro assomo da independência em terras brasileiras".

Depois da segunda batalha dos Guararapes, travada a 18 de fevereiro de 1649, em que os holandeses, comandados pelo coronel Brink, foram fragorosamente derrotados, faltava aos pernambucanos a tomada do Recife, para término da campanha restauradora.

Os holandeses estavam exacerbados. Os insucessos militares despertaram nêles o instinto das vinganças e dos ódios. "Os cinco anos que se seguiram, até à sua capitulação em 27 de janeiro de 1654, foram um constante agonizar de sua fôrça e de seu poder, encurralados como êles se achavam, em uma cidade sitiada e impotentes para esboçar qualquer reação." Tôda sorte de perseguições puseram em ação contra a população do Recife. Nem ao menos permitiam que o culto católico fôsse professado livremente pelo povo. À aproximação do Natal, maior se tornara a intolerância bátava. Foram proibidas as missas em homenagem ao Filho de Deus. Os recifenses iam comemorar a data festiva da cristandade, recolhidos aos seus lares, subjugados pelo despotismo dos representantes da Companhia das Índias Orientais, tão diferentes, no pensamento e nas atitudes, do grande e ilustre príncipe Maurício de Nassau, cujo govêrno se notabilizara pelo respeito absoluto à vida e aos direitos do povo da terra conquistada.



FRANCISCO BARRETO DE MENEZES

★

As notícias dos acontecimentos chegavam aos ouvidos dos bravos chefes da insurreição. Entrincheirados no Arraial Novo do Bom Jesus, êles estavam amargurados, sentindo a impossibilidade de uma decisão formal, em vista da precariedade dos seus recursos para uma avançada fulminante. Mas, a situação, que se tornava cada vez mais grave, com a ameaça de se perder tôdas as vantagens já obtidas, caso viessem reforços da Holanda, exigia uma resolução imediata. Por isso, desejavam um empreendimento, fôsse de que maneira fôsse. Concordaram em esperar uma esquadra portuguêsa, em viagem para Pernambuco. Isso, na hipótese de não demorar muito a frota mandada por Jaques de Magalhães. Afinal, a 20 de dezembro, os navios lusitanos aportam no Recife.

Encheram-se os rebeldes de grandes esperanças. Barreto de Menezes entende-se com o chefe da esquadra, expondo a necessidade de um ataque decisivo aos lugares onde os holandeses estavam aquartelados com as suas últimas reservas.

Nada conseguira o general dos restauradores nas primeiras tentativas. Jaques de Magalhães trazia ordens da metrópole. Justificava-se o comandante: "que o dever lhe atava as mãos à piedade, não trazia ordem do Rei para a mínima hostilidade, nem da Companhia geral para o menor desvio daquela frota, obrigada por juramento à conservação e breve despacho dela; que fazer o contrário poderia exasperar o inimigo e alterar as pazes com o reino e pagar êle com a cabeça a desobediência e o dano, porque se não havia de julgar por leve culpa o que cometesse em ofensa à nação tão belicosa." Tanta, porém, foi a insistência de Barreto de Menezes e Vidal de Negreiros, que Jaques de Magalhães acabou por fazer causa comum com os restauradores.

★

A 25 de dezembro de 1653 — dia do Natal de Jesus — reuniram-se os chefes rebeldes para traçar o plano de ação contra os holandeses. O dia foi escolhido, com o propósito deliberado de dar uma resposta altiva aos agentes da Companhia das Índias Ocidentais. O Natal não seria comemorado pelo povo do Recife oprimido e asfixiado, mas sê-lo-ia por aquêles que, dentro em pouco, fariam tremular na cidade a bandeira da libertação. Reunido o Conselho dos oficiais "foi rezada uma prece a Deus Todo Poderoso, com a presença de Barreto de Menezes, Jaques de Magalhães, Vidal de Negreiros, Fernando Vieira e outros chefes da restauração." Não repicaram os sinos das igrejas nessa comemoração, mas vibravam os corações patriotas, dispostos a lutar pela unidade do Brasil, com fé na Providência Divina e no poder do ideal que defendiam.

Assentou-se, então, que, inicialmente, a esquadra bloquearia o pôrto do Recife, onde os holandeses tinham maiores fôrças de resistência. Dali seria fàcil descortinar as fortalezas do Brum, do Buraco, do Perrexil e do Buraco de Santiago.

★

A 5 de janeiro — véspera do dia de Reis — a esquadra deu começo ao movimento do bloqueio. A 15 inicia-se o ataque de surprêsa. Os fortes foram caindo um a um. As tropas de Vidal de Negreiros assaltam a fortaleza de Cinco Pontas. Sitiados e batidos em todos os encontros, os holandeses acabam por levantar a bandeira da rendição. Estavam vitoriosas as tropas restauradoras. A Campina do Taborda foi o local histórico em que se lavrou a ata da submissão e a entrega das armas. Em homenagem a Jesus Cristo, sob cuja proteção se colocaram os revolucionários, os holandeses tiveram tôdas as garantias de vida. Não houve atentados, nem vinganças pessoais. Assinaram a ata: Francisco Barreto de Menezes, mestre de campo general; André Vidal de Negreiros, mestre de campo; Afonso de Albuquerque, capitão; Manuel Correia, capitão-secretário; Francisco Alvares Moreira, ouvidor e auditor geral; Segismundo van Schoppe, general comandante dos holandeses; Gysbert de With; Vander Vant e Vavter Vaulé.

O general Segismundo van Schoppe e seus camaradas de armas foram tratados com a "magnanimidade e deferência digna dos valentes." Depois da entrada solene de Barreto de Menezes no Recife, pôde o povo fazer a comemoração do Natal. Fora da época, um mês depois, mas oportuna e heróica.

★

Dizem alguns historiadores — Ulisses Brandão, Sebastião Galvão, Oliveira Lima, Alfredo de Carvalho e outros — que a guerra holandesa foi o antecedente remoto da nossa independência. Ela serviu para unificar a pátria que em 1822 surgiria livre e soberana. Se assim é, o 25 de dezembro de 1653 tem sua expressão forte na história brasileira.

# SONHOS DE MOÇA










































# DIAS DE VERÃO






*REPAREM no bom aproveitamento dêsses modelos e vejam como se pode cobrir um "maillot" (duas peças) com uma saia de abrir e um bolero de gola alta. Ou então, com uma calça curta e capa feita em tecido leve, para cobrir os ombros e as costas protegendo-os do sol forte dêstes primeiros domingos de verão. Os chapéus de palhinha e aba larga, os corpetes bem apertados e os bolsos postiços, os lenços em côres vistosas — tudo isso enfeita a garôta que se prepara para frequentar a praia ou para a sua estação de veraneio, na montanha. Ramon oferece às nossas leitoras, nestas duas páginas, os seus clássicos oito figurinos em os quais impera a variedade de estilos. Muito em moda as iniciais nas blusas ou corpetes, bem como as sapatilhas de laço no tornozelo. A seleção de côres e estampados fica entregue ao bom gôsto da leitora, e nesse particular qualquer sugestão seria desnecessária.*

# O ENCONTRO

Conto de OSMAR G. PEREIRA ★ Ilustração de OSWALDO DA CUNHA

O relógio marcava três e meia. O encontro era para as quatro. Fixou os olhos nos ponteiros e pareceu-lhe que êles não andavam. Que estavam parados. Lá fora, a tarde fria, sem vento, sem sol, não convidava a sair. Mas êle precisava comparecer. Não podia faltar ao compromisso assumido. Entretanto, talvez fôsse inútil ir até lá. Talvez só êle comparecesse. E perderia tempo. Levantou-se, foi até à janela, olhou para a rua. Os automóveis passavam, velozes, aproveitando o sinal aberto. Na calçada, o povo se comprimia, esperando sua vez de atravessar. Olhou para o céu. Cinza escuro, ameaçando chuva. E se ela não fôsse? Tinha quase certeza de que ela não iria. De qualquer maneira era melhor dar um pulo ao lugar combinado. Não perderia nada, a não ser alguns minutos. Vestiu o paletó e saiu.

.......................................

Nora saiu do banho e, ao entrar no quarto, seus olhos pousaram na agenda particular. Dois de junho. Não, ela não esquecera, mesmo depois de tantos anos. Consultou o relógio. Três horas. Precisava arrumar-se logo. Como estaria êle? Muito diferente? Mais envelhecido, mais magro? Dali a pouco saberia. Nem por um instante pensou que êle não fôsse. Pelo contrário, estava certa de que iria. Já fazia tanto tempo... E, enquanto se preparava, foi relembrando o passado.

Encontraram-se pela primeira vez, por acaso, no Largo de São Francisco. Quatro horas da tarde. Movimento intenso. Ela ia à aula de música. Êle devia assinar um contrato. Ambos apressados. De repente, num segundo que se tornou inesquecível, seus olhares cruzaram. Ela diminuiu sensìvelmente o passo. Êle voltou. E tudo aconteceu tão depressa, e com tanta simplicidade que parecia mesmo, como êle sempre dizia, obra do Destino. Estava decidido já, aquêle encontro. Era inevitável. E o que aconteceu depois, mas ainda a convenceu de que êle estava certo. Êle era casado, ela solteira. Êle marcava os encontros e ela ia, sem saber por que, como que movida por uma atração irresistível. Depois verificou, ou pensou, que era amor. Amor de relance. Fôsse o que fôsse, Nora reconhecia que nunca havia sido tão feliz. Que importava que êle fôsse casado? Que estivesse prêso a outra? Também ela estava prêsa. Não podia ser livre, como queria. A família era um obstáculo, um freio. Era nisso, nessa impossibilidade, nesse temor permanente de serem, afinal, descobertos, que residia todo o encanto daquele romance condenado. Viam-se, quase tôdas as noites, como namorados, mas sempre escondidos, em recantos afastados, longe dos outros, sentia-se tão bem! Ela, que nunca tivera amigas, encontrara nêle, num homem casado, o maior dos amigos. Fazia-lhe confidências, pedia-lhe conselhos, chorava em seu ombro quando se sentia angustiada, gostava quando êle lhe alisava os cabelos com aquêle jeito todo especial, o que lhe fazia tanto bem! E como êle sabia compreender os seus problemas! Problemas que lhe pareciam insolúveis, depois que êle falava não passavam de situações tôlas. Sentia-se bem, ao lado dêle, só nêle confiava. Poucas vêzes discutiram. Duas ou três, apenas, por sua culpa. Porque mentira. Êle não suportava que mentissem. Era indício de mau caráter, dizia. Ela devia ser pura, honesta, leal. Sim, êle era muito bom, sempre disposto a compreender, a perdoar. A prova disso tivera quase três anos depois. No dia em que decidira dar um rumo certo à sua vida. Afinal, era solteira, moça, bonita. Não havia razão para não ter namorado. E, sob a pressão da família, dos conhecidos, decidiu arranjar um. Não lhe foi difícil, naturalmente. Mas o namôro foi tomando proporções, criando aspecto de coisa séria, e Nora não era capaz de enganar ninguém, muito menos a êle. Achou que devia contar-lhe tudo, desse no que desse. E, timidamente, foi entrando no assunto. Mas êle a conhecia bem, muito bem, e gostava, realmente, dela. Levantou-lhe o rosto — como fazia sempre quando a via preocupada — olhou-a nos olhos, disse-lhe meia dúzia de frases e Nora ficou à vontade. Já podia contar tudo. Êle era amigo, muito amigo para zangar-se com ela. Além disso achava muito natural que namorasse. Que casasse, até. Só fazia questão de uma coisa. Que ela fôsse feliz. Muito feliz. E disso não abria mão. Em qualquer circunstância, porém, certa ou errada, estaria ao seu lado no momento oportuno. Pronto a ajudá-la em tudo. E quanto mais errasse, mais contasse com o seu apoio, sua dedicação. Nessa ocasião foi que Nora conheceu tôda a sua grandeza de sentimento. E o amou mais que nunca. Era uma pena que fôsse casado... Teve uma vontade súbita de romper o namôro e ser só dêle, inteiramente dêle, para sempre. Mas êle não consentiria, não podia consentir, infelizmente. E Nora ainda lembrava sua frase: "Minha maior infelicidade é não poder fazer você feliz..."



Nora passou o pincel nos lábios. Admirou-se no espelho. Estava bonita. E dentro de meia hora o veria de novo. Êle não acreditava que ela fôsse. Fizera-a prometer inúmeras vêzes, mas não se convencera, nunca. Acreditaria agora, quando a visse. Que aconteceria? Como seria o encontro?

.......................................

Enquanto não chegava ao lugar combinado êle ia pensando. Quando beijou Nora pela primeira vez, combinaram um encontro para dali a cinco anos. Seria no mesmo dia em que se haviam conhecido, e no mesmo local. Ainda que ela estivesse casada, ou fora do Rio. Só a morte impediria a um ou a outro. Mas combinaram, certos de que jamais se separariam. Entretanto, a vida tem seus caprichos, e a separação veio. Foi um fim de romance ideal. Nora casou, e êles se separaram, como amigos. Embora nunca mais se vissem, depois do casamento, êle continuava pensando nela. Não a esquecera, mas a respeitava bastante para não tentar desviá-la do bem. Que fôsse feliz, porque bem o merecia. A vida era assim mesmo. Dava-nos e nos tirava depois, sem cerimônias. E êle sabia perder, como soubera ganhar. Mas nunca esquecera a promessa feita. E aguardava, ansioso, o grande dia, muito embora não acreditasse, embora tivesse quase certeza de que ela não viria.

Dois anos, desde que a vira pela última vez! E tudo havia mudado tanto em sua vida! Era agora um homem solitário. Um homem triste e infeliz. A espôsa — que fôra o impecilho no tempo de Nora — desaparecera de casa. Abandonara-o com a filha pequena, ainda, e nunca mais dera sinal de vida. Também, êle não a procurou. Para quê? A menina ficara com os avós e êle se viu livre, de novo. Entregou o apartamento e alugou outro, menor. E só então a Fortuna o favoreceu. Ganhou dinheiro e nome. Mas não ganhou felicidade. Como um solteirão, vivia na mais completa das solidões. Outra mulher? Não, depois de Nora, nenhuma outra mulher podia interessá-lo. Repetir, a outras, tudo o que dissera a Nora? Não, não tinha coragem. Olhava para outras mulheres, sim, mas cada uma delas tinha um pedacinho de Nora. O sorriso, os olhos, a bôca, os cabelos, o modo de falar, de dizer as coisas... tudo lembrava Nora, mas nenhuma como Nora. E ia vivendo das recordações, como se a vida nada mais tivesse, de novo, para lhe oferecer.

Agora ia rever Nora. Ia encontrá-la outra vez. Sentir, num minuto, tôda a sensação dos velhos tempos. Sufocar a saudade por alguns instantes, embora ela voltasse, depois, mais forte, mais cruel que nunca...

Ia rever Nora. Faltavam apenas quinze minutos.

.......................................

Nora chamou um táxi. Chegaria a tempo, ainda. Mandou tocar para a cidade e explicou que tinha pressa. Quinze para as quatro. Estava ansiosa por tornar a vê-lo. Tivera muita sorte, porque o marido estava fora. Uma de suas viagens costumeiras. Afastou logo o pensamento do marido. Aquêle dia era "dêle" só. Achava-o tão simpático! E se êle a convidasse para um jantar, ou para uma "boite"? Ah, seria ótimo! Seria tão agradável passar algumas horas ao seu lado, novamente... Ouvi-lo contar sua vida naqueles últimos dois anos. Contar-lhe a sua. Dizer-lhe que ainda não tivera filhos, porque o marido era ultramoderno, e não queria o amor de sua espôsa dividido com os filhos. Que, também, não queria que ela ficasse com o corpo deformado... Diria tanta coisa, se pudesse! Diria que nunca o esquecera, que ainda o considerava o grande amigo de sempre, o único amigo! Não, amor ela já não sentia... nem pelo marido. Ou amava ainda? Então, por que ia ao encontro? Apenas para cumprir uma promessa? Tolice, Nora...

(Cont. na pág. 50)

# AVENTURA • SENSAÇÃO • INTERESSE



**TUDO PORÉM DENTRO DE UM INFLEXÍVEL CRITÉRIO DE SELEÇÃO**

*É o que os leitores encontram em algumas histórias que completam os mil assuntos diversos do*

# "ALMANAQUE EU SEI TUDO"

**Á VENDA EM TODOS OS PONTOS DE JORNAIS DO BRASIL POR Cr$ 25,00**

**Informações sôbre o Ano — Calendário Católico e Calendário Israelita**

•

**OS MAIS BELOS CONTOS DE AMOR RICAMENTE ILUSTRADOS**

•

*Um magnífico e empolgante romance:* **"ESTRÊLA DA MANHÃ"**

HISTÓRIAS PARA ADULTOS E PARA CRIANÇAS, PARA O HOMEM E PARA A MULHER.

**ANEDOTAS ★ CHARADAS ★ CURIOSIDADES SÔBRE A VIDA ★ NOTAS PARA O LAR ★ QUEBRA CABEÇAS ★ PASSA-TEMPO.**

**Leia o "ALMANAQUE EU SEI TUDO" um livro com cêrca de 400 páginas escolhidas e feitas para todos os gostos do público**

ATENDE-SE PELO REEMBÔLSO POSTAL

CIA. EDITÔRA AMERICANA — RUA MARANGUAPE, 15 — RIO DE JANEIRO





# *Sugestões*
# PARA A PRAIA





A arte de bem vestir (ou despir?) também se estende à praia. Não é preciso saber apenas escolher o "maillot", mas igualmente o "short", de calças curtas ou compridas, ou as peças únicas. Quanto a "maillot", os de duas peças começam a ficar abolidos. O que é demais cansa, e o que é bom nem sempre deve ser exageradamente mostrado... Aqui estão alguns modelos que a leitora saberá adaptar ao seu físico. As camisetas listadas horizontalmente, os estampados, as barras de saiotes em côres misturadas, resultam de grande efeito. Reparem, por exemplo, o modêlo superior, à direita, em corte enviezado, e a nova linha do conjunto feminino para a praia, da página à esquerda, ambos elegantes, simples, bem desenhados. Êsses figurinos também se adaptam à montanha, nas estações de águas, e mesmo quando se fica em casa. O têrmo "para a praia" nunca foi tão elástico. A praia pode ser muitas vêzes a piscina de nossa própria residência.









# De Paris

Os mais variados e sugestivos modelos para a noite, são aqui apresentados numa elegante coleção, reunindo as últimas criações que Paris, o centro mundial da moda, oferece à tôdas as mulheres elegantes do mundo. As sêdas estampadas, os tafetás, as sêdas bordadas, as rendas, os setins e os brocados foram harmoniosamente combinados para a criação destas maravilhosas "toilettes" de noite, que são, sem dúvida, uma autêntica afirmação do inegável gôsto parisiense.





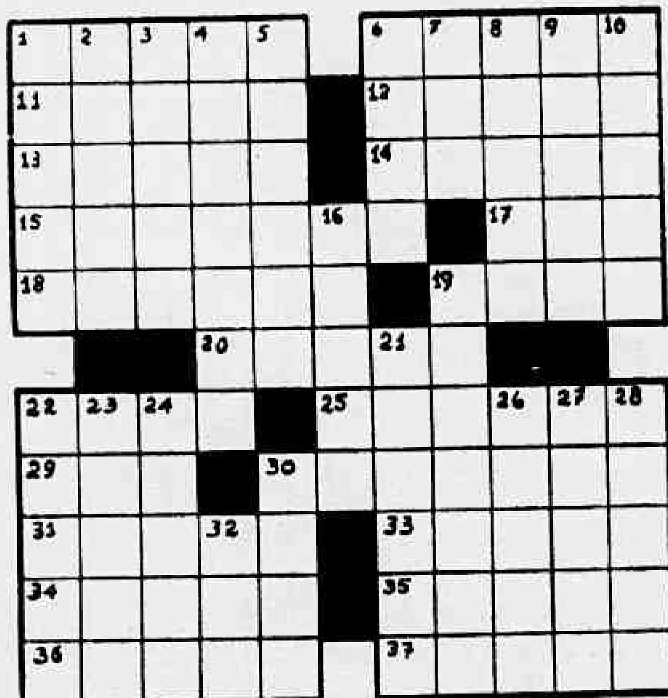






# PALAVRAS CRUZADAS

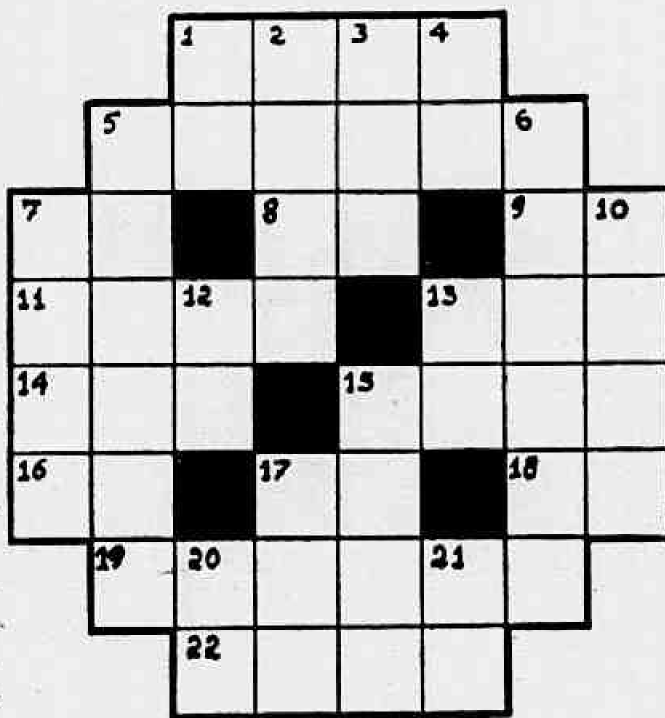
## Problema N.° 85 para Veteranos



HORIZONTAIS: — 1. Malidecência — 6. Costa da ilha de Tenerife — 11. Criticar — 12. Indivíduo mal vestido (pl.) — 13. Inalterável — 14. Pequeno reino da África ocidental — 15. Conflito — 17. Análogo — 18. Linguagem ininteligível — 19. Selva 20. Grande artéria — 22. Ave da família dos Psitacídeos (pl.) — 25. Criar — 29. Gênero de plantas da família das Leguminosas — 30. Pessoa pálida — 31. Logogrifo acompanhado de vinhetas ilustrativas — 33. Árvore notável pela dureza de sua madeira (pl.) — 34. Tivera suspeitas — 35. Perplexa — 36. Sítio aprazível e cheio de encantos — 37. Moas a paciência.

VERTICAIS: — 1. Acinzenta-se — 2. Ser próprio ou decente — 3. Obrará em contrário — 4. Que se semeiam — 5. Pequeno lobo situado entre as unhas dos insetos — 6. Rebate — 7. Unidade de intensidade sonora — 8. Faça descer — 9. Lago da Suiça — 10. Cidade da Itália — 16. Lupanar — 19. Nome de um gênio da teogonia tupi — 21. Atravessar — 22. Antigo corpo de tropas — 23. Substância azotada que representa o último têrmo do metabolismo das proteínas — 24. Habitação própria de diversos povos do norte da Europa e Ásia (pl.) — 26. Relativo à fac — 27. Refuta — 28. Peça de latão com que os encadernadores douram os livros (pl.) — 30. Ligeireza — 32. Cantão da Suiça.

## Problema N.° 85 para Novatos



HORIZONTAIS: — 1. Mulher formosa — 5. Tirar o brilho — 7. Aqui — 8. Brisa — 9. Seguir — 11. Lavrar — 13. Gosta — 14. Titulo abissínio — 15. Fileiras — 16. Antes de Cristo — 17. Donaire, elegância — 18. Batráquio — 19. Marinha de guerra — 22. Mulher fantástica.

VERTICAIS: — 1. Símbolo do rádio — 2. Rezar — 3. Existir — 4. Rio da França — 5. Chocalho que serve de brinquedo às crianças — 6. Fizera rimas — 7. Rosto — 10. Rasteira — 12. Artigo plural — 13. Outra coisa — 15. Ligar — 16. Intima — 20. Escarnece — 21. Oferece.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 84 — PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — Coram — Bifa — Amor — Ludibriar — Banir — Obras — Isosmia — Roc — Noé — Vai — Utilize — Aglia — Redra — Haustório — Rarb — Olga — Antas.

VERTICAIS: — Fila — Cadis — Rab — Maibi — Fora — Funicular — — Maravedil — Ironias — Romeiro — Barba — Saida — Sol — Tiuba — Zeros — Chat — Rogo — Tat.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — Rata — Alfa — Imitava — Corado — Or — Orara — Apa — Ova — Aro — Asa — Amara — Mó — Arames — Abarata — Rola — Aras.

VERTICAIS: — Rico — Amoroso — Tirava — Atara — Avô — Lá — Abra — Ada — Opereta — Aramar — Amara — Amor — Ara — Asas — Aba — Al.

**Colaboração e correspondência para: «REVISTA DA SEMANA» — PALAVRAS CRUZADAS**

# HERODÍADE

(CONTINUAÇÃO DO NÚMERO ANTERIOR)

Êles o incitavam a falar:

— Justifica o seu poder!

Êle curvou os ombros e, em vez baixa, lentamente, como espantado de si mesmo:

— Então não sabes que é o Messias?

Todos os sacerdotes se entreolharam; e Vitellius pediu explicação da palavra. O seu intérprete demorou um minuto antes de responder.

Chamavam assim um libertador que lhes traria o gôzo de todos os bens e o domínio de todos os povos. Alguns até sustentavam que se devia contar com dois. O primeiro devia ser vencido por Gog e Magog, os demônios do norte; mas o outro exterminaria o Príncipe do Mal; e, havia séculos, esperavam todos os minutos.

Os sacerdotes se consultaram e Eleazar tomou a palavra.

Antes de tudo o Messias seria filho de David, e não dum carpinteiro; confirmaria a Lei. Êsse nazareno a atacava: e, argumento mais forte, devia ser precedido pela vinda de Elias.

Jacob replicou:

— Mas Elias veio!

— Elias! Elias! — repetiu a multidão até ao outro extremo da sala.

Todos, com a imaginação, percebiam um velho sob um bando de corvos, o relâmpago a iluminar um altar, pontífices idólatras atirados às torrentes; e as mulheres, nas tribunas, pensavam na viúva de Sarepta.

Jacob se esgotava em dizer que o conhecia! Que o vira e que o povo também o vira!

— O nome?

Então êle gritou, com tôdas as suas fôrças:

— Iaokanann!

Antipas recuou, como atingido em pleno peito. Os saduceus tinham saltado sôbre Jacob. Eleazar perorava, para se fazer escutar.

Quando o silêncio se estabeleceu, êle enrolou o seu manto e como um juiz se pôs a fazer perguntas:

— Já que o profeta morreu...

Murmúrios o interromperam. Supunha-se apenas que Elias desaparecera. Êle desafiou a multidão e, continuando o interrogatório:

— Pensas que ressuscitou?

— Por que não? — disse Jacob.

Os saduceus alçaram os ombros. Jônatas, arregalando os olhinhos, fazia esforços para rir como um bufão. Nada de mais tolo do que a pretensão do corpo à vida eterna; e êle declamou para o procônsul êste verso de um poeta contemporâneo:

**Nec crescit, nec post mortem**
**[durare videtur.**

Mas Aulus estava inclinado à borda do triclínio, a fronte cheia de suor, o rosto verde, as mãos sôbre o estômago.

Os saduceus fingiram uma grande emoção, — no dia seguinte os sacrifícios lhe foram entregues; — Antipas estourava de desespêro; Vitellius se mantinha impassível. As suas angústias eram, entretanto, violentas; com o filho perdia a fortuna.

Aulus, mal acabava de provocar os vômitos, quis tornar a comer.

— Dêem-me raspas de mármore, xisto de Naxos, água do mar, seja o que fôr— Se eu tomasse um banho?

Provou da neve, depois, tendo hesitado entre uma terrina de Commagena e melros côr de rosa, decidiu-se por abóboras no mel. O Asiático o contemplava, pois essa faculdade de ingestão denotava um ser prodigioso e de raça superior.

Serviram-se rins de touro, arganazes, rouxinóis picados em fôlhas de pâmpano; e os sacerdotes discutiam sôbre a ressurreição. Ammonius, aluno de Philon o Platônico, os julgava estúpidos e o dizia a gregos que zombavam dos oráculos. Marcellus e Jacob se haviam reunido. O primeiro narrava ao segundo a felicidade que sentira sob o batismo de Mithra e Jacob o animava a seguir Jesus. Os vinhos de palmeira e de tamargueira, os de Safet e de Biblos, escorriam das ânforas para as frasqueiras, das frasqueiras para as taças, das taças para as gargantas; conversava-se, os corações se abriam. Iacim, embora judeu, não escondia mais a sua admiração pelos planêtas. Um comerciante de Aphaka embasbacava nômades, detalhando as maravilhas do templo de Hierápolis; e êles perguntavam quanto custaria a peregrinação. Outros se agarravam à sua religião natal. Um germano quase cego cantava um hino celebrando o promontório da Escandinávia onde os deuses apareciam com os traços dos seus rostos; e a gente de Sichém não comeu rôlas, por deferência com a pomba Azima.

Muitos conversavam de pé, no meio da sala; e o vapor da respiração, com a fumaça dos candelabros, fazia um ruído no ar. Phanuel passou ao longo das paredes. Acabava de estudar outra vez o firmamento, mas não se aproximava do tetrarca, receando as manchas de óleo que, para os essênios, eram uma grande sujeira.

Golpes ressoaram contra a porta do castelo.

Sabia-se agora que Iaokanann se encontrava detido ali. Homens com tochas gargavam as trilhas; uma massa negra formigava na ravina; e urravam, de vez em quando:

— Iaokanann! Iaokanann!

— Êle atrapalha tudo! — disse Jônatas.

— Não teremos mais dinheiro, se êle continuar! — acrescentaram os fariseus.

E irrompiam recriminações:

— Protege-nos!

— Acabemos com isso!

— Tu abandonas a religião!

— Ímpio como os Herodes!

— Menos que vós! — replicou Antipas — Foi meu pai quem edificou o vosso templo!

Então, os fariseus, os filhos dos proscritos, os partidários de Matatias, acusaram o tetrarca dos crimes da sua família.

Tinham crânios pontudos, a barba eriçada, mãos fracas e más, ou o nariz chato, grandes olhos redondos, o ar de cães de fila. Uma dúzia, escribas e criados dos sacerdotes, nutridos pelos restos dos holocaustos, se chegaram até debaixo do estrado; e, com os seus punhais, ameaçavam Antipas, que lhes arengava, enquanto os saduceus o defendiam com brandura. Percebeu Mannaei e fêz-lhe sinal para ir-se embora; Vitellius indicava, pela sua continência, que essas coisas não lhe diziam respeito.

Os fariseus, nos seus triclínios, se puseram num furor demoníaco. Quebraram os pratos diante de si. Tinham-lhe servido o assado querido de Mecenas de asno selvagem, uma carne imunda.

Aulus escarneceu-os por causa da cabeça de asno que honravam, dizia-se, e atirou outros sarcasmos sôbre a

sua antipatia ao porco. Era sem dúvida porque êsse gordo animal havia abatido o seu Bacc; e amavam muito o vinho, pois se tinha descoberto no templo uma vinha de ouro.

Os sacerdotes não compreendiam as suas palavras. Fineias, galileu de origem, se recusou a traduzi-las. Então a sua cólera se desmesurou, tanto mais que o Asiático, tomado de mêdo, havia desaparecido; e o respasto lhe desagradava, as iguarias eram vulgares, não suficientemente temperadas! Acalmou-se ao ver filas de ovelhas sírias, que são montes de gordura.

O caráter dos judeus parecia odioso a Vitellius. O seu deus bem podia ser Moloch, cujos altares encontrara pelo caminho; e os sacrifícios de crianças lhe voltaram ao espírito, com a história do homem que engordavam misteriosamente. O seu coração de latino estava tomado de desgôsto pela sua intolerância, pela sua raiva iconoclasta, suas tolices brutais. O procônsul queria partir. Aulus se recusou a fazê-lo.

Com as vestes arriadas até às ancas, estava deitado por trás de um monte de vitualhas, muito cheio para comê-las, mas obstinado em não as deixar.

A exaltação do povo cresceu. Entregaram-se a projetos de independência. Lembrava-se a glória de Israel. Todos os conquistadores haviam sido castigados: Antigona, Crassus, Varus...

— Miseráveis! — disse o procônsul; pois entendia o sírio; o seu intérprete só servia para lhe dar lazer para a resposta.

Antipas, com rapidez, tirou a medalha do imperador e, observando-a a tremer, apresentava-a do lado da imagem.

Os painéis da tribuna de ouro se abriam de repente; e, no esplendor dos círios, entre as suas escravas e festões de anêmonas, Herodíade apareceu, — com uma mitra assíria na fronte; os seus cabelos em espiral se espalhavam sôbre um peplo escarlate, fendido ao longo das mangas; dois monstros de pedra, parecidos aos do tesouro das átridas, se elevavam contra a porta, fazendo-a parecer Cibele ladeada pelos seus leões; e, do alto da balaustrada que dominava Antipas, com um cetro na mão, gritou:

— Por muitos anos viva César!

Esta homenagem foi repetida por Vitellius, Antipas e os sacerdotes.

Mas do fundo da sala chegou um zumbido de surprêsa e de admiração. Uma moça acabava de entrar.

Sob um véu azulado que lhe escondia o peito e a cabeça, distinguiam-se as arcadas dos seus olhos, o desenho das suas orelhas, a brancura da sua pele. Um quadrado de sêda pescoço-de-pombo, cobrindo-lhe as espáduas, se amarrava nos rins por um cinturão de pedrarias. Os seus calções pretos estavam semeados de mandrágoras e, de maneira indolente, arrastava pequenas pantufas de penugem de colibri.

No alto do estrado, retirou o véu. Era Herodíade, como outrora, na sua juventude. Depois começou a dançar.

Os seus pés passavam um adiante do outro, no ritmo da flauta e de um par de crótalos. Os seus braços redondos chamavam alguém, que fugia sempre. Ela o perseguia, mais leve do que uma borboleta como uma Psiquê curiosa, como uma alma vagabunda, e parecia prestes a voar.

Os sons fúnebres da orquestra substituíram os crótalos. O abatimento seguira-se à esperança. As suas atitudes exprimiam suspiros e tôda a sua pessoa tinha tal langor que não se sabia se chorava um deus ou se morria sob os seus carinhos. As pálpebras semi-cerradas, torcia o corpo, agitava o ventre com ondulações de careta, fazia tremer os seios e o seu rosto permanecia imóvel e os seus pés não se detinham.

Vitellius a comparou a Mnester, o pantomineiro. Aulus vomitava ainda. O tetrarca se perdia num sonho e não mais pensava em Herodíade. Supôs vê-la perto dos saduceus. A visão se afastou.

Não era um visão. Fizera instruir, longe de Machaerus, sua filha Salomé, que o tetrarca amaria. E a idéia era boa; estava certa, agora.

Depois, foi o impulso do amor que busca a satisfação. Ela dançou como as sacerdotisas da Índia, como as núbias das cataratas, como as bacantes de Líbia. Dobrava-se para todos os lados, como uma flor agitada pela tempestade. Os brilhantes das suas orelhas saltavam, o pano que lhe cobria as costas reluzia; dos seus braços, dos seus pés, da sua vestimenta desprendiam-se faíscas invisíveis que inflamavam os homens. Uma harpa se fêz ouvir; a multidão respondeu com aclamações. Sem dobrar os joelhos, afastando as pernas, ela se curvou tanto que o seu queixo se encostava ao solo; e os nômades habituados à abstinência, os soldados de Roma peritos em esbórnias, os avaros publicanos, os velhos sacerdotes azedados pelas disputas, todos, dilatando as narinas, palpitavam de cobiça.

Em seguida ela girou em tôrno da mesa de Antipas, frenèticamente, como as feiticeiras; e, com uma voz que arrancos de volúpia entrecortavam, êle lhe dizia:

— Vem! Vem!

Ela girava sempre. Os tímpanos soavam a arrebentar, a multidão urrava. Mas o tetrarca gritava mais forte:

— Vem! Vem! Terás Capharnaum! A planície de Tiberíade! As minhas cidadelas! A metade do meu reino!

Ela se atirou sôbre as mãos, de pés para o ar, e percorreu assim o estrado, como um grande escaravelho; e se deteve, de repente.

A sua nuca e as suas vértebras formavam ângulo reto. Os forros de côr que lhe envolviam as pernas, passando-lhe por cima das espáduas, como arco-íris, acompanhavam a sua figura, a um côvado do solo. Os seus lábios estavam pintados, os seus supercílios eram muito negros, os seus olhos quase temíveis e gotinhas de suor na sua fronte pareciam vapor sôbre o mármore branco.

Não falava. Êles se olhavam.

Um estalar de dedos se ouviu na tribuna. Ela subiu, reapareceu; e, hesitando um pouco, pronunciou estas palavras, com ar infantil:

— Quero que me dês num prato, a cabeça...

Esquecera o nome, mas continuou a sorrir:

— ...a cabeça de Iackanann!

O tetrarca se abateu sôbre si mesmo, esmagado.

Estava obrigado pela sua palavra — e o povo esperava. Mas a morte que lhe haviam prognosticado, não o pouparia, aplicando-se a outro? Se Iackanann era realmente Elias, poderia subtrair-se; se não era, o assassínio não teria importância.

Mannaei estava a seu lado e compreendeu a sua intenção. Vitellius lhe chamou para confiar a palavra de ordem, pois havia sentinelas guardando a fossa. Foi um alívio. Dentro de um minuto, tudo estaria terminado.

Entretanto, Mannaei não se desincumbiu a contento da tarefa. Voltou, mas transtornado. Havia quarenta anos exercia a função de carrasco. Fôra êle quem afogara Aristóbulo, estrangulara Alexandre, queimara vivo Matatias, decapitara Zózimo, Pappus, Joseph e Antípater. E não ousava matar Iackanann! Os seus dentes castanholavam, todo o seu corpo tremia.

(Cont. na pág. 4')

# PUXE PELO CÉREBRO

**NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA**

| | | |
|---|---|---|
| Nenhuma resposta certa .. | Estado primitivo | Homem-macaco |
| De 1 a 3 ............ | Cultura inferior | Selvagem |
| De 4 a 6 ............ | Cultura média | Estudante ginasial |
| De 7 a 11 ............ | Cultura superior | Universitário |
| De 12 a 14 ............ | Genial | Um sábio |
| Tôdas as quinze ............ | | O gênio em pessoa |

1 — QUAL DÊSTES CLÁSSICOS ESCREVEU A «CRÔNICA DE D. FERNANDO:

— Fernão Lopes?
— D. Francisco Manuel de Melo?
— Luís de Camões?

2 — ONDE FICAVAM AS «COLUNAS DE HÉRCULES»:

— No istmo de Suez?
— Na Grécia?
— No estreito de Gibraltar?

3 — JOSÉ DE ALENCAR FOI:

— Prosador?
— Poeta?
— Historiador?

4 — QUAL A PARTE DO MUNDO A QUE SE CHAMA «CONTINENTE NEGRO»:

— A Oceânia?
— A África?
— A América?

5 — COMO SE CHAMAVA O INVENTOR DA LOCOMOTIVA:

— Henry Ford?
— James Watt?
— George Stephenson?

6 — COMO FOI QUE MORREU SWIFT, AUTOR DAS «VIAGENS DE GULLIVER»:

— Num naufrágio?
— De febre amarela na Africa?
— Louco?

7 — EM QUE PAÍS FOI INVENTADA A LITOGRAFIA:

— Inglaterra?
— Alemanha?
— Estados Unidos?

8 — QUAL DÊSTES HOMENS DE LETRAS PRONUNCIOU O DISCURSO FÚNEBRE NO TÚMULO DE EMILE ZOLA:

— Anatole France?
— Joaquim Nabuco?
— Ruy Barbosa?

9 — QUE QUER DIZER «POLEITEISTA»:

— Ateu?
— O que acredita em muitos deuses?
— O que se acredita um deus?

10 — QUEM FOI AMANDINE LUCILE AURORE DUPIN:

— Grande escritora?
— Famosa pintora?
— Rainha da França?

11 — DE QUEM SÃO AS «RAPSÓDIAS HÚNGARAS»:

— Brahms?
— Debussy?
— Franz Liszt?

12 — DE QUEM É A ÓPERA «BARBEIRO DE SEVILHA»:

— Rossini?
— Verdi?
— Carlos Gomes?

13 — QUAL DESTAS FOI A PRIMEIRA ARTE A DESENVOLVER-SE NA SOCIEDADE HUMANA:

— A pintura?
— A escultura?
— A dança?

14 — COMO ERA O NOME TODO DO AUTOR DE «A MARSELHESA»:

— Cláudio José Rouget de Lisle?
— Rouget de Lisle Aumont?
— Carlos Rouget de Lisle?

15 — QUANDO UMA PESSOA RENUNCIA À FÉ RELIGIOSA É:

— Blasfemo?
— Estroina?
— Apóstata?

(Respostas na página 50)

CINE NOVELA

# A LÂMPADA AZUL

A história de «A LÂMPADA AZUL» está condensada nas palavras pronunciadas a 17 de fevereiro de 1949 pelo juiz Finnemore, no Tribunal Criminal de Londres: «Não tenho dúvida que um dos melhores preventivos contra o crime é a polícia uniformizada de Scotland Yard sempre à postos». Isto confirma o que se passou com George Dixon, o protótipo do policial londrino, exemplar zelador da ordem, o qual, embora esteja prestes a ser jubilado e aposentado, desempenha suas funções com o mesmo entusiasmo como quando iniciara sua carreira.

No mesmo distrito policial ingressa o jovem Andy Mitchell, também fiel cumpridor de seus deveres e por quem George tem uma simpatia tôda pessoal. No desejo de ajudá-lo, dando-lhe conselhos e orientação valiosa, George leva Andy para sua casa, onde passa a ser hóspede e uma espécie de filho do velho casal. Trabalham e descansam juntos. O trabalho diário é rotinário, constantes vigias, ajudar crianças e velhos a travessarem as ruas, atender aos forasteiros com um sorriso amável. Enfim, estar sempre atento quando de serviço.

O casal Lewis e suas constantes rixas parecem dar muitas preocupações à George Dixon. Porém, a última briga parecia pior do que as anteriores, pois George acudiu quando ouviu a mulher gritar que seu espôso queria matá-la. Sua presença evitou a tragédia e Andy por sua vez também veiu em socorro. No meio tempo, George leva Lewis ao distrito, enquanto Andy passa a interrogar a mulher e fica então sabendo que as inúmeras brigas do casal tem como origem o desaparecimento da filha mais velha, de nome Diana, da qual ela exibe uma fotografia.

Diana estava vivendo na companhia de Tom Riley, um rapaz de maus prescedentes e amigo de Spud, outro malandro, ambos vivem de roubo. Naquele momento estavam premeditando um assalto a uma billeteria de cinema. Os dois amantes confe-





bulavam aquando aparece Andy e reconhece na moça a mesma do retrato. Andy se acerca mais do casal e vê suas suspeitas confirmadas. Êle pede que ela o acompanhe até o distrito, mas como ela já passou dos 17 anos, ninguém pode obrigá-la a viver com seus pais e ela é mandada embora, não sem antes receber uma lição de moral.

O plano do ataque à sala de espetáculos se materializa e talvez tivesse sido bem sucedido se não fôsse um incidente que obrigou um casal a chamar a polícia. Spud está do lado de fora num automóvel, aguardando a chegada de Tom. No momento em que êste pretende abordar o carro, eis que aparece a polícia, na pessoa de Georges, o qual avança a passos lentos em direção à Tom que atemorizado puxa o gatilho e fere o policial mortalmente.

Os ladrões fogem e se escondem no quarto onde moram, sem coragem de sair. Scotland Yard, por sua vez, inicia uma perseguição implacável contra êles, a qual, depois da morte de George, se transformou em verdadeira caçada humana. Há prisões em massa, os menores detalhes servem para identificação. Andy surpreende uma jovem brincando com um revólver, e que se nega a dizer onde o achara. Por fim confessa. De passo em passo a polícia chega até Diana e então Tom e Spud vêem que a polícia está em seu encalce.

Atormentada pelo remorso e receando Tom, Diana pretende fugir. Tom não demora a encontrá-la e então maltrata-a de maneira impiedosa. Êle a insulta e tenta estrangulá-la. Diana consegue salvar-se devido à intervenção de um representante da lei. Spud, porém, chega a tempo de impedir que Tom seja prêso.



## (THE BLUE LAMP)

E L E N C O

| | |
|---|---|
| George Dixon ...... | JACK WARNER |
| Andy Mitchell ..... | JIMMY HANLEY |
| Tom Riley ......... | DIRK BOGARDE |
| Sargent Roberts .... | ROBERT FLEMYNG |
| Inspector Cherry .. | BERNARD LEE |
| Diana Lewis ....... | PEGGY EVANS |
| Spud ............. | PATRIC DOONAN |
| Constable Campbell. | BRUCE SETON |

Enrêdo de T.E.B. CLARKE — Produção de MICHAEL BALCON — Direção de BASIL DEARDEN — Apresentação de J. ARTHUR RANK — Distribuição da UNIVERSAL - INTERNATIONAL



## MÁRIO VIANA . . .

(Cont. da pág. 31)

por um juiz, em virtude de ser reincidente em reclamações contra a arbitragem. Durante êsse jôgo, um diretor do Flamengo foi ao microfone do Estádio do Botafogo e falou: "OU MÁRIO DEIXA DE SER JUIZ OU O FLAMENGO NÃO COMPETIRÁ MAIS!"

NORMAL OU ANORMAL?

O ponto culminante da carreira do juiz Mário Viana foi marcado por aquêle jôgo entre Vasco e Fluminense, no campo das Laranjeiras, em que saiu vitorioso o clube local. Expulsou vários jogadores do Vasco. O presidente do Vasco era o sr. Jayme Guedes, que pediu a Federação Metropolitana de Futebol, fôsse o juiz submetido a um exame de sanidade mental, pois não acreditava poder um homem normal tomar atitudes tão drásticas como as que assumiu em campo o juiz.

— Já que me taxaram de maluco fiz mesmo questão de tirar isso a limpo, e verificar se eu era de fato doido. Uma comissão de médicos psicopatas observou-me um mês durante as minhas atuações. Na semana final do test da minha maluquice, passei algumas horas num Pavilhão de Neurologia, lá na Praia Vermelha. O veredito final da junta de 4 médicos especializados, foi êste: Normalidade, tão normal que para alguns homens de hoje deve ser anormal. Depois o maluco era eu... concluiu Mário Viana.

DOIS K. O. SUL-AMERICANOS

Mário Viana não carregou a cruz sòmente no campeonato carioca de futebol. Em 45, o sul-americano foi disputado no Chile. Jôgo Colombia x Uruguai. Venciam os uruguaios, conta o nosso entrevistado: de 7 x o. E expulsei os zagueiros da Columbia, por desrespeito, e marquei "penalty" contra a Colombia. A torcida chilena achou que aquilo era demais para um time "chico", e como torciam pelo mais fraco, a minha saída de campo teve que ser garantida por forte policiamento. Em seguida, no jôgo Uruguai x Bolivia. Vencia os orientais. O técnico da Bolivia tinha a mania de agredir os juizes. Solicitei que não fôsse escalado para êsse jôgo. Escalaram-me, resultado: quando o tal técnico entrou em campo para me agredir, não tive conversa, mandei-o a k. o.

— No sul-americano de 46, prossegue Mário Viana, jôgo Argentina x Paraguai. Jôgo duro, ganhava a Argentina de 1 x o. Expulsei Boyé, da Argentina, por agressão a Villalba. Boyé ídolo dos argentinos. Jôgo interrompido por 11 minutos. Tentaram fazer voltar Boyé ao jôgo, mas eu confirmei e mantive a expulsão. O meu orgulho é que a Associação de Futebol Argentino no Tribunal de Penas antes do julgamento, deu voto de louvor à minha atuação e anunciou que o jogador fôra afastado do selecionado. No veredito do Tribunal, Boyé foi suspenso por 1 ano de jogos sul-americanos.

— Em seguida, continua o juiz, fui dirigir o choque Uruguai x Chile. Dou um escanteio contra o Uruguai, Maspoli defende, um chileno chuta a cabeça do quiper uruguaio, e aí vem, da defesa chilena, o zagueiro Pini, capitão da equipe, reclamar um goal que não existira e que êle de tão longe vira a bola entrar no arco de Maspoli. Não adiantando a reclamação me agrediu. Revidei e mandei-o a k. o. O jogador foi suspenso por 1 ano. Orgulho-me sem vaidade, de apitar o jôgo final do campeonato: Paraguai x Uruguai. Fui indicado pelo Uruguai, e aceito pelo Paraguai. Acabou vencendo o Paraguai por 2 x 1.

O BOTAFOGO E OS INCIDENTES

Voltando ao cenário local, indagamos de novos incidentes de arbitragem e Mário Viana fazendo um esfôrço de memório, lembrou-se de 1947 do jôgo América x Botafogo, em que houve invasão de campo e muitas agressões. Depois um Botafogo x Flamengo, no campo do Botafogo, em que expulsou de campo Pirilo."Jogaram muitas cadeiras no campo em cima de mim. Deram um prejuizo de 42 mil cruzeiros em cadeiras quebradas".

A essa altura, o repórter faz uma estatística e diz a Mário Viana que quase todos os seus incidentes nos campos cariocas tem Botafogo no meio, inclusive o último, que também foi num jôgo do alvi-negro contra o Bonsucesso. O jôgo estava 1 x 1 e o juiz marcou um "penalty" contra o clube da Leopoldina, e então começou um côro: Ladrão — Ladrão — Ladrão. No final, ganhou o Botafogo de 4 x 1, e Mário Viana teve que sair de campo protegido pela Polícia. Seguiu-se um incidente na passagem do campo para o vestiário, que resultou em inquérito policial, além do julgamento na Federação Metropolitana de Futebol.

DO APITO DE OURO A LADRÃO !

Mário Viana não quis falar sôbre êsse último incidente. Preferiu calar-se mesmo porque de acôrdo com o seu contrato não pode dá entrevistas sôbre assuntos em julgamento. Abriu a gaveta do seu escritório, e retirou uma caixinha, dentro da qual havia uma placa de prata com os seguintes dizeres: "AO ÁRBITRO MÁRIO VIANA — EXEMPLO DE HONESTIDADE E COMPETÊNCIA OFERECEM OS ADEPTOS DO BONSUCESSO F. C. 22-VII-1949". Dentro da mesma havia um apito de ouro, com a seguinte inscrição: HONRA AO MÉRITO. Nada disso impediu que depois do jôgo os mesmos adeptos do Bonsucesso gritassem: "O Bonsucesso deu-lhe um apito de ouro, e você vendeu-o ao Botafogo".

JUIZ ESPÍRITA !

Concluindo, indagamos até quando êle pretendia continuar apitando, e respondeu-nos prontamente: — Até quando Deus, os bons amigos, e os astros permitirem!

— Astros?

— Sim, astros, porque eu sou espírita.

— Desde que você é espírita, diga, já teve alguma visão com respeito ás suas atuações futebolísticas?

— Não mas recentemente, quando viajava de avião de Recife para o Rio, teve lugar na mesma aeronave o suicídio daquela moça. Quando ela saiu da toilette tive a intuição de que estava desincarnando.

A jovem sentou-se e começou a ter os primeiros estremecimentos, a aero-moça correu e começou a chamar por algum médico a bordo. Foi quando eu disse: "Não adianta mais nada". Ela havia se suicidado, e estava morrendo. Foram a toilette e encontraram o veneno, e nos seus bolsos as cartas confirmando tudo.

— Mas isso não quer dizer, arrematou o repórter, que você apite por espiritismo, não é?

A MAIOR EMOÇÃO

Voltando ao assunto futebolístico, Mário Viana não poderia fugir ás clássicas perguntas da maior emoção e da maior decepção.

— A minha maior emoção foi no jôgo Fluminense x Botafogo. Lá vem Botafogo de novo. No campo do Fluminense, a primeira partida depois do veredito final sôbre a minha sanidade mental. Tôda social do Fluminense recebeu-me de pé, batendo palmas. Foi a minha maior emoção como desportista e sêr humano.

— E a maior decepção?

— Não tenho, porque tudo que tem sido feito contra mim, encerra paixão clubística. A minha função de juiz se inicia e termina no campo de futebol.

O CLUBE DE MÁRIO VIANA

Alguns dirigentes e jogadores queixam-se de Mário Viana por ser demasiadamente autoritário, e por êsse motivo procuramos saber por que apita com tanta energia:

— Em futebol é preciso agir com autoridade, a fim de impôr a nossa personalidade. O juiz pode falhar tècnicamente, mas disciplinarmente nunca.

A reportagem já estava terminada quando o fotógrafo José Santos, que tudo ouvia calado, perguntou bem baixinho a Mário Viana:

— Cá pra nós, qual é o seu clube?

— Não tenho, respondeu o juiz. Você quer ver uma coisa? Mau sáio de campo, não tomo mais conhecimento do assunto. Não leio seções esportivas, nem escuto programas esportivos de rádio. A prova é que eu nunca joguei futebol na minha vida.

## HERODÍADE

(Cont. da pág. 45)

Percebera diante da fossa o Grande Anjo dos Samaritanos, brandindo imenso gládio, vermelho e denteado como uma flama. Dois soldados, trazidos como testemunha, podiam dizê-lo.

Nada tinham visto, salvo um capitão judeu, que se precipitara sôbre êles e que não existia mais.

O furor de Herodíade transbordou numa torrente de injúrias vulgares e sangüinolentas. Ela partiu as unhas nas grades da tribuna e os dois leões esculpidos pareciam morder os ombros e rugir.

Antipas a imitou, os sacerdotes, os soldados, os fariseus, todos reclamavam uma vingança e os outros se indignavam de haver retardado o seu prazer.

Mannaei saíu ocultando o rosto.

Os convivas acharam o tempo ainda mais longo que da primeira vez. Todos se aborreciam. De repente, um ruído de passos repercutiu nos corredores. O mal-estar se tornou intolerável.

A cabeça entrou — e Mannaei segurava pelos cabelos, de braço estendido, orgulhoso dos aplausos.

Depois de colocá-la num prato, ofereceu-a a Salomé.

Ela subiu lestamente para a tribuna; minutos depois a cabeça foi trazi-


# SABÃO RUSSO









**Em 3 tamanhos** **Líquido, sólido e bastões para barba**

Limpos os póros com a antisetica espuma do supremo SABÃO RUSSO, a cutis se conserva sã, fina e com o aspecto juvenil.

Êste sabão puro cientificamente preparado com escolhidas substâncias medicinais as mais afamadas, é a base do tratamento da pele.

SABÃO RUSSO desde 1830 ao serviço da higiene, saúde e beleza.

**A BELEZA DOS SEIOS**

**BÉL-HORMON**

**Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL - HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios é um preparado moderníssimo, eficiente de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.**




**Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.**

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº ......
NOME ..............................
RUA .......................... Nº ....
CIDADE ............................
ESTADO ............................

**Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00**

da pela velha que o tetrarca distinguira, pela manhã, na plataforma de uma casa, e mais tarde, no quarto de Herodíade.

Êle recuava o corpo para não a ver. Vitellius lhe atirou um olhar indiferente.

Mannaei desceu o estrado e a exibiu aos capitães romanos e, depois, a todos os que comiam daquele lado. Êles a examinaram.

A lâmina aguda do instrumento, deslizando de cima para baixo, havia deslocado o maxilar. Uma convulsão torcia os cantos da bôca. Sangue já coagulado salpicava a barba. As pálpebras cerradas estavam macilentas como conchas; e os candelabros em volta enviavam raios.

Ela chegou à mesa dos sacerdotes. Um fariseu a voltou curiosamente; e Mannaei, tendo-a recolocado direito, pô-la diante de Aulus, que teve um sobressalto. Pela abertura dos seus cílios, as pupilas mortas e extintas pareciam dizer-se alguma coisa.

Em seguida, Mannaei a apresentou a Antipas. Lágrimas correram pela face do tetrarca.

As flamas se extinguiram. Os convivas partiram; e na sala ficara sòmente Antipas, as mãos contra as têmporas, olhando sempre a cabeça cortada, enquanto Phanuel, de pé no meio da grande nave, murmurava orações, de braços estendidos.

No instante em que o sol se levantava, dois homens, mandados outrora por Iaokanann, voltaram com a resposta havia tanto esperada. Êles a confiaram a Phanuel, que teve um arrebatamento.

Depois lhes mostrou o objeto lúgubre, sôbre o prato, entre os restos do festim. Um dos homens lhe disse:

— Consola-te! Êle desceu entre os mortos, para anunciar o Cristo!

O essênio compreendia agora estas palavras: "Para que êle se engrandeça, é preciso que eu diminua!"

E os três, tendo apanhado a cabeça de Iaokanann, partiram para os lados da Galiléia. Como fôsse muito pesada, cada qual a conduzia por sua vez.

---

## SUA ALTEZA DAS...

(Cont. da pág. 15)

E a sua ronda pelas "boites" prosseguiu, até que sugeriram um novo romance para êle, um romance cá de casa, com brasileirinha do Rio. Os sorrisos de Ali Khan, desde aí, entraram em "forfait" diante das câmaras dos fotógrafos assanhados.

— Basta eu dançar com moça solteira que desconfiam...

O lamento do príncipe foi ouvido... e atendido. Passou a ser menos focalizado. E êle foi para Petrópolis, experimentar a subida da serra e sentir Quitandinha mais de perto.

Quando voltou, não ficou sumido. Apareceu, como sempre, nas "boites". Na "Night anda Day", onde tôdas as mesas estavam ocupadas, ofereceu-se-lhe ocasião para sentar-se no degrau da atapetada escada.

UM POUCO PARA CIMA

E' interessante recordar algo sôbre a fortuna e a expressão de Ali Khan, que deixa de ser o "dandy" do Ocidente para ser o príncipe idolatrado do Oriente. Mas nisso influi a figura de seu pai, Aga Khan, que tem poder espiritual sôbre milhões de pessoas! Sim, Aga, que vale a luz do Alcorão para os seus fiéis e que é, no mundanismo parisiense, um capitalista que sacode "Longchamps", pondo nas pistas famosos cavalos, ou o magnata que surge transformado em vistoso "turfman" no "Derby" de Londres, com binóculo para assistir às corridas de "Blenheim", "Bahram" e "Mahmoud".

O Aga tem o "outro". O "outro" que é o principal. O Aga Khan autêntico, o Honorável Aga Sultão Sir Mohamed Shad Aga Khan, Maulana Azar Iman, Mestre de Ismail, Sahib de Khoja, que, uma vez por ano, se apresenta para a veneração dos ismaelitas que o põem numa balança e pesam-no em ouro e diamantes, sem uma grama a menos — mesmo sem fiscalização! Daí a inestimável riqueza que o Aga percebe e com a qual leva a vida em palácios na Índia, numa vila da Riviera ou num seu hotel em Lausanne. E daí, também, os recursos para o príncipe Ali Khan preferir o modernismo ocidental e dar graças a desfrutar das vantagens que decorrem do poder apenas espiritual...

COMO NUMA EXPOSIÇÃO

O porteiro do Copacabana-Pálace nos informa sôbre o movimento de moças à procura de Ali Khan. São dezenas e dezenas que surgem.

— Queremos só vê-lo — alegam.

Todavia, o homem não aparece e as ordens são cumpridas. Quando menos se espera, êle desce. Ou sai ou conversa um pouco no "hall" ou desaparece misteriosamente. Pelos lados, olhares curiosos lhe são atirados e os cochichos mais suspeitos se ouvem.

Ali Khan sorri como se o sorriso fôsse um estribilho das suas palestras.

DE LITERATURA E ARTE

De formação moderna, falando alguns idiomas que lhe garantem um entendimento mais razoável com os povos que visita, Ali Khan reserva, para os momentos extraordinários das suas noitadas das "boites" e "roofs", assuntos de literatura e arte. Sabe de cor alguns versos e comenta uns tantos autores. Critica Picasso, por pintar mulheres de três cabeças (com certeza com pena de serem resumidas num só corpo), e pretende saber pormenores da Bienal de São Paulo, a exposição à qual o abstracionismo chegou atrasado e fêz praça, revolucionando a pintura brasileira com protestos acentuadamente argumentados.

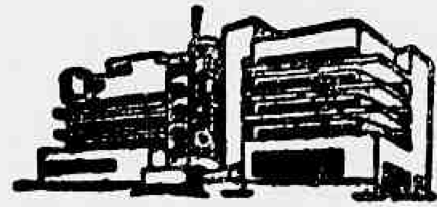
O príncipe Ali, como elemento fino, aprecia tais extravagâncias do pincel e familiarizou-se com certos nomes da Arte, no mundo. Transforma-se, às vêzes, num romântico.

O SEU DESTINO

Apesar dos rumores de que simpatiza com alguma brasileira, Ali Khan insiste em não iniciar outra história de amor, ou melhor, de simples casamento assim tão depressa. Antes, diz, prefere andar, ir a muitos lugares, ver São Paulo e admirar Ouro Prêto. Não se importa se a demora entre nós diminuiu a curiosidade popular sôbre a sua pessoa. Quer é viajar, ver coisas novas, experimentar sensações que nem sempre são as de uma corrida de cavalos, mas que, também, não correspondam àquela memorável do "Vogue", local onde o Sr. Getúlio Vargas pré-estreou o seu novo mandato, almoçando — esclareça-se — pacificamente com numerosos governadores. Porque, para Ali Khan, mais do que para muita gente modesta, a vida pode apresentar-se com um aspecto pacato de mais, esmagada pela etiquêta e redundar nesta coisa debilitante: a monotonia.


MATERNIDADE ARNALDO DE MORAIS

**Direção do Prof. ARNALDO DE MORAIS**



**OPERAÇÕES DE SENHORAS — PARTO SEM DOR** — Clínica aparelhada com todos os recursos modernos.

★

**Serviço especial de assistência ao parto, com internação por seis dias em quarto de Cr$ 180,00, incluindo a assistência médica, por Cr$ 2.500,00 mediante pagamento no ato da inscrição e exame obrigatório com um mês de antecedência.**

★

**CONSULTÓRIO PREVENTIVO DA MULHER** — Exames de seio e útero pelos métodos mais modernos (transiluminação dos seios, colposcopia e colpocitologia), por médicos especializados do Instituto de Ginecologia da Universidade do Brasil.

★

**Aceitam-se doentes de médicos estranhos à Maternidade.**

★

**RUA CONSTANTE RAMOS, 173**
**COPACABANA — Tel.: 27-0110.**



POMADA MINANCORA

*Um verdadeiro tesouro!*

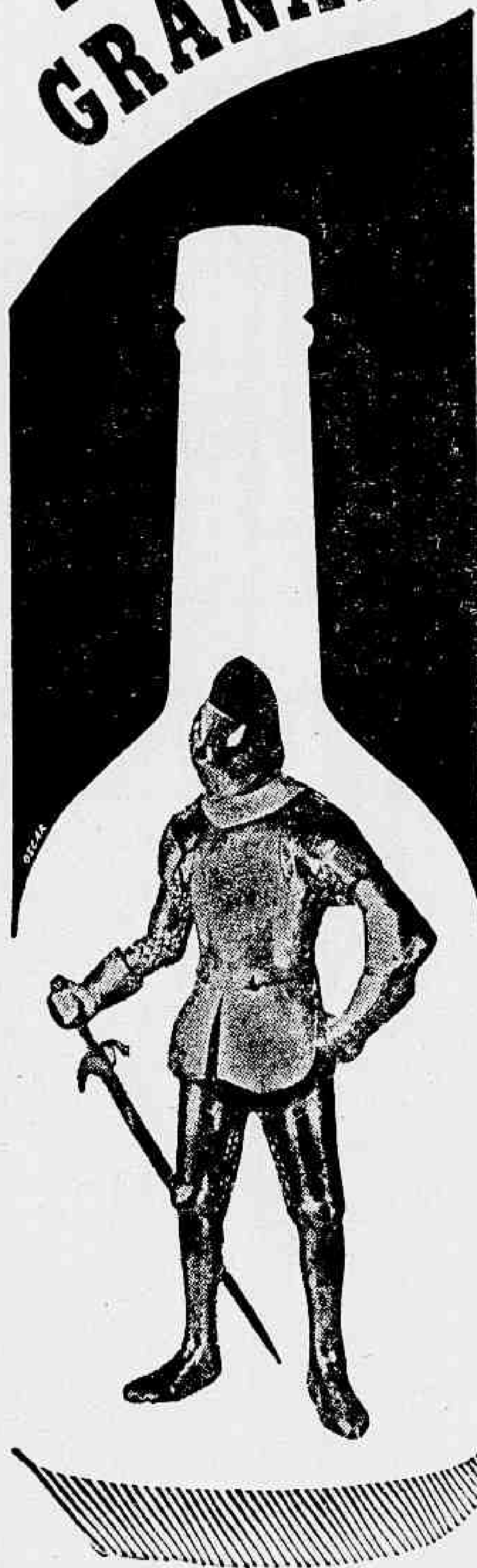



**PARA FERIDAS, ECZEMAS, INFLAMAÇÕES, COCEIRAS, FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.**

**NUNCA EXISTIU IGUAL**

R. A. N. A. D. O.

ÁGUA INGLÊSA GRANADO



Faz de você um forte!

TÔNICA-APERITIVA NAS CONVALESCENÇAS


# BOAS FESTAS

A REVISTA DA SEMANA agradece e retribui as mensagens de Boas Festas recebidas de: Paul J. Christoph Company — Ruy Lowndes (Banco Português do Brasil, S.A.) — Klabin Irmãos & Cia. — Escola Naval — Pearson & Whittemore — J.M. Huber Corp. — Macife S.A., Materiais de Construção — Leonora Amar — Almanaque do S.N.E.S. para 1952 — Linotypo do Brasil S.A. — Casa Bruno — Nadir de Melo Couto — Delta Lins — Air France — Erwin, Wasey S.A. Publicidade — J. Rasina — Tecnigráfica S.A. — União Brasileira de Compositores — Graphicôr Concenter Hartmann Irmãos S.A. — Lino Star Imp. Ltd. — Pan American World Airways — Banco do Comércio, S. A. — Pro-Matre — Instrumental ótico Ltda. — Shell-Mex Brazil Ltd. — Alexander Petersen & Cia. — Bulkley, Dunton Paper Co., S.A. — Automóvel Clube do Brasil — Amir Maggi — Juventus Filmes S.A. — Comp. Importadora Sueco Ltda. — Octávio Sagebns — Mandarino, Artes Gráficas Ltda.

## O ENCONTRO

(Cont. da pág. 38)

Pediu ao motorista que parasse. Saltava ali mesmo. Era um quarteirão só, até ao Largo. No meio da calçada o relógio mostrou-lhe que só faltava um minuto. Ela sorriu, faceira, feliz. Ia chegar na hora. Ia vê-lo, enfim, mais uma vez. E depois? Nora não sabia.

.........................................

Êle comprou cigarros e saiu. Faltava um minuto para a hora marcada. Encaminhou-se para a esquina. Se Nora quisesse voltar... Agora êle podia fazê-la feliz. Podia estar sempre ao seu lado, dedicar-lhe tôdas as horas. Seu seu, inteiramente seu...

Era um homem livre e que, mais do que nunca, precisava do apoio de uma mulher. Essa mulher era Nora. Precisava dos seus carinhos, dos seus beijos, da sua ternura. Sentia falta da sua voz amável, suave, e do seu riso sempre alegre. Tinha saudades, muitas saudades daquele jeito de guria com que ela recebia os conselhos e atendia os pedidos. Nora precisava voltar. O marido?.. Não, êle não podia se preocupar com o marido de Nora. Também ninguém se preocupara com êle. A vida só valia pelos bons momentos que nos proporcionava, e êle queria viver. Queria viver com Nora... A culpa não era sua, se pensava assim. O Destino das pessoas já estava determinado. Sim, Nora voltaria, Nora seria sua, para sempre...

— Papai!

Aquela voz tão meiga cortou-lhe o pensamento. E a mãozinha puxando-lhe o paletó, fê-lo voltar-se. E só então deparou com a filha. Ao avistar o pai, a garôta largou a mão da avó e correu a encontrá-lo. Abraçou-o e cobriu-lhe o rosto de beijos.

Foi naquele instante que uma mulher chegou à esquina. Parou, por um segundo. O suficiente para assistir à cena e comover-se. Ali estava êle, o homem que ela amava, o homem que a fizera comparecer àquele encontro, e pelo qual seria capaz — agora ela compreendia! — de mentir ao próprio marido. Ali estava êle, e abraçava e beijava a filha. Estava tão alegre, tão feliz que Nora não se atreveu a falar-lhe. Não tinha o direito de perturbar sua felicidade fazer sombra em seu lar, embora o amasse ainda... Êle pertencia, sempre pertencera a outro mundo, um mundo diferente do seu, um mundo que ela não poderia conhecer porque seu marido era ultramoderno, e não queria ver-lhe o corpo deformado...

Nora se sentiu infeliz, profundamente infeliz. E afastou-se, ràpidamente, para que ninguém lhe visse as lágrimas que começavam a brilhar em seus olhos belos e sonhadores.

E porque se afastou muito depressa, Nora não viu que a garôta se despedia do pai, e que êle ficava na esquina, à espera da mulher que fôra tudo em sua vida, e que não viria ao encontro marcado cinco anos antes...

A dois passos, no Largo, o relógio da Igreja marcava as quatro horas da tarde...


**BANCO RIBEIRO JUNQUEIRA S. A.**

**Sede — Leopoldina — Estado de Minas Gerais**
**Filial — Rua da Quitanda, 72 — Rio de Janeiro**
**Agência — Rua Chile, 35 — Rio de Janeiro**

D E P A R T A M E N T O S

**Estado de Minas Gerais:** — **Argirita** — Belo Horizonte — Bom Jesus do Galho — Caratinga — Francisco Sales — Inhapim — Itambacurí — Morro Alto — Palma — Patrocínio do Muriaé — Pirapetinga — Pôrto Novo — Recreio — São João Nepomuceno — São Lourenço — Silvestre Ferraz.

**Estado do Rio de Janeiro:** — Areal — Barra Mansa — Cambuci — Campos — Cardoso Moreira — Carmo — Itaperuna — Miracema — Natividade do Carangola — Niterói — Pádua — Petrópolis — Porciuncula — Portela — Pureza — Rezende — São Fidelis — Sapucaia — Volta Redonda.

**Estado de São Paulo:** — Cachoeira Paulista — Presidente Bernardes.

**Estado do Espírito Santo:** — Mimoso do Sul — Muqui.

O P E R A Ç Õ E S

Depósitos — Remessas para o interior — Cobranças — Descontos — Cauções — Guarda de valores.







## Respostas ao teste

1—Fernão Lopes
2—Estreito de Gibraltar
3—Prosador
4—A África
5—George Stephenson
6—Louco
7—Alemanha
8—Anatole France
9—O que acredita em muitos deuses
10—Grande escritora (George Sand, século XIX)
11—Franz Liszt
12—Rossini
13—A dança
14—Cláudio José Rouget de Lisle
15—Apóstata.

# *ANO NOVO*

ELZA TEBET

MAIS um ano se finda e deixa para trás ilusões, sonhos, tudo quanto ambicionávamos ao vê-lo nascer, radioso, nos primeiros dias de sua jornada. E' possível que alguma felicidade também se tenha desfeito.

Mas aqui está o novo ano e dêle dependerá, agora, nossas venturas; nossas esperanças com êle vão renascer, como se tudo começasse a partir da hora em que a humanidade, vendo surgir o dia de São Silvestre, grita: — alvíçaras!

Estamos no momento em que, ansiosos, formulamos novos desejos e esperamos confiantes que, desta vez, aquilo que já é quase passado renasça radiosamente, ante as nossas quimeras que são ânuas e eternas, como desde o comêço do mundo.

Pobre humanidade insatisfeita que, na ânsia imensa de uma felicidade sempre póstera, muitas vêzes deixa de encontrar no presente aquilo que será muito problemático no futuro. E' a eterna insatisfação que temos, em face à possibilidade remota de atingirmos o que não vemos, de alcançarmos o que não divisamos.

E assim, vamos caminhando para o futuro, sempre para novas ilusões, e nem sempre nos apercebendo de que estamos disperdiçando, talvez, os melhores dias de nossa vida, as mais felizes horas de nosso peregrinar nêste imenso vale de lágrimas.

Valerá a pena olharmos para frente com realismo? Só vermos o que realmente é objetivo? Não, certamente. Na nossa existência, nas nossas ações, é indispensável a fantasia. Ela é um consôlo, um confôrto que muito nos anima a enfrentar a realidade absorvente e fria.

Um ano novo é uma esperança.

Mas, os dias não serão os mesmos?

Sim, êles o serão, mas, como ainda não decorreram, resta-nos a esperança de que nos tragam o que os dias passados nos negaram.

E' justo, pois, que retracemos um novo caminho, uma nova trilha, uma miragem mesmo onde tudo se apresente como num conto de fadas.

Ah! 1952, nosso consôlo, nossa nova tábua de salvação, quanto esperamos de ti!

Está próximo o último minuto, o derradeiro instante dessas doze lunações, que também já foram por nós ambicionadas como coisa fora do comum e que, afinal, passaram-se como tudo que a vida nos dá e tira com sua impassividade.

A realidade não nos convence. O ano novo será diferente trará mais tranqüilidade, mais satisfação, maiores alegrias.

Saudemos pois o Ano Novo e esperemos que êle não nos desiluda. Contemos com a nova soma de alegria que êle nos trará.

**Tenhamos fé e determinação e êle não nos negará o que tanto** almejamos.

# A MÚSICA POPULAR DO NATAL

De EDMUNDO LYS

É fácil compreender a importância da música do Natal pelo fato mesmo de ser ela música popular e música folclórica por excelência. O Natal é a mais popular das festas cristãs, aquela que o povo melhor entende e a que, em todos os climas e em tôdas as latitudes, faz mais sua. Assim como os carols e os noels, os vilancicos e as pastorellas, temos nós os pastoris, canções que vêm vindo, através do tempo, com a mesma pureza e a mesma ingenuidade conservadas nas nossas tradições e de tanto sabor como aquêles em que, em outras terras, a alma simples do povo celebra a festa da Natividade. Na música do Natal, com as grandes obras dos mestres, entre o «Messias», de Haendel, o «Oratório de Natal», de Bach, o «Concêrto de Natal», de Carelli, as «Beatitudes», de Cesar Frank, haverá sempre a voz dêsses cânticos populares do Natal, dêsses hinos ingênuos e... profanos — com que a humanidade, nos seus transportes de fé, se mistura, se comunica, mais à vontade, com as coisas do céu, aproveitando, com alegria, a própria humanização de Deus, para tributar-lhe as maiores homenagens e, certamente, as mais sinceras.

O próprio sentimento profano dos cânticos de Natal, a própria linguagem que êles falam, muito desembaraçada, muito pouco litúrgica; e, principalmente, a sua música, ritmo e melodia que mantêm os caracteres do canto e da dança popular — demonstram, de maneira muito expressiva, que o povo, graças aos presepes, às lapinhas, à devoção simples do Menino-Deus, recapitula a adoração ingênua dos pastores de Belém, e compreende, como um acontecimento da «sua» história o mistério do nascimento de Jesus. E, por isto, leva ao Cristo do estábulo, não as orações místicas que a Igreja lhe ensina, mas as obras rústicas de seu engenho, a graça da sua inspiração festiva, o «carol», como no poema de Tennyson:

«They heard her singing her last song,
Reard a carol, mournful holy».

ou as letras maliciosas feitas para a música dos noéls, como as «Mazarinadas», do tempo de Luís XIII das quais uma se inicia com êstes versos:

«Le cardinal
cet animal...»

ou o côro ingênuo da comédia pastoril da Madeira:

«Meu menino Deus do meu coração
Amar-te sim, sim, deixarte não, não».

ou finalmente, a quadrinha laudatória do «terno» baiano:

Oh senhor, dono da casa,
Nós viemos visitar
A sua bela morada
Nós viemos visitar.

De qualquer maneira — «sagrado e triste», como o achou Tennyson, ou terno e humano como o que inspirou o conto célebre de Dickens; alegre e cansável como o noel que Rabelais põe na bôca do frade da abadia de «Thélemes»; doce como o hino «Cantemos por favor», um dos mais antigos noels e que se cantava no mesmo ritmo de uma canção de amor; pouco religioso como os textos e as músicas natalícias que Sabojk recolheu em Avignon; muito profanos, mas ainda assim delicadíssimos, como os noels que se atribuem ao famoso Abelardo do romance de amor infeliz com Heloísa; austeros como os noels de Clement Marot; ou pitorescos e graciosos como os autos brasileiros, humorísticos como nas falas do Bumba-meu-boi:

Oh! seu padre mestre
Não seja tão mau
Dance aquêle passo
Do pinica-pau.

O que se observa em todo o material musical dos pastoris é o seu cunho popular e profano.

★

Em tôdas as terras, em tôdas as paisagens, entre tôdas as gentes o Natal é uma festa religiosa que o povo tirou da igreja para celebrar na pompa rústica dos arraiais das quermesses das feiras.

A humanização transcendente da mangedoura de Belém se comunica imperiosa, e lisonjeiramente, talvez, aos povos. O presepe é uma imagem familiar, compreensiva, fácil ao coração. O mistério natalício, tudo o que há de mais íntimo e de natural portanto, falando bem ao nosso espírito e à nossa própria condição. E é assim que êsse fato, talvez o mais profundo e metafísico do Cristianismo, constituído, pela materialização de Deus, e o mais complexo dogma da igreja, o da Santíssima Trindade, se tornaram simples e acessíveis graças às circunstâncias.

A compreensão do Natal levou ao sentimento do Natal e, pois, à alegria transformada em festa, a alegria mais sincera e espontânea, com que por todo o mundo o povo o comemora. Alegria que se traduz e se contém, sobretudo, na música que acompanha as pastorais natalícias, herança medieval que celebra o nascimento de Jesus com autos, simples cânticos de pastores ou enredos mais complicados, cuja forma, mais completa, se teve na Itália, com a instituição do Presepe e das «Sacre Repprensentazioni», em 1223, com São Francisco de Assis.

★

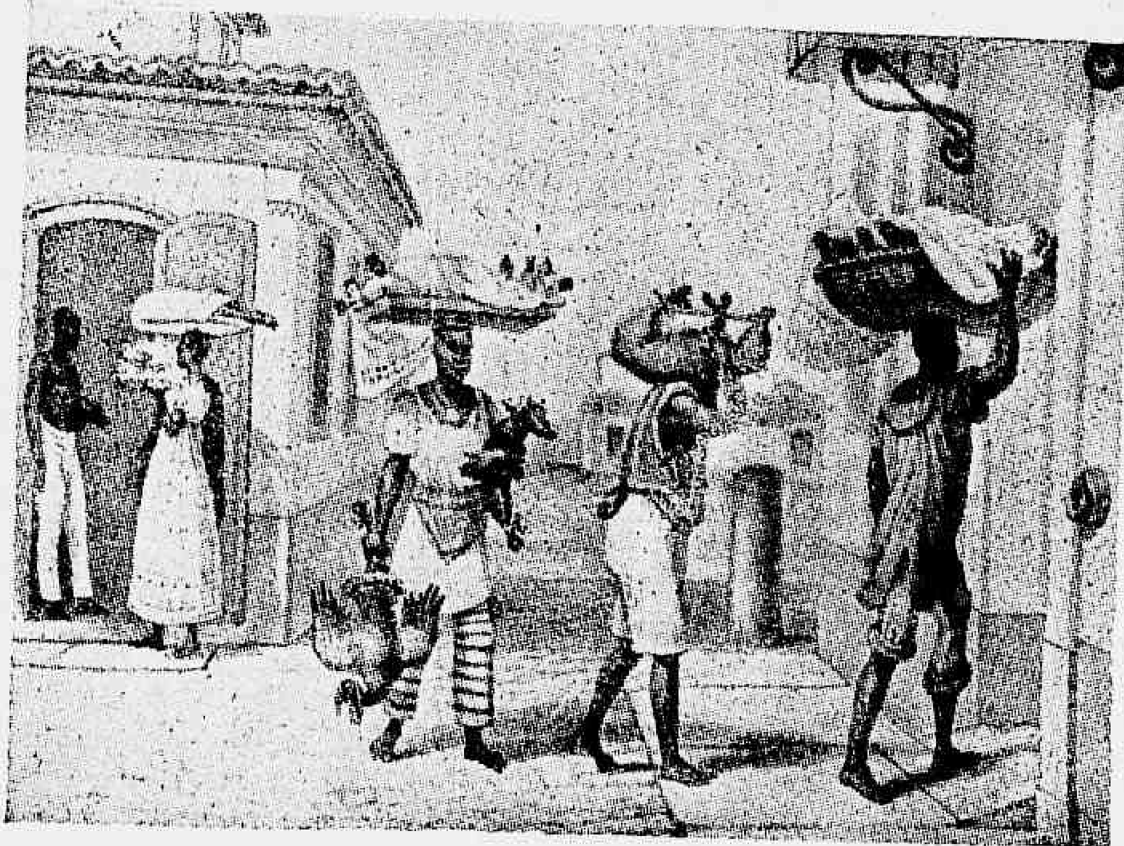
Os bailes pastoris peninsulares vieram ao Brasil, segundo Pereira da Costa, pelos fins do século XVI e aqui enriqueceram seu enrêdo com os sincretismos amerindio e negro. No seu «O Folclore Negro do Brasil», escreve Artur Ramos:

«Transportados para o Brasil, os negros encontraram aqui de um lado os brinquedos de origem peninsular do ciclo das janeiras — pastoris e outros autos de Natal e Reis — do outro lado, festas populares de origem amerindia, confrarias religiosas e outras instituições, onde êles se acomodaram com o sobrevivente de suas organizações totêmicas. Resultou de tudo isso um amálgama curioso que caracteriza as festas populares brasileiras do ciclo do Natal».

E' curioso observar que a música popular do Natal, entre nós, vai aos poucos desaparecendo. Nos grandes centros, principalmente. Na província, ela ainda vive e se conserva em grande parte, às vêzes nas próprias formas originais. Luís da Câmara Cascudo, em recente artigo, escrevia:

«As nossas lapinhas e pastoris estão com suas «jornadas», «falas» e bailados como eram em 1850, quando Gustavo Silva compôs o «A remígio canta o galo» e Miguelzinho da Gamela, aleijado que lia Horácio e Tito Lívio, compôs certas «partes» que estão passando de memória em memória».

Cascudo se referia, então, justamente, ao parecimento dessas tradições e sua nota de respeito às práticas ainda existentes no Rio Grande do Norte. Como no Norte, as festas de Natal, ou simplesmente as «festas» — compreendendo Natal, Ano-Bom e Reis — ainda se celebram com as solenidades tradicionais no interior de Minas e São Paulo talvez. Mas a verdade é que «ranchos» e «ternos», «reisados» e «cheganças» são cada vez mais raros e só se vêem, ainda ou na Bahia ou nas vilas mais afastadas do interior, sertão alto. Nas cidades, mesmo nas cidadezinhas «obliviomescas», como a famosa cidade morta de Monteiro Lobato, congos e maracatus não formam já. Por um lado, ali, como no Rio, o carnaval absorveu usanças e festejos do ciclo das janeiras; por outro lado, o rádio, impondo a música citadina, o chiquismo e as estrangeirices, foi fazendo relegados os repertórios matutos e simplórios de tanto sabor e tanto colorido.



Presentes de Natal (início do século XIX) — Gravura de Debret

★

Não podemos fazer aqui um estudo bem informado sôbre o perecimento no Rio e na «cidade grande» — à exceção única da Bahia negra e tradicionalista — das festas de Natal e Reis e, em geral, dos autos e práticas sincréticas. Mas é incontestável que elas foram absorvidas pelo carnaval; ou, melhor, combinadas com êle, sendo, aliás, êsses autos e festas natalícias, transferidos para a festa pagã, que caracterizam e dão côr e originalidade, ao carnaval carioca, por mais absurdo que isso possa parecer à primeira vista.

A fusão dos enredos cristãos do Natal, com o paganismo do carnaval tem uma explicação aceitável. Os estudiosos poderão pesquisar o assunto desde os primórdios do nosso carnaval de ranchos e pastoras, cordões e bichos totêmicos, nascido, ao que tudo faz crer, por influxo e organização da «Tia Ciata» baiana transplantada para o Rio, dos tempos remotos do «Dois de Ouro», de significativa denominação. Um golpe de vista à crônica carnavalesca demonstra que êle tem duas fases nítidas: antes e depois dos desfiles de ranchos e cordões. Antes, não passava de um arremêdo do carnaval europeu Com entrudo e mascarados, no princípio; em seguida, com bailes de máscaras, copiados dos bailes da Ópera de Paris e cortejos pomposos, como os de Roma, Veneza ou Nice, com motivos, máscaras e fantasias, tudo europeu.

Depois dos ranchos, deriva para as festas de espírito negro, para as práticas negras, amerindias e afro-brasileiras, danças e desfiles de sincretismo religioso negro-católico advindo, com os ranchos e cordões, nitidamente adaptados dos autos e pastoris natalícios, o samba, as procissões, os enredos, idênticos a tudo que se observa nas festas popular-religiosas do ciclo das janeiras.

Desde então, predominam elementos negro-brasileiros e, em menor escala, amerindios e caboclos; máscaras, música, instrumentos, fantasias e enredos, tudo é herança dos pastoris natalícios, com flores e bichos, reis, pastoras e diabinhos, com seus cordões e coretos nordestinos.

Neste capítulo é indispensável notar que não são apenas os blocos e cordões do Rio que guardam nos próprios nomes, como obseva Artur Ramos, os indícios totêmicos: mesmo as chamadas «grandes sociedades» carnavalescas refletem essa influência; aí está a águia dos Democráticos, o gato dos Fenianos, o diabo dos Tenentes.

Por que se daria a aglutinação?

Ao que nos parece, a causa da transferência residiria na repressão policial, no Rio, às práticas negras, condenadas em bloco como feitiçaria. A repressão ao ritual negro levou a raça, hàbilmente, a procurar a mudança, pois o carnaval pagão sempre foi tolerado. Daí a mistura, com mascaradas italianas e cortejos franceses, dos reisados e ranchos que os negros não puderam pôr na rua no tempo devido e para festejar o Menino-Deus.

Esta influência da polícia sôbre o folclore não é mera conjectura. Podemos avaliar-lhe a importância por um canto de maracatu do «Leão do Norte», recolhido por Artur Ramos, e que diz:

«Isso é um a, é um b, é um c
Isso é um c, é um b, é um a
Viva o chefe de poliça
E o prefeito do lugá.»

Ficam evidenciados aqui o respeito e o temor que as autoridades inspiravam.

Aí está por que as solenidades de Natal se celebram no Rio com música sacra, apenas. Os cantos pastoris, as chulas improvizadas ou a música dos ranchos, os lundus sapateados, foram banidos e transformados, aparecendo, talvez como um reflexo, apenas, na politonia das pastoras e nas marcações dos ranchos que enchem a cidade no tríduo gordo»...

# Tudo isto



**ISTO NÃO É NENHUMA** fantasia de carnaval, mas o unifôrme usado por um bandido de São Gabriel, California. Chama-se êle Forrest Colson, isto é, chama-se. Um dia, o «Homem de Marte», apelido que deu a si mesmo, depois de haver roubado 30 mil dólares de um grande magasine da localidade, foi perseguido e morto pela polícia. Em seu covil encontraram todo êste indumento curioso e estranho: capacete com uma caveira pintada, óculos de aviador, um elmo dos tempos medievais, máscaras antigas, máscaras modernas contra gás, cartucheiras, pistolas e uma metralhadora de mão. O homem se havia organizado com tôda a técnica, mas se esqueceu de descobrir a invisibilidade...



**FRANCHOT TONE,** astro de Hollywood é considerado por todos que o conhecem e com êle privam, como o «Cavalheiro Perfeito». Mas Mr. Tone, como qualquer mortal sublunar, tem lá seus dias de azeite quente. E, uma noite, quando viu diante dêle a jornalista Florabel Muir, não se conteve e avançou para ela, cuspindo-lhe no rosto. E dizem que ainda lhe deu uns ponta-pés de quebra. A moça se queixou à polícia e Mr. Tone foi chamado à presença do Juiz para ver-se processado. O astro, visivelmente contrariado, compareceu escoltado por policiais e confirmou a acusação da vítima, mas se confessou profundamente arrependido do feio ato que praticara. Isso lhe valeu livrar-se da cadeia, mas não da multa.

## Salteadoras romanticas



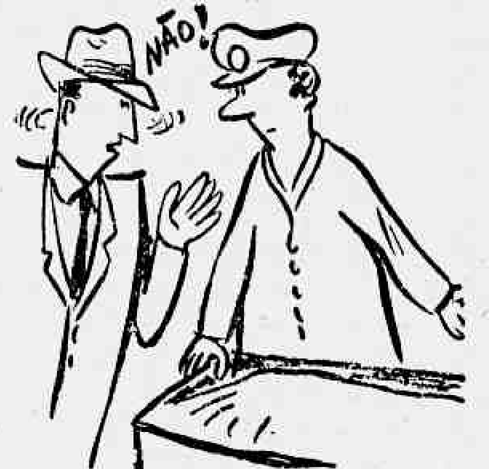
ANTIGAMENTE, quando "a escola era risonha e franca", eram os homens quem atacavam a mulher para roubar-lhe um beijo. Quase sempre havia faniquitos, pois uma donzela do século XIX, ao ver-se surpreendida nas barbas de um marmanjo, não podia ficar tranqüila e, ou gritava, ou caía desfalecida... de mêdo. Mas hoje os tempos são outros. As moças não querem esperar pela iniciativa masculina e pintam o sete. Vejam os leitores o que se passou agora a nove de dezembro na cidade italiana de Castelfranco. Ia o jovem Luciano Revolfatto por uma das ruas da cidade, pedalando calmamente em sua bicicletinha, quando dêle se aproximaram duas lindas moças. Uma delas, sem tirte nem guarte, puxou de um bruto revólver e ordenou ao mancebo que parasse e a ouvisse. O rapaz, à primeira vista, pensara que se tratasse de um trote muito comum entre gente de pouca idade; mas o caso era mesmo de verdade, e os seus cabelos se arrepiaram. Luciano sentiu correr uma frieza letal pela espinha. Empalideceu e pulou ao chão. Uma das garôtas tomou conta da bicicleta, enquanto a outra mantinha o infeliz sob a mira do seu queimante. Luciano nada pôde fazer em sua defesa. Desarmado, sòzinho, teve que deixar-se espoliar pelas duas morenas, que eram uns amôres do Veneto. Mas o caso teve um epílogo positivamente romântico embora dando prejuízos ao rapaz. E' que as duas jovens levaram-lhe a máquina e ainda exigiram que êle desse um beijo em cada uma! Luciano Revolfatto obedeceu e as beijou muito sem graça. Elas lá se foram com a bicicleta e alguns objetos de Revolfatto que, revoltado, foi à Polícia e deu queixa. Essas meninas do Veneto têm cada veneta...

## Um padre contrabandista



*TODOS os jornais dos dias 13 e 14 de dezembro, vespertinos e matutinos, publicaram reportagens sôbre um assunto inédito, pelo que parece. Chegara o transatlântico italiano "Conte Biancamano" ao pôrto do Rio e, na lufa-lufa correspondente, no entra e sai permanente, os olhos dos inspetores alfandegários não perdiam de vista aquela procissão costumeira. Chefiando a turma estava o sagaz Cobiano Bonilha, um dos mais argutos e competentes inspetores da polícia do pôrto. De súbito, o inspetor teve sua atenção atraída para a figura de um sacerdote católico que descia as escadas denotando dificuldade no andar, como se estivesse com as pernas trôpegas. Mas Bonilha o vira a subir com absoluto desembaraço, momentos antes. Como era que o padre estava assim a sofrer das pernas para descer, se, para subir, o fizera lèpidamente? Seria falsa a tradição de que "para descer todos os santos ajudam?" Não! Êste mundo anda muito errado; mas a voz do povo continua a ser a voz de Deus. Logo, havia qualquer anormalidade nas pernas do vigário. Aproximou-se do sacerdote e lhe pediu que o acompanhasse. O padre não opôs a menor resistência e seguiu o aduaneiro até a uma das salas reservadas do Touring Club, sendo ali revistado. Surprêsa! As pernas da ceroula do sacerdote estavam repletas de canetas "Pelican". Nada menos de duzentas, num valor aproximado de quarenta mil cruzeiros. O contrabandista apresentou sua identidade: Otto Strobell, alemão, 32 anos de idade, residente na Estrada Braz de Pina e oficiando na igreja da Penha. E explicou: um outro padre o contratou para fazer aquela "escamoteação" por mil cruzeiros. E êle caiu como um patinho... E o Bonilha atrapalhou a escrita!*

## Estranho destino




QUANDO aquela mulher bem vestida, bonita, de maneiras delicadas, entrou no avião e tomou o seu lugar ao lado de uma senhora, todos pensavam que se tratasse de uma pessoa feliz. Nos seus olhos, no seu sorriso, na sua conversa com outros passageiros e sua vizinha de cadeira, que ia com duas crianças, nada denunciava qualquer angústia interior. Era êsse o nome de Sandra Maria Helena Franco, de vinte e cinco anos de idade, casada com um oficial do Exército, que ficara no norte, enquanto ela viajava para o Rio. Mas, à altura da Bahia, Sandra pediu à aero-moça para trocar de lugar, pois costumava dar umas tragadas, e, com a vizinha tendo a seu lado duas crianças não lhe era possível isso. Imediàtamente atendida, Sandra sentou-se noutra cadeira e fumou o seu cigarrinho com a maior calma dêste mundo. Terminando de fumar, a passageira foi ao "toilette" e de lá voltou a estorcer-se em dores. Médicos que viajavam no avião procuraram socorrê-la. A princípio julgaram tratar-se de um ataque de epilepsia; mas, em seguida, verificaram que a jovem senhora havia ingerido violento veneno e já estava em agonia. Radiografando o ocorrido a bordo do seu PP-CCI, o comandante Neri Hayne pedia providências para a retirada do corpo à chegada ao Rio. De lá para cá, há mais de um mês, o mais estranho mistério envolveu o destino dessa suicida. O oficial, de quem se dizia espôsa, não era seu marido. Um cidadão, vindo de S. Paulo para reconhecer o corpo, depois de dizer que se tratava de sua espôsa desaparecida, retificou o dito e retirou a afirmativa. E não apareceu ninguém para, ao menos, providenciar o sepultamento da infeliz, que ainda deve estar no necrotério, congelada.

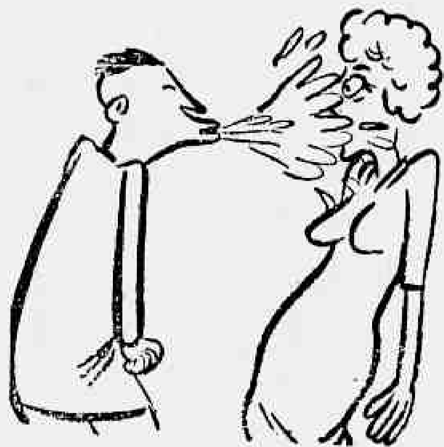
# Aconteceu

## Além da queda, o coice



*O sertanejo, quando quer designar um negócio mau, com prejuizos por todos os lados, costuma dizer: "Além da queda, o coice". A figura é perfeita. Um sujeito monta a cavalo, cai e, ainda por cima, o animal lhe vibra uma patada de arrebentar as costelas. A queda e o coice dão idéia do cúmulo do caiporismo. Pois aqui no Rio, em Botafogo, um cidadão português, estabelecido com uma joalheria e relojoaria, foi vitima de queda e de coice. Enamorado de uma senhorita, o nosso amigo se deixou levar pelos encantos da jovem e a cumulou de presentes caros: pulseiras, relógios, broches, placas, etc., tudo do bom e do melhor. Ambos se escreviam e as cartas eram líricas, cheirando a idílios dos tempos da Arcádia, com o perfume poético de um Gonzaga para sua Marília bela. Um dia, porém, a moça rompeu o noivado. Não queria mais casar-se com o joalheiro. O homem, embora sentindo muito a quebra do compromisso, aceitou o fato consumado, mas exigiu que ela lhe devolvesse os presentes que lhe dera. Mas a moça não achou muito correto o pedido do ex-amado e só lhe mandou de volta as cartas. O desprezado negociante não se conformou e entrou com uma ação em juizo para reaver as jóias, sob a alegação de que se lh'as dera, fôra porque estava certo de que ela viria a tornar-se, muito e mbreve, sua legitima espôsa.. Se fizera tantas doações, era porque confiara na palavra da noiva. Isso se passou há mais de ano. E agora o caso foi decidido na respectiva Vara e o enamorado perdeu o feito e ainda foi condenado nas custas.. Que sirva o caso de lição a muito namorado liberal e apressado. Nada de iscas muito caras, antes de o peixe cair no anzol...*

## Um cavalheiro não cospe



Em qualquer manual de Boas Maneiras podemos ler recomendações que procuram tornar um botocudo em pessoa civilizada. Uma das regras prescritas pela educação social é a que condena veementemente o mau hábito de cuspir. Há pessoas que não passam cinco segundos sem expectorar, e, muitas vêzes ruidosamente. Por êsse feio vicio é que vemos imundicies em salões de cinemas, em veiculos de uso coletivo, nos passeios e nas praças públicas. As escolas, os colégios, os pais de familia deviam corrigir os menores mostrando-lhes que isso de andar fazendo feio aí pelas vias públicas é coisa de selvagens. Um homem decente não cospe. A êsse respeito estamos muito atrasados. Certa vez, há coisa de uns dois ou três anos, um higienista norte-americano declarou, em entrevista à imprensa do Rio, que, apesar de estar encantado com o progresso da ciência médica e dos nossos estabelecimentos hospitalares, não podia compreender como ainda usávamos escarradeiras em recantos de paredes, em cafés, bilhares, barbearias, etc. Na verdade, é de entristecer. Mas, graças a tais reparos, já vamos suprimindo tais "instalações", denunciadoras de nossos maus hábitos civilizados. E' prova de que estamos cuspindo menos. Tudo isto vem a propósito do que sucedeu com o artista Franchot Tone, cognominado o "Cavalheiro Perfeito" lá em Hollywood. Êsse astro, há pouco tempo, cuspiu na cara da jornalista Florabel Muir. Condenado a pagar 400 dólares e a cumprir 45 dias de cadeia, Franchot se envergonhou do seu ato, e confessou, pùblicamente, estar arrependido. Pagou a multa e teve a prisão relaxada pelo juiz. Franchot vai ser "tonificado", pois está esquecido de que é um "Cavalheiro"...

## O Duque sambou



*E inútil resistir ao avanço do tempo e à conseqüente modificação dos costumes. Felipe, duque de Edimburgo, casado com a princesa Margaret, herdeira presuntiva do trono inglês, é um cidadão helênico, principe real da famosa Grécia. Mas, como tudo neste mundo se transforma, Felipe já não liga muita importância às tradições aristocráticas de sangue real, e, sempre que pode, ameniza o panorama da vida com alguma coisa de sabor popular. Aliás, sua real espôsa também é assim, muito simples e acessivel às modificações do tempo e seus costumes. O duque de Edimburgo, Felipe da Grécia e espôso da princesa* **Margaret da Inglaterra,** *acaba de provocar os mais contraditórios comentários na imprensa inglêsa e nos meios politicos e sociais. Que fêz êle? Apenas isto: aproveitando uma festa em que também estava a famosa artista de cinema Ava Gardner, ex-espôsa de Mickey Rooney e atualmente mulher de Frank Sinatra (se já não está divorciada), Felipe dançou com ela, nada menos que um samba! Ora, segundo dizem os conhecedores de etiquêta, há na Côrte da Inglaterra uma proibição absoluta que veda aos pertencentes à Coroa Real o misturar-se ou associar-se com divorciados e gente da plebe. Mas Felipe, indo ao luxuoso clube noturno de Londres, "Empress Night", lá viu Ava a dançar rumbas e sambas. O samba brasileiro, com sua toada convidativa e os remelexos que inspiram a muita mulher bonita, é convidativo. E o duque de Edimburgo não se conteve: abraçou a cintura elegante de Ava Gardner e se meteu no samba. No dia seguinte, com certeza, a Princesa Elizabeth lhe passou um pito, mas o simpático grego estava contentissimo...*



**DAQUI NÃO SAIO,** daqui ninguém me tira! Teria dito às autoridades e à po'ícia Mr. George Thayer, de Santo Antônio (Texas), quando recebeu notificação da municipalidade para desocupar sua casa e ir para um apartamento oferecido em troca. Mas Mr. Thayer construira sua casa, tinha-lhe um amor louco e disse: «Não saio!» E estava cumprindo a promessa que fizera a si mesmo, quando, depois de dois anos de luta, foi acuado lá dentro e atacado a gás lacrimogêneo. E sairia despido, se não o houvessem embrulhado assim. A casa será demolida dando espaço a uma avenida.



**O SARGENTO DO EXÉRCITO** norte-americano, John Morgan, fôra lutar pelas Nações Unidas na guerra da Coréia, quando, em 1950 teve oportunidade de ver a coreana Sunn, telefonista na cidade de Pohang. O rapaz se encheu de amores por ela e começou o romance. A jovem coreana também gostou muito de John, e, pouco depois, contraiam matrimônio. Comunicou aos seus pais em Seattle e lhes disse que, quando obtivessem licença, iria com ela para sua pátria e lhes apresentaria. E' o que a foto mostra: os pais de John recebendo a nora, enquanto John, embevecido, olha a expressão de afeto com que Mr. Morgan abraça a asiática como membro da família. O jovem escapou das batalhas, mas não pôde fugir ao Amor...

# Visite o Corcovado

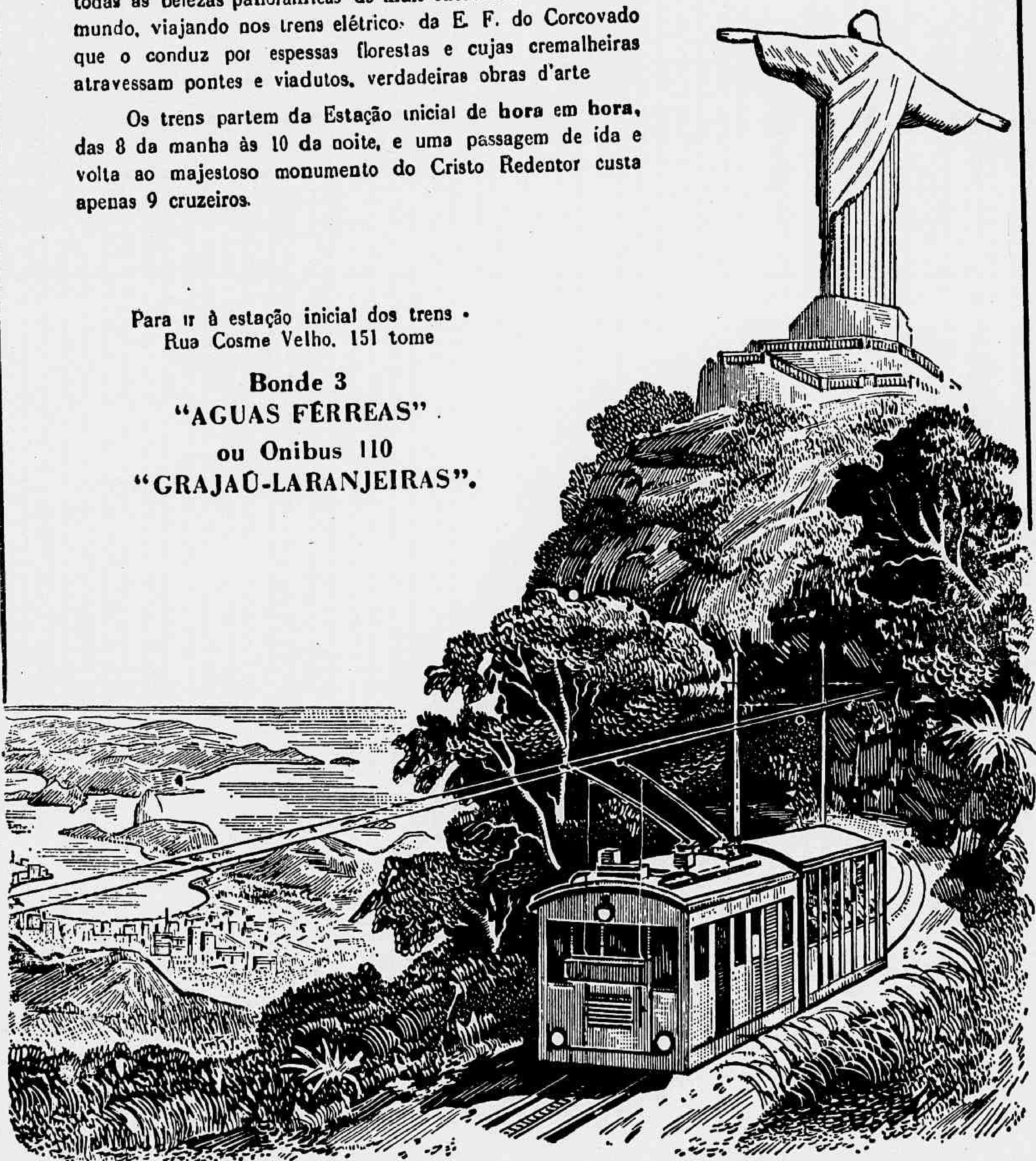
**TEMPERATURA PRIVILEGIADA, NOS DIAS E NAS NOITES MAIS QUENTES DO VERÃO**

A 710 metros acima do nível do mar, descortinam-se tôdas as belezas panorâmicas da mais encantadora cidade do mundo, viajando nos trens elétricos da E. F. do Corcovado que o conduz por espessas florestas e cujas cremalheiras atravessam pontes e viadutos, verdadeiras obras d'arte.

Os trens partem da Estação inicial de **hora em hora**, das 8 da manhã às 10 da noite, e uma passagem de ida e volta ao majestoso monumento do Cristo Redentor custa apenas 9 cruzeiros.

Para ir à estação inicial dos trens – Rua Cosme Velho, 151 tome

**Bonde 3**
**"AGUAS FÉRREAS"**
**ou Onibus 110**
**"GRAJAÚ-LARANJEIRAS".**



**OS MAIS DESLUMBRANTES PANORAMAS DO RIO**

QUARENTA E TRÊS ANOS DEPOIS

# MORRE A ÚLTIMA RAINHA DE PORTUGAL

**EVOCANDO A DUPLA TRAGÉDIA DO LARGO DO PAÇO, EM QUE PERDERAM A VIDA O REI DOM CARLOS E O PRÍNCIPE HERDEIRO LUÍS FELIPE ★ JUNTOU-SE AO MARIDO E AOS FILHOS, DEPOIS DE MORTA ★ A ÚLTIMA VIAGEM**



**UMA DAS ÚLTIMAS** fotografias da rainha Dona Amélia, feita no castelo de Bellevue (França), onde vivia desde 1920 e onde faleceu em 25 de outubro último.

NO dia 25 de outubro último, faleceu no castelo de Bellevue (Versailles), onde habitava desde 1920, a rainha Dona Amélia de Orleans e Bragança, que foi a última soberana portuguêsa. Sua morte ocorreu aos 84 anos de idade. Nos últimos tempos, estavam em sua companhia muito poucos personagens, que continuavam a manter absoluta fidelidade pela côrte, mesmo extinta: o visconde de Asseca, pràticamente o camareiro-mor; dois gentilhomens e duas damas, um empregado doméstico e a governante, madame Jouve, uma velha senhora muito rìgidamente econômica.

Mesmo além de otogenária, a rainha manifestava um espírito sadio e sempre remoçado. Seus sofrimentos físicos poderiam dar-lhe dissabores, realmente haviam dado, mas conservava intacta sua energia moral e resíduos muito fortes do seu espírito da mocidade. Tinha um único confidente e amigo, o abade Toillin, cura de Chesnay. Cada manhã êle a visitava e ficava longo tempo em sua companhia. Conversavam sôbre os assuntos de maior ou menor importância, comentavam as ocorrências do mundo e recordavam. Essa conversa quase sempre se resumia a um monólogo: a velha senhora falava, o sacerdote de quando em quando confirmava com um sinal de cabeça e despedia-se pouco mais tarde.

Pois o destino da última rainha de Portugal fêz que ela fôsse a protagonista de uma grande tragédia. Seu pai, o conde de Paris, estava no exílio quando ela nasceu em York House, Inglaterra, embora de linha ascendente francesa. Era uma garôta extremamente alegre, de caráter forte, obstinado e caprichoso. Pertencia à legião daquelas figuras femininas de quem se costuma dizer que "não levam desaforos para casa", e não levava mesmo.

Não se conformava Amélia com a vida monótona no castelo de Eu, na Normândia, onde seu pai a conservava, e onde sua mãe, Isabela de Orleans, fazia uma existência rotineira.

Um dia resolveram seus pais, que ela contraísse matrimônio. Nessa ocasião, Dom Carlos de Bragança, herdeiro do trono português (no inverno de 1886), iniciava uma viagem de recreio pela Áustria e Alemanha. Provàvelmente, excursionava com o propósito de encontrar noiva e dizia-se que estava em vistas de noivar com a princesa da Saxônia ou com a arquiduqueza de Habsburgo. Mas aconteceu o inesperado e sumamente romântica: Dom Carlos foi ter a Paris, recebeu uma grande festa que lhe ofereceu o duque d'Aumale e nessa festa veio a conhecer a jovem Amélia. Sua viagem não foi adiante, êle a interrompeu tomado de amôres pela jovem, filha primogênita do pretendente ao trono de França e dona de uma beleza famosa. O herdeiro português sentiu que seu destino deveria unir-se ao de Amélia. Sua paixão foi súbita e muito sincera, à verdadeira moda portuguêsa. Oito dias depois do primeiro encontro, estava comprometido. E pouco depois o noivado oficial era anunciado...

A côrte portuguêsa recebeu com a maior simpatia essa união. E a rainha Maria Pia foi ao encontro de sua futura nora, vestindo o hábito de Maria de Medici, que Rubens reproduziu em quadro histórico.

O primeiro ano do matrimônio transcorreu serenamente, na residência do herdeiro ao trono, o palácio de Belém. O ambiente da côrte era formalista e rígido, mas Amélia gostou da "prisão". E o casal teve dois filhos, Luís Felipe e Manuel. Com a ascensão ao trono de Dom Carlos, o filho mais velho — Luís Felipe — ficou sendo o herdeiro.

★

Mas em 1º de fevereiro de 1908, ocorria a tragédia do terreiro do Paço. Quando a família real, com-



**RECONSTITUIÇÃO** do assassínio do rei Dom Carlos, vendo-se a rainha Dona Amélia com o ramo de flores com que tentou proteger seu marido.



FOTOGRAFIA OFICIAL do rei Dom Carlos, publicada pela REVISTA DA SEMANA em 1908, quando ocorreu a tragédia do Largo do Paço, na capital portuguêsa.



PRÍNCIPE Dom Luís Felipe, que deveria substituir Dom Carlos. Foi assassinado na mesma ocasião, subindo ao trono seu irmão mais moço, Dom Manuel.



PRIMEIRO FLAGRANTE de Dona Amélia e Dom Manuel II, obtido logo depois da queles trágicos acontecimentos. O rei, de braço ao peito, também ainda ferido.



PRIMEIRA FOTOGRAFIA do último rei de Portugal, Dom Manuel II, publicada nesta revista em grandes reportagens que noticiaram, em detalhes, o ocorrido.

posta do casal e dois filhos, dava entrada naquela tradicional praça lisboeta — hoje Praça do Comércio — o carro era assaltado por dois conspiradores, Alfredo Costa e Buissa, que descarregavam suas armas nas pessoas que os ocupavam. Dom Carlos faleceu instantâneamente, acontecendo o mesmo com o príncipe-herdeiro, enquanto Dom Manuel era salvo, protegido por Dona Amélia, que lhe cobriu o corpo. Momentos antes o rei havia oferecido à espôsa um delicado ramalhete de cravos; foi com êsse ramo de flores que Dona Amélia procurou reagir contra a investida dos criminosos. Mas ali mesmo Costa e Buissa perderam também a vida, sendo fuzilados pelos policiais que acompanhavam o séquito real.

Subiu ao trono, nessa ocasião, o príncipe Manuel, com dezoito anos incompletos e sem estar perfeitamente educado para exercer tão delicada função. Foi a rainha Dona Amélia quem o orientou e aconselhou até quando, em outubro de 1910, vencia a revolução republicana e ambos, mãe e filho, tinham de retirar-se para o exílio.

★

Desde então a rainha viajou pela Europa, tendo fixado residência por alguns anos na Itália e mais tarde na França. Mesmo à distância, Dona Amélia acompanhava o desenrolar dos acontecimentos na terra que ela fizera sua segunda pátria e onde haviam nascido seus filhos. Mais tarde, Dom Manuel também faleceu. Seu corpo foi trasladado para Lisboa e recolhido à igreja de São Vicente de Fora, a mesma em que já se encontravam os túmulos de Dom Carlos e Luís Felipe.

Faltava alguém para completar a família real, a última da terra portuguêsa. E no dia 25 de outubro último, dona Amélia de Orleans e Bragança expirava no castelo de Bellevue, depois de ter manifestado seu último desejo: o de ser sepultada ao lado do marido e dos filhos.

Semanas depois, um vaso de guerra português ia especialmente à França recolher os restos mortais da última soberana e dava-se daí a dias o desembarque na mesma terra de onde, quarenta e três anos antes, ela havia sido expulsa. Grandes e imponentes foram as homenagens prestadas a Dona Amélia. E quando o féretro deu entrada em São Vicente de Fora, não faltou quem sentisse a grande fôrça do destino, que voltava a reunir, no mesmo solo amigo e generoso, os quatro sêres amigos e devotados à família que nem a morte havia separado.

★

Em 1908, quando ocorreu o regicídio, a REVISTA DA SEMANA ofereceu aos seus leitores, em vários números seguidos, uma completa reportagem sôbre o trágico acontecimento. Alguns dos flagrantes que ilustram estas páginas são reproduzidos daquela época.

Por ocasião da última guerra, o govêrno português convidou Dona Amélia, em Versailles, a refugiar-se em Portugal, pondo à sua disposição um castelo em Cascais:

— Agradeço, mas não posso aceitar — respondeu a ex-soberana. — As bombas não podem assustar a quem, como eu, já passou pelas mais terríveis provações e teve de enfrentar armas de fogo. Em vida, continuarei na França; quando Deus me chamar, quero dormir o último sono em Lisboa ao lado de meus sêres mais queridos.

Sua derradeira vontade foi satisfeita.



**UM ANO ANTES** do duplo crime, os reis Don Carlos e Dona Amélia, em visita ao arsenal de Lisboa. Em baixo, os regicidas Manuel dos Reis da Silva Buissa e Alfredo Luís da Costa, fuzilados no ato dos assassínios. A tragédia ocorreu a 1.º de fevereiro de 1908 e foi agora bastante evocada.





A REVISTA

# Há 50 Anos

(Domingo, 29 de dezembro de 1901)

## NATAL DE 1901...

*A humanidade tem, uma vez em cada ano, a ilusão de uma era nova de paz e de justiça, um novo Messias nascido para purificar com um sangue muito generoso e uma santidade muito alta os feios pecados que nos envenenam e envergonham. O dia de Natal é, pois, na cristandade, uma etapa feliz para o peregrino arrastado pela marcha inexorável do planêta através das mesmas estrêlas, das mesmas constelações e dos mesmos fados. E, nessa curta paragem para tomar fôlego, inventa olhar o passado e recordar inocências da meninice, o olhar volve-se ansioso para os lados de Bethlém, nutrido pela eterna Esperança, o quimérico mas insubstituível sentimento que ajuda a suportar a tremenda cruz da existência.*

*Guardo ainda, ou, antes, os meus guardam um sapatinho onde, tinha eu cinco anos, numa linda noite de dezembro, noite da Europa, gelada e branca, branca de neve e luar, minha mãe colocou uma fortuna em lindas coisas para o seu bebê favorito. Surpreendi-me esta noite a mirá-lo e remirá-lo curiosamente. Cabe-me na palma da mão. E' de camurça branca, um pouco amarelecida pelo tempo e dois nastros de sêda entrançada abraçam o peito do pé numa laçada, ao mesmo tempo elegante e forte, como tudo que participa da infância sadia. Fêz-me rir e chorar. Êsse pé pequenino, gracioso e ligeiro, tornou-se abrutalhado e pesadão, dominador e imperativo e, como os da maior parte dos seus contemporâneos, entrou de esmagar o cascalho das estradas, escalar os fraguedos das penedias e premir o calçamento das ruas cidadãs, talhando-se, na luta feroz pela vida, um espaço para a sua forma robusta. O sapatinho deixou de ser um lindo chapin de Cendrillon, grácil e artístico, deslizando, correndo, voando atrás das borboletas pelos prados recamados de papoulas e converteu-se em um banal auxiliar na caminhada infindável pela conquista do pão... De sapatinho virou sapatão, sapatola e sapatorra. E' feio que mete mêdo.*

*Por isso o Menino Jesus se esquece dêle na noite de Natal e ontem, quando ansioso lhe interrogava o bôjo, na quimérica esperança de um milagre, apenas encontrei um bilhete do redator-chefe da REVISTA reclamando esta croniqueta.*

*JACQUES BONHOMME*

*— A CASA DAS FAZENDAS Pretas, Uruguaiana, 76, é a única onde se encontra de tudo que diz respeito a artigo prêto por preços sem competência. Enxovais de luto preparam-se em 12 horas para enterros. Oficina sob a direção de madame Bélache. Telefone Rio — 27.*

★

*— OUTRAS LOTERIAS: — Da Candelária, em benefício do Recolhimento de N. S. da Piedade, sob a responsabilidade da Irmandade: Vinte contos de réis por 10$000. Só jogam 5.000 bilhetes. — Loterias Nacionais do Brasil, sábado 11 de janeiro, duzentos contos por 15$000. Vigésimos a 750 réis.*

★

*UM, DOIS, TRÊS! Pronto, era uma vez a dor de dente, curada em um minuto pelo Odontálgico. A fama do Odontálgico já está mais alta que o Pão de Açúcar!*




**Ilustração de Raul para a capa da edição de 29-12-1901.**

## TEATROS

UMA pasmaceira assustadora reina pelos palcos desta cidade. De todos os nossos teatros o único que atualmente funciona é o Recreio, no qual a companhia Dias Braga, com admirável pertinácia, nos dá diàriamente excelentes espetáculos. Para breve teremos ali a «première» de «Quo Vadis?», que parece fadado a ruidoso sucesso.

A emprêsa Colás, que funcionava no Apolo, não teve remédio senão arribar à falta de concorrência.

A nóvel emprêsa Cinira Polônio, dirigida por essa gentil artista, continua seus ensaios no Lucinda, onde breve encetará seus espetáculos.

Terminou, por êste ano, a série de concertos populares, do maestro Carlos de Mesquita assim como a dos concertos Figueiredo: estiveram ambos dignos dos maiores encômios, quer quanto à sua organização, quer quanto ao desempenho. Pena que o público não soubesse corresponder aos esforços dos dois maestros.

Está prestes a chegar a São Paulo a companhia italiana de operetas Tomba, a qual se espera que depois venha trabalhar aqui.

Os Cassinos Moulin Rouge e Guarda Velha vão indo bem com seus espetáculos leves e variados. E... mais nada. — P.

## ANÚNCIOS

*— LOTERIA DOS ESTADOS, com extrações diárias em Niterói e Aracaju. Dia 7 de janeiro, cem contos de réis! Com 1$500 o senhor recebe vinte contos. Com 750 réis, dez. E com 450 réis, recebe dois contos!*

## QUEM CORRE MAIS?

Informa-nos um amigo que em alguns pontos da Rússia, existem ainda costumes muito antigos e curiosos, na cerimônia dos casamentos. Um dêles é o do noivo e a noiva correrem desesperadamente para o altar, no momento em que penetram na igreja, pois existe a crença de que, o primeiro que consegue pôr o pé no altar, será o que há de governar a casa. Ora já viram!

## TANTO DINHEIRO!

Júlio Verne afirma que a sua «Viagem à volta do mundo em 80 dias» rendeu em Paris nada menos de seis mil contos de réis.

## POR ÊSSE MUNDO

★ *Na Rússia está sendo obrigatório o ensino de inglês nas escolas de comércio.*

★ *Espera-se que, dentro de dez anos, a Europa tenha 780 milhões de habitantes.*

★ *O primeiro barco a vapor que atravessou o Atlântico foi, em 1818, o chamado "Sol Nascente", de propriedade de lord Cokrane.*

★ *Quando a Rainha Vitória subiu ao trono, Melbourne, que é hoje a sétima cidade do império britânico, compunha-se apenas de quatorze choupanas.*

★ *Na Inglaterra há a mania de agraciar os animais com medalhas e condecorações como se fossem homens.*

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ N.º 52 ★ 29-12-51

Redator-Chefe:
CELESTINO SILVEIRA

Chefe de Publicidade:
J. M. COSTA JÚNIOR

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

Diretor:
**Gratuliano Brito**

**PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS**

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Intern. de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

| | |
|---|---|
| Porte simples — Um ano ...... | Cr$ 200,00 |
| Seis meses .................. | Cr$ 100,00 |
| Registrada — Um ano ........ | Cr$ 230,00 |
| Seis meses .................. | Cr$ 120,00 |

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

| | |
|---|---|
| Registrada — Um ano ........ | Cr$ 350,00 |
| Seis meses .................. | Cr$ 180,00 |

**O número avulso custa Cr$ 4,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 4,50**

CORRESPONDENTES — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Capitão Salomão, 67.

**Tem Agentes em tôdas as localidades do território nacional**

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y.. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2.º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: "Interprensa", Florida, 299, tel. 32, Av. 9509. B. Aires.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

**Êste número consta de 60 páginas**

Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA

**Rua Visconde de Maranguape, 15** — Rio de Janeiro

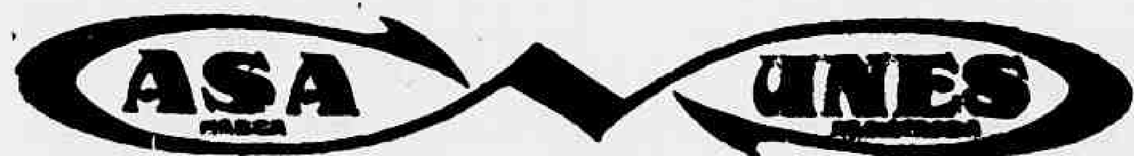
TELEFONES:

**Redação: 22-4447 ★ Publicidade: 22-9570 ★ Portaria: 22-5602 ★ Gerência: 22-8647 ★ Contabilidade: 22-2550**



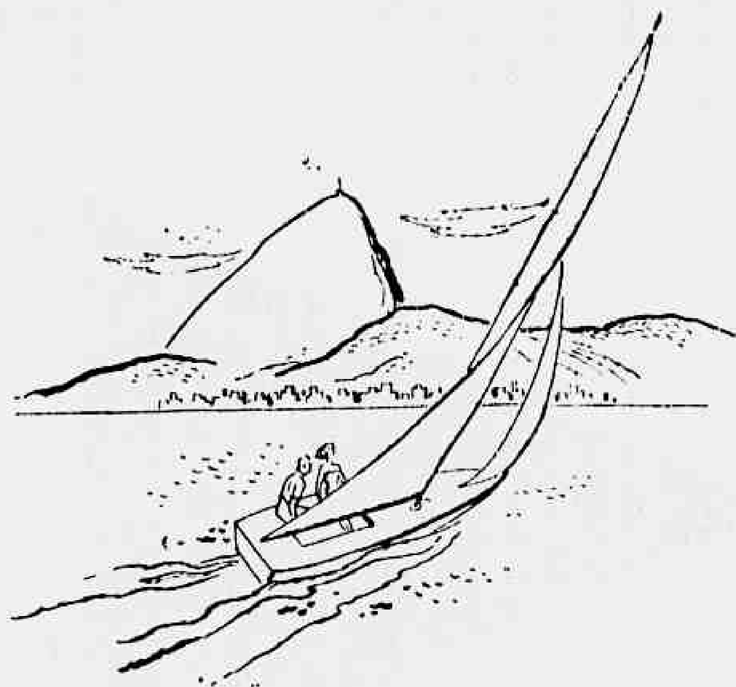
TAPÊTES FEITOS À MÃO
PASSADEIRAS DE FORRAÇÃO
em côres lisas e com flores
GRUPOS ESTOFADOS
— especialidade de nossas oficinas —
MÓVEIS e DECORAÇÕES
projetos executados por técnicos especializados



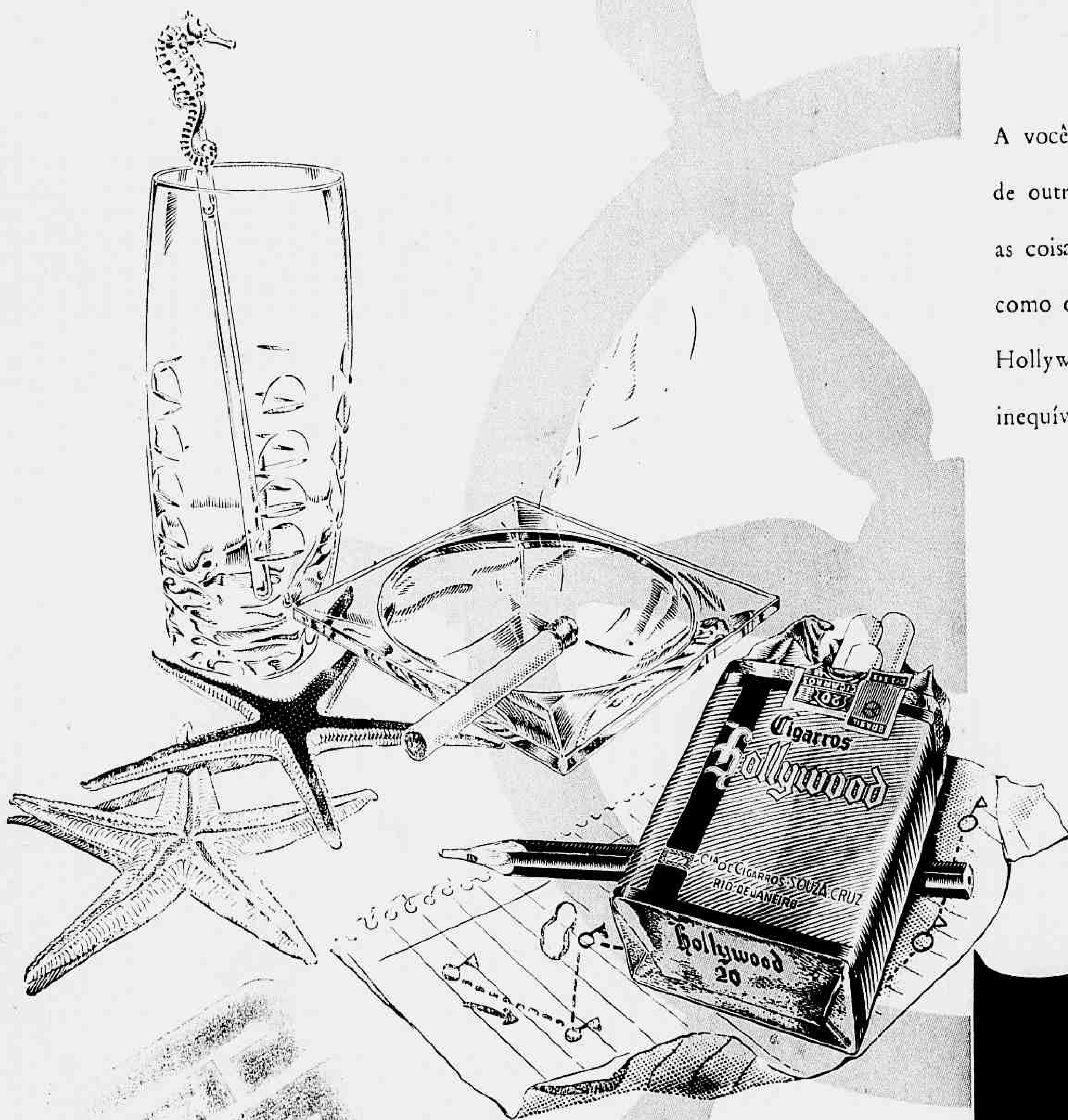




65 rua da CARIOCA 67 — RIO

uma consagração que se deve a você...



A você e a milhares de outros que sabem apreciar as coisas boas da vida — como os sports do mar — Hollywood deve a sua inequívoca consagração.







cigarros Hollywood

*uma tradição de bom gosto*

H-88 091

UM PRODUTO SOUZA CRUZ